FON FON
ANNO XXIV — Nº 19
Rio, 10 de Maio de 1930
PREÇO: 1$000

trabalhos domesticos causam, muitas vezes, dores de cabeça, das costas e abatimento geral.

Cafiaspirina

depressa annulla as consequencias do "surmenage", e restitue ao organismo o seu estado de saude normal.

Mesmo o organismo mais delicado pode tomar esse excellente preparado BAYER por ser elle absolutamente inoffensivo.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

Orgulho

De
Lola Kneip

— Não me fales mais em tal pretendente! — declara o pae, severo.

Maria Clara abaixou a cabeça, resignada. Seu pae era assim mesmo. Bom, bom demais, sob certo ponto de vista. Mas, falassem com elle em casamento! Do homem bondoso que era, tornava-se uma verdadeira fera. Viuvo, doente, immensamente rico, tinha duas manias: os seus insectos e a sua filha. Colleccionador fanatico, tinha em sua casa um verdadeiro museu de insectos. E, ai! dos criados si, por descuido, sumissem algum daquelles bichinhos! O menos que lhes podia acontecer era serem immediatamente despedidos. E nenhum queria passar por isso. Generoso, pro-

digo até demais, fóra os seus repentes neurasthenicos e a sua paixão doentia, não encontrariam, tão facilmente, outro patrão como elle. Por isso, aturavam as zangas do velho, calados. Não querendo perder o emprego, cuidavam o mais possivel das fatidicas borboletas.

Maria Clara era nova. Vinte annos só. E bonita. Bonita de verdade. Si, por acaso, temesse que as palavras dos seus admiradores fossem falsas, tinha em casa os seus espelhos luxuosos, de verdadeiro crystal, a lhe affirmarem que era bella. E, nova e bonita, é natural que tivesse o sangue quente. Que fosse sequiosa de amor, de caricias enlouquecedoras e voluptuosas...

Desde muito nova, quasi uma menina, os pretendentes á sua mãosinha rosada tinham apparecido. Até um americano millionario, banqueiro na terra de Tio Sam, se apresentára. E um barão tambem. Por isso, si alguns vinham por interesse, como o velho declarava, encolerizado, outros vinham possuidos do desejo de ter somente a sua pessoa, despida de ornatos e brilhantes. Ella já gostára de alguns, e já poderia ter sido bem feliz. Mas, e o pae? O ranzinza do velho, por nada deste mundo, queria se separar de Maria Clara. Nem della, nem das suas borboletas. Eram a sua unica paixão. Em compensação, depois de despedido algum pretendente, elle corria ao telephone e, alguns minutos mais tarde, Maria Clara tinha, ante os seus olhos castanho-dourados, deslumbrados, uma joia de custo fabuloso. Ora um annel de rubis sangrentos, ora um collar de perolas scintillantes.... O velho pensava que apagava a dôr da filha com aquelles mimos fabulosos. Commovida, vendo na recusa do velho somente um bem-querer e um ciume enorme, ao ver-se tão doidamente adorada pelo pae, Maria Clara acabava por conformar-se. E os pretendentes e os annos iam passando...

Afinal, chegára a vez de Walker Garcia. Riquissimo, filho unico, podendo esperar, depois da morte do pae, já velho e cançado, uma situação invejavel, apaixonára-se loucamente pela belleza angelica de Maria Clara. Jamais seus olhos tinham visto formosura mais perfeita. E, por quantos paizes, de mulheres seductoras, de belleza satanica, já tinha elle passado, quantas dellas já havia possuido!... Foi pedil-a ao pae. O resultado foi a recusa categorica.

— Não penses mais em tal pretendente! — dissera o pae, á propria Maria Clara.

Ella fingira resignar-se, para não augmentar a colera do velho. Quando, porém, se encontrou, depois, a sós, na sua alcova luxuosa e perfumada, como chorou, enlouquecida de dôr!

"Não penses mais nelle!", dissera-lhe o pae. Não pensar em Walker! Como podia lá ser isso possivel? Si elle era a sua propria vida, o unico nome que lhe vivia, constante, nos labios, a unica visão que lhe andava no pensamento?! Ella amava-o tanto! Desde que o conhecêra, isso já ha uns dois annos, promettêra a si propria dar-se a elle ou a mais nenhum. Si amava unica, louca, desvairadamente ao seu Walker!

Desconsolada, torcia as mãos, em desespero. Como fazer agora, meu Deus? A recusa do velho fôra definitiva. Ella bem o conhecia. Como viver, porém, sem o seu amado? Que egoista que o pae era! Queria-a para elle, para elle só! E ella, moça e sadia, de sangue ardente, estava destinada a passar toda a sua mocidade, sem gloria e sem amor, junto daquelle pae doente e caduco! Não, isso não podia ser! Será que o pae, em sua mocidade, não amára? Casára, então, sem um

pingo de affecto no coração? Não; era impossivel! Só ella, de mocidade gloriosa e ardente, estava condemnada a viver sem um affago de amor!

Pela primeira vez, um estremecimento de revolta agitou-a...

* * *

— Walker! Meu Walker! Que iremos fazer agora? Oh! Eu presinto que a colera de meu pae

ORGULHO

(*Conclusão*)

será tremenda! Que fizemos, meu amor?

— Socega, adorada — dizia-lhe o esposo, carinhoso, beijando-a nos olhos magoados. Si era esse o unico meio de realizarmos o nosso sonho... Elle falará um pouco, é certo, mas, depois, reconhecendo o nosso grande amor, perdoará a grande falta.

— Perdoará, Walker? Sinto-me medrosa! Elle, tão orgulhoso do seu nome, quando souber que a sua filha se casou fugida! Meu Deus, que nos irá acontecer?

— Não penses em coisas tristes, querida. Gozemos o nosso amor. Teu pae ha de reconhecer o seu erro, prendendo-te tão ferreamente junto a si, com toda a tua mocidade e a tua belleza. Mais cedo ou mais tarde, isso tinha que acontecer...

E, doido, affagava-lhe os cabellos doirados, as faces setineas, os dedos longos e nervosos... Beijou-a na bocca. E Maria Clara, desfallecente, esqueceu o pae, com as suas manias, esqueceu tudo, elevada ao paiz do extase e do deslumbramento...

As sombras invadiam, pouco a pouco, o quarto luxuoso e, em breve, só se divisavam confusamente os dois corpos enlaçados, frementes de amor...

* * *

— Vovô, eu me chamo Gilberto, como o senhor. Foi mamãe quem me poz esse nome, porque gosta muito do vovô. E o senhor tambem gosta muito della, de mim e do papae, não é?

E o petiz, louro e rosado, sentado nos joelhos do velho, acariciava-lhe a barba branca e farta. Elle sorria. Como gostava do seu netinho! Como elle lhe recordava a sua Maria Clara, quando era pequena e se sentava, assim mesmo, nos seus joelhos!

Maria Clara chegára havia dias. Não resistindo á saudade do pae, apesar delle, uma vez, logo após a fuga e o casamento, quando ella tentara vel-o, mandar dizer-lhe que não tinha mais filha, tomára a resolução de procural-o. O velho recebera-a de cara amuada. Severo. Passou-lhe um bom sermão.

Neste seculo, a amizade dos filhos pelos paes desapparecera... Onde já se viu uma moça, adulada e rica, abandonar o seu lar para se casar com um homem que mal conhecia? Que tanto podia ser bom, como máo? Afinal, descarregada a consciencia, hospedara-os, a ella e ao marido. Resmungando sempre. A criança, porém, conquistava-o. Toda a sua zanga se esvaia ante a belleza infantil e a travessura do neto. Comtudo, perto de Maria Clara, elle fechava a cara para o pirralho. Mas, ás escondidas... O gury vivia com os bolsos atulhados de moedas e bon-bons. Maria Clara comprehendia e sorria. Orgulho...

— Escute, vovô, como é que termina a historia que o senhor me contava hontem?

— Assim, meu filho: a fada desencantou o moço, elle casou com a princeza...

A porta envidraçada abriu-se. Maria Clara surgiu no limiar. O velho poz o gury no chão, apressado, e continuou a historia de modo differente:

— Então, pirralho malcreado, tiveste coragem de arrancar as azas do meu mais lindo exemplar? Da borboleta que me custou mais caro? Ora, vem cá...

E, virando-o de costas sobre os seus joelhos, deu-lhe pancadas. Pancadas leves, que não doiam. Com cara que queria parecer carrancuda, mas não era...

E Maria Clara, da porta, sorrindo, ouvia o garoto murmurar:

— Uma, duas, tres, quatro, cinco, seis... Já se sabe que, logo, são seis tostões que elle me vae dar...

O HEROE

CONTO DE GABRIEL D'ANNUNZIO

JÁ os grandes estandartes de S. Gonçalo tinham sahido para a praça e oscillavam pesadamente no ar. Eram sustentados por homens herculeos de estatura, as faces vermelhas, os peitos pandos de força, que pareciam brincar em carregal-os.

Depois da victoria sobre os Radusanos, a gente de Mascálice celebrava a festa de setembro com uma nova magnificencia. As almas sentiam-se plenas dum maravilhoso ardor de religião. Toda a comarca sacrificava a riqueza recente do trigo á gloria do padroeiro. As mulheres tinham estendido, de uma janella a outra das ruas, as colchas nupciaes. Os homens tinham enguirlandado as portas de verdura e atapetado as soleiras de flores. Como soprasse o vento, havia pelas ruas um fluxo e refluxo immenso, que deslumbrava e inebriava a multidão.

A procissão continuava a se desdobrar e a crescer para a praça. Deante do altar, onde São Pantaleão tinha cahido, oito homens, os privilegiados, esperavam o momento de erguer a estatua de S. Gonçalo; e chamavam-se: João Curo, o Ummalido, Mattalá, Vicente Guanno, Roque de Couzo, Benedicto Galante, Biagio de Clisci, João Sem Medo. Estavam em silencio, compenetrados da dignidade da investidura, a cabeça um tanto confusa. Pareciam muito fortes; tinham olhos ardentes de fanaticos; traziam aros de ouro nas orelhas, como as mulheres. De quando em quando, apalpavam os biceps e os pulsos, como que se certificando da energia; ou então sorriam-se entre elles furtivamente.

A estatua do padroeiro era enorme, de bronze ôco, pardacenta, a cabeça e as mãos de prata, pesadissima.

Mattalá falou:

—" Attenção!"

O povo em torno tumultuava, ansioso para ver. As vidrarias da egreja rangiam a cada sôpro do vento. A nave fumegava incenso e benjoim. Os sons dos instrumentos chegavam interrompidos. Os oito homens, em meio daquelle turbilhão, pareciam tomados (especie de febre religiosa. E deram os braços, preparados.

Mattalá falou:

— Um!... Dois! Tres!..."

Os homens congregaram-se esforço de erguer a estatua d tar. Mas o peso excedia: a est cambaleou para a esquerda. Os mens não tinham podido s ageitar bem as mãos em volt base para a segurar. Curvavar procurando resistir. João Cu Biagio de Clisci, menos hábeis riaram. A estatua cedeu comp mente daquelle lado, com viole O Ummálido soltou um urro.

— Cuidado! Cuidado! — vo ravam em torno, vendo perig padroeiro. Vinha da praça um gazarra formidável, que abafavi das as vozes.

O Ummálido cahira de joelho mão esquerda sob o bronze. E sim, de joelhos, estava com os o pregados na mão que elle não dia soltar, dois olhos enor cheios de terror e de dôr; m bocca não gritava mais. Alg gottas de sangue regavam o a

Os companheiros, reunidos, força outra vez para sus r o peso. A operação era dif O Ummálido, no espasmo, con hia a bocca. As mulheres frem ao olhar. Finalmente, consegui suspender a estatua. E o Umm retirou a mão esmagada e san nolenta, já sem fôrma.

— Vá para casa, moço! Vá casa! — gritaram-lhe, empur do-o para a porta da egreja.

Uma mulher arrancou o ave offerecendo-o como atadura. Ummálido recusou. Não falava; xava um grupo de homens que ticulavam em volta da esta disputando.

— Sou eu!

— Não senhor! Sou eu!

— Não, não! eu!

Cicco Ponno, Mathias Scafa e Thomás de Clisci porfiavam substituir o Ummálido no o logar de carregador.

Este se aproximou delles. A esmigalhada tombava ao longo flanco, e com a outra abria pa gem. Falou simplesmente:

— O logar é meu!

Estendeu a espadua esquerda para sustentar o padroeiro. Suffocava de dôr, os dentes rangendo, feroz de vontade.

Mattaliá perguntou:

— Que é que você quer fazer?

Respondeu:

— O que S. Gonçalo quizer.

E poz-se a caminho com os outros.

Todo o povo olhava-o, estupefacto, ao passar.

De tanto em tanto, alguem, vendo a ferida que sangrava e ia ficando preta, perguntava-lhe:

— Ummálido, que tens?

Não respondia. Seguia gravemente, marcando o passo ao rythmo da musica, com a cabeça um pouco alterada, debaixo das vastas cobertas que se agitavam ao vento, por entre a multidão cada vez mais compacta.

Cahiu de repente num angulo de rua. O santo estacou um momento e oscillou, debaixo duma desordem passageira; depois recomeçou a marcha. Mathias Scafarola occupou o logar vago. Dois parentes recolheram o desmaiado e levaram-no para a casa mais proxima.

Ana de Ceuzo, uma velha perita em tratar feridas, olhou o membro enfermo e sangrento; depois abanou a cabeça:

— Que é que eu posso fazer?

O Ummálido, que tinha recuperado os sentidos, não abriu a bocca. Sentado, contemplava a ferida, tranquillamente. A mão pendia, os ossos triturados, perdida para sempre.

Dois ou tres agricultores velhos vieram vel-a. Cada um delles, com um gesto ou com uma palavra, exprimiu a mesma idéa.

O Ummálido perguntou:

— Quem carregou o Santo?

Responderam:

— Mathias Scafarola.

Perguntou novamente:

— E agora, que estão fazendo?

Responderam:

— Cantando as vesperas.

Os agricultores despediram-se. Foram ás vesperas. Ouvia-se um grande repique vindo da Matriz.

Um dos parentes collocou junto do ferido uma vazilha com agua fria, dizendo:

— Deixa tua mão ahi. Nós já voltamos. Vamos ouvir as vesperas.

O Ummálido ficou só. O repique augmentava, variando o rythmo. A luz do dia começava a fraquejar. Uma oliveira, impellida pelo vento, batia os ramos de encontro á janella baixa. O Ummálido, sentado, poz-se a banhar a mão aos poucos. Como o sangue e os coagulos cahissem, a ruina apparecia maior.

O Ummálido pensou:

— Tudo perdido. Está perdida. S. Gonçalo, eu a offereço a vós.

Apanhou uma faca e sahiu. Desertas, as ruas. Todos os devotos na egreja. Corriam nuvens violaceas dos crepusculos de setembro por sobre as casas, dessas nuvens que são como rebanhos fugitivos.

Na egreja, a multidão agglomerada cantava quasi em côro, ao som dos instrumentos, com intervallos syncopados. Emanava um calor intenso dos corpos e dos cirios accesos. A cabeça argentea de S. Gonçalo scintillava no alto como um phanal.

O Ummálido entrou. Caminhou para o altar, debaixo do espanto de todos.

Segurando a faca na mão esquerda, falou, com voz clara:

— São Gonçalo, a vós eu a offereço.

E poz-se a cortar em torno ao pulso direito, lentamente, deante do povo, horrorizado. A mão, disforme, ia se destacando aos poucos, envolta em sangue. Vacillou um instante, retida pelos ultimos filamentos. Depois, tombou na salva de cobre que recebia as dádivas em dinheiro, ao pé do padroeiro.

O Ummálido, então, levantou o côto sanguinolento e repetiu, com voz clara:

— São Gonçalo, a vós eu a offereço.

O que nem todos sabem

Os antigos egypcios comiam repôlho depois de ter bebido em abundancia. O repôlho é excellente para combater os effeitos da embriaguez.

•

Reshid, famoso historiador persa, diz, em uma de suas obras, que já no anno de 1303 os chinezes usavam as impressões digitaes como meio de identificação.

•

Ha estrellas cujo brilho soffre uma variação periodica. Assim, ás vezes, têm um resplendor singularmente intenso, e outras vezes se apresentam quasi perdidas na escuridão.

•

Uma coisa que muita gente ignora é que Rasputin, o "Monge Negro" da Russia Rubra, tivesse filhos. Pois teve-os, e tres. Uma filha delle, Mlle. Maria Gregoriovana Rasputin, acha-se, actualmente, em Paris, sem vintem, e para viver quer vender as memorias do pae e fazer-se dançarina.

•

Antes da guerra, Bruxellas era a cidade da Europa, e talvez do mundo, onde os alugueis custavam barato. Um appartamento de quatro habitações, quarto de banho e cozinha, custava, na nossa moeda, a bagatela de duzentos mil réis por anno, mais ou menos.

•

A introducção do chá na Europa deve-se aos hollandezes. Data de 1610. Penetrou depois na França, por volta do anno 1640, e na Inglaterra alguns annos mais tarde.

•

As aranhas vivem nas casas na época das moscas; depois as adultas emigram para passar o inverno fóra, deixando no ninho as larvas, que se transformam em aranha ao chegar a época das moscas.

•

O cáes mais profundo que existe no mundo é o de Southampton. A superficie molhada fórma um parallelogramma de 510 metros de extensão por 120 de largura, tendo quatro pontos de atracação para os navios de 240 metros de comprimento.

Na maré baixa, a profundidade é de 12 metros, e na alta de 15.

Actualmente, os maiores navios não passam de 11 metros de altura, e nisso se vê que os progressos do futuro já estão previstos.

AQUI ENCONTRAREIS A VOSSA SALVAÇÃO

com

os Suppositorios e a Pomada MIDY as

HEMORRHOIDAS

são rapidamente supprimidas.

As hemorrhoidas não são sómente terriveis pelos supplicios que occasionam nem pela desagradavel repercussão que teem sobre o temperamento das suas victimas : ellas são egualmente a origem de complicações de toda a especie, das quaes bastará simplesmente citar as menos graves taes como : as fendas, as fistulas, os abcessos, os phlegmões, que podem pela sua frequencia e conforme os casos, provocar accidentes mortaes.

LABORATORIOS MIDY FRÈRES, 4, Rue du Colonel Moll, PARIS

Agentes Geraes e exclusivos para todo o Brasil.

JULIEN & ROUSSEAU, 174, Rua General Camara — Caixa do Correio, 484, RIO DE JANEIRO

C. P. S. (S. Paulo) — Francamente! Estou quaquasi certo de que a sua carta não encobre uma suave figura de mulher — mas a de um barbado como eu... Os marmanjos deram agora para mudar de sexo...

("Honny Soit...") Assim, é possivel que V. Ex. se tenha dado a esse mau gosto.

Em todo caso, como a sua missiva está encantadoramente perfumada, e eu adoro os perfumes, quero admittir que V. Ex. encarne uma graciosa filha de Eva — loura ou morena, não importa.

Quanto á reclamação que faz, tenho certeza de que lhe não assiste razão para isso.

Nunca recebi o seu endereço. E si m'o enviou, foi de modo a não me inspirar confiança sobre a sinceridade da intenção.

Si de facto deseja obter uma resposta minha, basta que me envie o seu endereço e o seu nome.

UMA DEVOTADA ADMIRADORA (Capital) — Agradeço a gentileza das suas palavras. O mez de Maria tem, realmente, muito de poetico e suave. E', sobretudo, o mez das suggestões, das legendas romanticas, em que a nossa imaginação se perde em devaneios de amor, em *rêveries* lentas e amaveis, povoadas de chimeras, de illusões, de desejos que morrem insaciados...

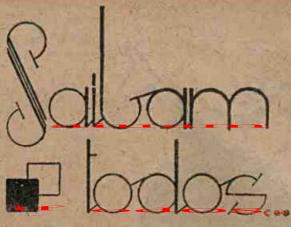
Que diz? Sabe que não estou enganado a seu respeito? Eu a conheço muito bem. Mas como não se quer dar a conhecer, resolvo fingir que nada percebi...

Não gosto de correr atraz das mulheres. Ellas são anjos... Os anjos vôam... E eu, para perseguir anjos, necessitaria, no minimo, de um avião...

MISS ATLANTICO (Capital) — V. Ex. sempre confusa e complicada. Não comprehendi o seu bilhete. Que quer dizer a "sala dupla"? Quanto a esquecel-a, é coisa impossivel. Basta dizer que aquella folhinha que me offereceu pelo Natal está sobre a minha banca de trabalho; e o copo de vidro azul e douradinho estylo Cascadura não me sae da sala de jantar. E' o meu copo predilecto...

No dia do meu anniversario, conforme me pediu, bebi nelle á sua saude, pedindo aos anjos que lhe déssem muita intelligencia, isto é, que conservassem a que possue...

E os anjos disseram pela voz mansa da brisa:

— Amen!

CLORINDA (Capital) — Quem está com a razão é o seu collega portuguez. "Para mim fumar" é tolice. "Para eu fumar" é que é o direito.

Não comprehendi a ironia daquelle grypho que deu ao adjectivo *angelica*...

"Angelica" deve ser V. Ex. Basta pertencer ao sexo das saias.

Pelo menos ainda não vi uma senhorita (ou V. Ex. já é senhora, ahi dos seus trinta e cinco?) que não fosse "um escrinio de angelicas e preciosas virtudes".

V. Ex. me concedendo adjectivos ornamentaes como aquelle, fica despojada delles. E, mais tarde (no caso de ser uma donzella casadoira...) encontrará difficuldade para se fazer admirar pelo seu predilecto. Oh, minha prezada consulente, um pouco de prudencia! Guarde a sua *angelitude* para o seu noivo. Não a desperdice com a minha insignificante pessôa. Nem sequer possúo uma baratinha...

DANTE (Capital) — Que ironia! O sr. toma o nome de Dante? Aliás não é essa a primeira vez que se dá esse desencontro, essa impropriedade das coisas em relação aos nomes.

Conheço Barbaras que são deliciosas creaturas. Sei de Felicidades que têm um destino sombrio. Claras que são legitimas filhas da Angola. E assim por deante... O sr., por exemplo, é um Dante barbaro que commette os maiores crimes contra a Poesia, que nunca lhe fez mal algum.

Vejamos, primeiramente, a sua carta. Eil-a:

"Sr. Yves. — Saudações. — Venho submetter a sua apreciação um trabalho que acabei de "alinhavar" e que tem vontade de figurar nas paginas dessa revista. Não é só por esta unica razão que o envio ás suas mãos, porém, com o intuito de ouvir os seus abalisados conselhos sobre a arte de fazer versos (isto é, metrificação, accentuação, *enjambement*, etc.). Além disso, espero saber o que revela a minha letra e que a graphologia é a sciencia que poderá esclarecer este ponto, cujo conhecimento é tambem da sua alçada.

Creia-me profundamente agradecido a V. S. pelo interesse que tomar por este assumpto. — *Dante*".

P. S. — Prometto quanto a graphologia, ficar muito agradecido mesmo que o Sr. diga as verdades mais "cabelludas". — O mesmo".

Além de tudo, o sr. é egoista. Quer que lhe dê aulas de poetica, faça a sua graphologia e, no fim de contas, não me diz qual é a minha recompensa. Uma corda para me enforcar, illustre Dante?

Não publico o seu poema na sua integra; mas insiro, nesta pagina, algumas estrophes do mesmo...

Estamos na temporada das audições poeticas e é possivel que o sr. encontre alguma declamadora que o queira recitar.

Lá vae poesia:

RECORDAÇÕES

(Homenagem a Srta. B. L.)

Estavas só da casa no divan
Em singela attitude de pagan.
Fiquei logo extasiado
Ante tanta belleza que entrevia,
Que a bluza de setim mal encobria
O corpete bordado!

Tive vontade de pintar a manta,
Fazer qualquer loucura. Que [adianta?
Porém eu me contive.
Travara em doida furia o meu [desejo.
Uma lucta titanica, sem pejo;
Mas o impeto detive.
Percebi que esperavas que eu [ousasse,
E que então em meus braços te [apertasse,
P'ra cobrir-te de beijos!
Notei ainda que tu te impacien- [tavas,
E nos teus lindos gestos de- [monstravas
Tantos, tantos ensejos!

. . . .

Resta hoje apenas a recordação
De alguns momentos de fasci- [nação,
Que velozes passaram:
Como estrella cadente appareceu
Entre as constellações e feneceu...
Rastos de luz ficaram!

"Dante"

O sr. fez bem em não ousar o seu assalto á pequena, deixando

assim de "pintar a manta". Sabe porque? Porque o pae da moça me declarou que estava escondido atraz da porta, com uma bengala da grossura de um bonde.

De que escapou, hein, poeta? Parabens.

JUAN DE TALLEDRA (S. Paulo) — Os seus versos estão defeituosos. Não podem ser publicados. Queira concertal-os. Alguns são penosamente banaes.

ANTONIO POLARY (Parahyba do Norte) — Os seus poemas ainda foram para a cesta. Um dia, o sr. ha de acertar.

Não desanime.

S. R. (Ceará) — Não sei bem a que trabalhos o sr. se refere. Mas, pelo nome, deve ser algum escriptor francez do "Lisez-moi bleu", de Paris, traduzido do francez. O diabo é o nome Caetano, genuinamente brasileiro.

Uma critica literaria deve ser clara, judiciosa e, sobretudo baseada numa argumentação logica, segura, detalhada. A sua, porém, caro sr., é muito superficial. Limita-se a uma ligeira descompostura, lançada com essa exuberancia humoristica dos espiritos literarios e *raffinés*. Mas não basta para suscitar uma replica, ou pelo menos uma defesa vehemente.

Julgo por mim. Não costumo responder a ataques e insultos de despeitados. Si, porém, soffro uma critica justa, criteriosa, que vise construir e não demolir, não raro me curvo a ella e lhe bebo o que ella possúe de util e valioso.

Formule a sua critica com bases mais seguras, pelo menos com uma argumentação irretorquivel. E o sr. será attendido.

Estou muito desvanecido com os exaggerados elogios que faz á minha pessôa. O sr. é amavel e condescendente.

O Gustavo Barroso me pede para agradecer o alto conceito literario em que o tem.

DJENANE (Pará) — Aqui vae a sua carta na integra, afim de que se apprehenda melhor a resposta.

Eil-a:

"Yves. Esta carta minha, mui inexpressiva, te não proporcionará os encantos que sóe encontrar nas missivas das paulistas. Porem como sabes, não nasci na Terra das glycinias e garôa e sim, em um lindo recanto do Pará. E sabes o que, o Pará e o Amazonas são no dizer de Eneida: "Uma Historia... Um deslumbramento, uma quantidade de cousas lindas... crenças, sonhos, esperanças, desejos"...

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Não esperes pois encontrar nestas paginas, um e s t y l o fino e encantador, como de algumas de tuas consulentes, que te deixam uma impressão suave, como um rastro de perfume.

Valem ellas, apenas pela sinceridade.

Agradeço sinceramente a tua franca opinião, sobre o escripto que te mandei. E como maior prova disso, envio-te um outro do mesmo autor, porem mais recente, intitulado Victoria-Regia, que mereceu de nossos escriptores, dentre elles, Severino Silva, o maior talento da Amazonia, os mais francos elogios.

Aguardo anciosamente a tua opinião, pois reputo-a como uma das mais valiosas.

Se achares que póde figurar numa das paginas do *Fon-Fon*, peço-te o favor de publicares, o te ficarei muito grata. O nome do autor é Antonio Alves.

Acabei ha dias de ler "A Costella de Adão". Foi mais um triumpho legitimo para o fino li... nista que é Berillo Neves.

Espero que bem cêdo possa d... liciar-me com a leitura de t... livro "Uma garçonne carioca".

A critica litteraria que tão bem acolheu o festejado escriptor, e... tou certa não poupará á Baste... Portella, os mais francos elogio...

Da amiguinha sincera. — *Djenane*".

Resposta:

1º — A sua missiva, ao contrario do que suppõe, revela um formoso espirito, não sei si de homem ou de mulher. Estou de accordo sobre este ponto: as damas de illustração mais fina em todo o Brasil, são, indiscutivelmente, as paulistas. Eu, que me communico diariamente, com o mundo feminino do paiz (sem jactancia nem cabotinismo. Ou com as duas coisas, ao mesmo tempo, não importa!) posso asseveral-o. Mas dahi não segue que não haja valores lidimos, femininos, em todas as unidades da Federação.

Aqui no Rio ha muitas senhoras de grande illustração, ás quaes, digamos de passagem, rendo as minhas homenagens. No Rio Grande do Sul, na Bahia, em Sergipe e ahi no Pará, idem. Que mais quer?

2º — Eneida é um exemplo de que o Pará é uma terra de damas cultas. Damas e cavalheiros. Citemos os escriptores que conheço: Edgard Proença, Paulo de Oliveira, Eladio Ramos, Severino Silva e tantos outros.

3º — O trabalho que me envia já foi publicado. Não interessa ao *Fon-Fon*. E, por isso, resolvo não dar a minha opinião sobre elle. Demais, não tenho tempo de lel-o. Desculpe. Creio, porém, que o facto de ter sido publicado na *Belem-Nova* é já uma recommendação.

4º — "A Costella de Adão", de Berillo Neves, obteve, como era de esperar, o mais justo successo. Vae entrar na sua 4ª edição. Berillo Neves é, actualmente, o escriptor das moças... Que inveja tenho eu do maganão!

5º — O meu romance "Uma garçonne carioca" está no 35 capitulo (XXXV.) Um pouco de paciencia.

6º — Diz o sr. (ou sra.?) que a critica me será favoravel? Estou certo de que será feroz. Aqui os officiaes do mesmo officio são mais tigrinos do que em qualquer parte.

Não seja optimista.

Yves.

Aos nossos leitores. — **Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.**

• • •

GRAPHOLOGIA — *Condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú,62

Caixa Postal 97 — Telephone

Central 4136

FON - FON — 10-5-930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

ENTREI na cidade á tarde; o fogo ardia nas lareiras; no ar immovel, suspendia-se, em redemoinho, uma camada de pó avermelhado; era sabbado, nas egrejas os sinos annunciavam as vesperas. Do recinto de uma pobre casinhola fechada numa viella escura e deserta, um burguez barbado e descalço enxotava deante de si, com um pão, uma porca e sete porquinhos malhados. Em frente ao portico da egreja estava de pé, como pregado ao solo, uma mulher vestida de preto, com um lenço vermelho e negro

á cabeça. Contava, com ar preoccupado, algumas moedas, e depois de tel-as bem contado, dispunha-as em pequenas columnas sobre a palma da mão, lançava um olhar ao céo plumbeo, á cupola azulada do campanario e, inchando os labios grossos e escuros, recomeçava a contagem.

Entrei numa casa de pasto, pedi uma garrafa de cerveja e, olhando através da janella, puz-me a pensar: — que devemos amaldiçoar, que devemos abençoar?

Eu era muito joven e minhas pesquizas de um equilibrio instavel vacillavam por toda a parte. Parecia-me que a vida mofava absurdamente de mim, fazendo-me caretas repugnantes e humilhantes. Aquillo que os homens dotados de experiencia me aconselhavam a bemdizer, era tedioso, incolor e morto, e recommendavam-me amaldiçoar justamente tudo o que me agradava. Em summa: eu não comprehendia nada de nada. Algumas vezes parecia-me trazer no cerebro pensamentos varios; eram como gottas de chuva suspensas no ar, balouçando-se como globulos multicores, nada mais. E o peor era que eu tinha a impressão de que dava sempre menos fé aos homens experimentados que me diziam tudo comprehender. Encontrava-me num estado doloroso e estupido, eis ahi, como uma mosca que desse com a cabeça num vidro de janella, pensando nada ter á frente, e tendo, por isso, a surpresa de ver barrada a passagem.

Pela estrada deserta, enfadonha, silenciosa e limpa, caminha uma velha de aspecto nada commum, e seu andar faz pensar num vôo de passaro, pelo ar; tem movimentos sinuosos; curvaturas inesperadas e injustificadas; dá saltos medrosos para traz e para os lados quando encontra alguem; e as pessoas afastam-se tambem, fugindo della; acompanham-na com um olhar de esguelha, franzindo as sobrancelhas.

E, na verdade, o seu modo de caminhar recorda o adejar caprichoso e petulante de uma andorinha; a sua similhança com ella é ainda mais accentuada pelos trapos de côres variegadas que esvoaçam sobre a sua figurinha miuda e ligeira; está toda em farrapos; sobre os cabellos grisalhos de sua cabeça de passarinho traz tiras de panno amarradas. E esta mesma cabeça, ella a faz girar ansiosamente sobre o pescoço fino para a direita e para a esquerda, com o nariz pontudo sempre erguido, como a farejar; o curto maxill ferior move-se continuamente, parece mastigar e apresenta sobre a pelle escura do queixo pell salhos eriçados.

De sob a orla da saia, adornada abundant como de proposito, de remendos multicôres, s dois pés nús e sujos, semelhantes a patas de a patas iguaes áquellas que se aferram como g convulsamente ao cimo das lanternas, ás paliss ás paredes das casas.

Bem pouco existe de humano nesse ser estranh pensar numa chimera, numa fantasia monst Como cegos, os seus olhos estão occultos nas obscuras das olheiras e sob os tufos densos da brancelhas irosamente unidas.

Atravessa a estrada, dá um salto, volta, can sob a janella...

Pergunto ao empregado que está junto á mes

— Quem é?

— A mãe dos Kemski — responde com a altivez quella provincia se fala dos monumentos erguido homens celebres: de Karamsin e Simbirski; de giavin a Kazan.

O empregado é um velho bem apessoado, de raspada, uma cara de actor ou de cozinheiro; ten guns dentes postiços e sorri cortezmente com um riso de ouro.

Mesmo sem que lhe pergunte, fala-me detalh mente, com prazer e quasi com enthusiasmo, da " dos Kemski".

— Um certo Kemski, principe, recordo-me, um pazola, chegou não sei de onde, do estrangeiro, sepultar o padrinho; apenas pol-o sob a terra, e morou-se de uma actriz, consumiu rapidamente ella as sommas herdadas e, depois de ter decidido nada mais tinha a fazer no mundo, que não ti mais nenhuma razão de viver, deu um tiro na boc mas não morreu; dilacerou, no entanto, a ling furou o pescoço e continuou a viver, completame mudo; a cabeça se lhe inclinou sobre um dos homb Quando gravemente ferido jazia na sua velha casa, casa que lhe coubera por herança, chegou-se para uma rapariguita, alumna de um instituto de meni pobres, parente de seu padrinho; começou a cur a tratal-o, pol-o de pé e em onze annos de vida sua companhia, deu-lhe cinco filhos.

Durante a vida de Kemski, alimentara-o e aos fil dando lições de musica e desenho, vendendo a mo lia e os objectos da casa, e quando Kemski mor os treze compartimentos da mesma estavam já de t vazios; e a mãe com os filhos continuou nella.

Sorrindo e mostrando os dentes de ouro, o emp gado da casa de pasto dizia:

— Vendeu tudo. Os rapazes dormem no chão e também se estende no assoalho nú para fazer o m mo. Somente algumas vezes roubam feno e pal tronaram-se inteiramente selvagens.

O narrador se enthusiasmava, exclamando com u voz grossa:

— Não ha por lá nem ao menos um espelho, na Certas pessoas de bons sentimentos se interessar por que tinha tomado sobre si tal tormento? E respondeu: "Ha necessidade de sustentar-se a fa lia, não é possivel — disse — que uma tal fam deva extinguir-se. Os Kemski têm salvado a Rus muitas vezes." Certo é uma louca fantasia; por salvar a Russia? A Russia, ninguem a pode rou Não é um cavallo; os zingaros não a furtarão.

A mãe dos Kemski percorria durante vinte e annos as ruas da cidade; como uma loba esquali arripiada, esfaimada, passava sempre apressada, vendo os maxillares, a balbuciar sempre alguma co entre dentes, como a dizer qualquer prece mesmo

As suas vestes tinham-se tornado tão esfarrapa e usadas e ella se asselvajado de tal modo, que pessoas "de bem" não lhe permittiam já entrar n

em suas residencias, não podendo ella, assim, ensinar mais desenho e musica, como o fazia dantes. Esforçando-se para saciar os seus filhos, vivia de furtar nas hortas, dava caça aos pombos sobre os telhados, roubava gallinhas; no verão, colhia azedinha, raizes de mangericão, cogumellos e favas, nas noites de inverno, durante as lufadas de neve, andava pelos bosques a fazer lenha, arrancava estacas dos cercados para aquecer ao menos uma estufa da casa em ruina. A inexhaurivel energia da "mãe" assombrava toda a cidade; mas parecia, tambem, que ninguem a supportava pelos furtos.

— E' verdade que ás vezes a escovamos um pouquinho, mas nunca a enviamos ao posto de policia, nunca! Temos compaixão della. As pessoas dahi da cidade surprehendem-se de que não peça esmolas e, por isso, não lhe querem mal, mas ninguem a ajudou nunca a viver.

— E por que? — perguntei.

— Como explicar ao senhor? Para saber-se é preciso que se conheça até que ponto chega a sua altivez, porque sempre foi altiva e má, fora e dentro da loucura.

Desde ha uns quatro annos, começámos a dar-lhe esmolas, porque enlouqueceu de todo. E imagine o senhor para que havia de dar a sua loucura? Para engrandecer os filhos!

— Os meus filhos — grita — nasceram para reinar! Boris é rei da Polonia; Tima, da Bulgaria; Sascia, é rei da Grecia! — eis o que ella diz! Nós, por causa destes reis, a temos açoutado, porque se tornaram todos ladrões como sua mãe. Boris é corcunda, cahiu da janella quando era pequeno; Limofei é amalucado; Aleksander é surdo-mudo; um outro, ainda pequeno, é tambem um degenerado. O que importa é que são todos ladrões, e Boris, especialmente, é um cynico para taes cousas. Somente o primogenito, Kronid, tornou-se um homem direito; trabalha no matadouro; modesto, tranquillo, envergonha-se da mãe e dos irmãos; não mora com elles, nem quer conhecel-os. Casou-se ha pouco tempo com uma lavadeira. E a mãe continúa a caçar por toda a parte, a correr á procura de alimento para os seus parasitas. Extraordinaria: até o bispo está admirado della!

— Que inesgotavel paciencia — exclamou um dia — aprendam!

— Precisamos dar-lhe esmolas de uma certa maneira, porque tem horror das pessoas; rechaça-as, e grita: "Vão-se embora! Reis não precisam de esmolas!"

O "garçon" é bonachão, desejoso de falar e ignorante do bem estar da propria existencia. Não notei quando interrompeu, a um certo ponto, a sua narração sobre "a mãe dos Kemski" para metter-se a falar de si.

— Por cada cousa desagradavel, a sorte me recompensou diligentemente com um prazer. Vivi com minha mulher dezesete annos, eramos uma só alma, mas, quando viva, eu soffria sempre de dôr de dentes. Tratava-os, arrancava-os — e doiam sempre! Minha mulher morreu e no mesmo anno fiquei curado do mal terrivel. Existe, então, um equilibrio dos factos... E' um peccado lamentar-se a gente...

O homem esquecera evidentemente que tinha os dentes artificiaes.

— Olhe, olhe, lá se arrasta o rei da Polonia!

No meio da rua move-se sobre duas pernas tortas um grande feixe de palha, ligado, sem nenhum capricho, por um cordel de tilha; o rapaz, sob o feixe, é apenas adivinhado, porque se lhe descobrem os pés chatos de aranha; o calção está roto sobre o joelho direito, deixando a descoberto um joelho nú e torto tambem.

— Eis o rei da Polonia — disse o homem, com um risinho gaiato: — Eh, eh, eh...

E' noite. Através das arvores, descobre-se a lua e algumas raras estrellas. Zumbem os fios telegraphicos. O ar azulado acima de minha cabeça cheira a pó e a agua estagnada.

Deante de mim encontra-se uma casa de dois andares com tres columnas descascadas ao longo da fachada; as armações estão quebradas, tambem uma parte ladrilhada está toda em ruinas; as janellas são aberturas dentadas, desiguaes, e parece que dellas se derrama sobre a rua, como uma fumaça gelada, a mais densa obscuridade.

Cinco janellas existem na velha propriedade; duas dellas estão sem peitoril, com os tijolos á mostra. Através do vidro turvo de uma das outras tres, da ultima, transparece a mancha avermelhada de uma lampada; nessa janella, não obstante o forte calor, está fechada e pregada pelo lado de fora com uma travessa; evidentemente, as hombreiras quebraram-se e não se pode mais abrir. Por detraz da janella ha um alarido; é um rumor semelhante a uivos e latidos de cães; parece que alguem chora; duas vozes se alternam, gritando:

— Damas de espadas...

— Enganas-te — é um rei...

— Dois copeki!

— Toma, come...

De detraz do angulo da casa surge uma figura espectral de fórmas indecisas, parece que avança encolhida. Observo-a com attenção e reconheço-a: é a "mãe dos Kemski"; curvada, apanha alguma cousa do chão, põe-na na barra da saia; ouço-a resmungar. Eil-a que se approxima; vem rastejando até junto de mim, chocou-se quasi de encontro ás minhas pernas. Mas ergue-se com impeto e, lançando-me em cima cavacos e ramos seccos, grita:

— Ah, ah, maldito!...

E' um grito sobrenatural, inhumano; nenhuma creatura deve, pode gritar assim.

De perto, a "mãe dos Kemski" é pequena como uma menina. Curvando-se em angulo recto, apanha do chão punhados de terra e de lixo, arremessa-os contra mim e chama, com voz estridente:

— Meninos! meninos!...

Ouço um estrepito de pés descalços e vou-me embora; acompanham-me exclamações irritadas:

— Traga-a para cá depressa...

— Eh, estupida!

— Quem a deixou sahir?

Uma joven voz, de baixo, de timbre ainda debil, profere as peores insolencias russas...

Rompe o dia. Assento-me num banco de uma das ruas da cidade e tenho um grande desejo de perguntar a um alguem qualquer que vae passar:

— E por que cousas assim devem existir — a "mãe dos Kemski" e creaturas semelhantes? E para que servem os absurdos soffrimentos do homem?

TROCA DE ESPOSA

DE GIAN CAPO

ENTRE um e outro *pokerino*, emquanto esperava o advogado que fôra falar ao telephone, o resto se puzera a palestrar. Atacou um, de chofre, num ar de troça: — Sabem da ultima?...

Notaram já que se começa sempre pela ultima, pela novidade do dia, o *vient de paraître* dos vi... jantes commerciaes e dos fazedores de espirito? A *ultima* não se sabe bem de onde vem; nas sociedades provincianas chega com alguns mezes ou um anno de atrazo, conservando todavia um fresco sabor de novidade.

O effeito do graccjo não foi brilhante, e o narrador, um pouco desapontado, voltou a cabeça, procurando dar maior realce ás phrases e colloril-as com mais vivacidade; emquanto fallava, fazia gyrar entre os dedos um lenço e, no arranco final, levou-o inconscientemente ao bolso externo do casaco. Então uma gargalhada explodiu, muito mais ruidosa do que valesse a frioleira. Que tinha acontecido? Todo preoccupado no desejo de fazer rir, tinha distrahidamente trocado o lenço por um guardanapinho de chá, e empurrava-o com os dedos para obrigal-o a entrar no bolso pequenino.

Advertido do erro, riu tambem; riu mais do que os outros. Ah, a distracção! Era notavel nas suas distracções. Uma vez...

A conversa versou sobre o thema da distracção e cada um quiz narrar os proprios episodios pessoaes.

Os individuos, em geral, attribuem-se certos defeitos de bôa vontade. Louvar-se de uma virtude póde parecer vangloria; mas reconhecer-se um defeito é uma forma de modestia presumpçosa, de ambição mascarada. A distracção, pois, de Archimedes, quando correu completamente despido pelas ruas de Syracusa, gritando "Eureka!" póde ser considerado como um defeito de luxo, um attributo necessario do genio.

Os quatro amigos continuavam a contar por algum tempo já, alternativamente, os casos mais singulares, quando o advogado chegou e entrou tambem na palestra. Relativamente a distracções levava a todos de vencida; tinha a supremacia na questão.

— Imaginem — disse elle — que por distracção troquei de esposa.

— Isto acontece a todos — sentenciou um delles.

— Não, não; affirmo-lhes: enganei-me ao mudar de estado, não já porque fizesse melhor ficando solteiro, mas propriamente porque tomei uma esposa acreditando tratar-se de outra.

— Repito-te que isto succede com todo mundo — rebateu o primeiro. — Enamoras-te de uma rapariga porque fazes tal e tal conceito della; casas, e passados os primeiros enthusiasmos, descobres que é inteiramente outra.

— Mas não, absolutamente... digo que troquei uma mulher por outra, assim como se, ao sahir, trocasse o meu chapéo pelo teu.

A comparação do chapéo punha a questão em termos interessantes, mas inverosimeis. O er...

RECOMMENDADAS NO MUNDO INTEIRO COMO UM TRATAMENTO EFFICAZ CONTRA

AS DESORDENS NOS RINS

PILULAS DE WITT

Para os Rins e a Bexiga

RECOMMENDADAS pelos bons médicos contra as Desordens nos Rins, Dores nas Costas, Rheumatismo, Sciatica, Impurezas do Sangue, e Insomnias provocadas por Dores Rheumaticas, as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga provam a sua efficacia dentro de 24 horas. Isto se demonstra facilmente. "Soube de notáveis resultados obtidos com este tratamento", disse um medico. Se a sua saúde é precaria, se V. S. perdeu seu vigor e vitalidade e está envelhecido antes do tempo, sem animo para trabalhar ou distrahir-se, lhe offerecemos este tratamento de fama mundial para que comprove o que muitos outros têm provado: A SUA EFFICACIA INDISCUTIVEL.

Milhares de homens e mulheres que estão litteralmente extenuados por constantes Dores nas Costas e outros Symptomas de Desordens nos Rins, pensam que têm que continuar soffrendo, privados das alegrias que a vida lhes pode brindar.

Não obstante, muitas vezes é possivel — e muitas testemunhas apoiam a nossa affirmação — recobrar a saúde e o vigor e voltar á gozar de uma vida livre de horríveis e constantes dores. Basta adquirir um frasco das Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Seu custo é insignificante, comparado com o bem estar que proporcionam.

Consulte o seu pharmaceutico sobre este tratamento maravilhoso e economico. V. S. se convencerá que o elogio mundial tributado ás Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga é merecido. Nós cremos, e a nossa offerta de fornecimento grátis para uma prova confirma a nossa opinião, que não existe um tratamento mais racional para combater o Rheumatismo, as Desordens dos Rins e da Bexiga, as Impurezas do Sangue e a Falta de Vitalidade.

Para comprovar a rapidez e a segurança com que as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga fazem effeito, remettemos um fornecimento grátis para prova á quem escrever á E. C. De Witt & Co. Ltd. (Depto. M. 1) Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

PARA OBTER SUA CAIXA GRATIS, ESCREVA AO ENDEREÇO ACIMA INDICADO.

PREÇOS NO DISTRICTO FEDERAL | Rs. 7$500 O FRASCO PEQUENO | Rs. 12$500 O FRASCO GRANDE

LICENCIADAS PELO D. N. S. P. SOB O No. 145

M. 1.

A senhora que frequenta a sociedade embelleza sua pelle com Pears

BOLAS PARA TOILETTE

Feitas de sabão transparente original e moldadas para caber na mão. São sabonetes extremamente refrescantes e proprios para climas quentes.

Em tres tamanhos.

SABONETE PERFUMADO TRANSPARENTE

Em fórma oval. Perfeitamente concentrado e de longa duração. Seu perfume é deliciosamente refrescante.

Muito usado em climas quentes.

PB/19/3

Troca de esposa

(Continuação)

psychologico explica-se, mas uma troca material, e de uma creatura... Eh! Fóra! o advogado queria gracejar...

— E no entanto assim foi — repetiu o homem que tinha trocado de esposa. — Vão ouvir.

Aos quatorze annos, apaixonei-me loucamente po: uma meninota. Eu estava no collegio, um pensionato para estudantes das escolas médias superiores. A disciplina interna era severa, mas em compensação, gozavam duas horas por dia de sahida livre.

O estabelecimento tinha a sua sede no ex-convento dos dominicanos, no bairro de Portello, que naquelle tempo era uma vasta zona de hortas e jardins atravessada por uma rua que era cortada lateralmente por travessas, com casas pequeninas de alpendre á frente.

Quasi todos os dias, ao sahir, encontrava nas proximidades do collegio uma bellissima rapariguita de grandes olhos celestes, um perfil grego e duas magnificas tranças de cabellos louros de tons avermelhados, apartando-se na nuca e descendo dos hombros sobre o peito até á cintura. Se ella estava só, andava ligeiramente com um pacote de livros sob o braço; muito mais vezes porém, eu a via em companhia di um homem baixo, de uns cincoenta annos, um poucc curvo, com um aspecto doentio; caminhava, então, de vagar, com o bello rosto sempre voltado para o pobre homem, numa expressão de ternura vigilante. Da simillhança de ambos, comprehendia-se que eram pae e filha. E que elle a ia buscar á Escola publica do lugar.

Um dia pude seguir a bella até a sua casa.

Residia numa das travessas lateraes, pouco longe do collegio. Vi-a parar junto de um portãosinho verde, de avenida. Lá dentro, havia quatro portas; tres traziam ao lado um nome gravado numa placa de latão. Não os podia distinguir nem poderia asseverar depois em qual das portas tinha entrado ella. Nada disso tinha importancia. Se lhe quizesse escrever, ser-me-ia facil esperal-a e entregar-lhe a carta *brevi manu* á sombra do portãosinho obscuro sob o alpendre, e ninguem notaria o gesto audaz e o meu ingenuo rubor. Eu era um precoce e prodigo distribuidor de cartas, em prosa e em versos, ás costureirinhas, não obstante sentir que a minha confiada desenvoltura se transformaria diante dellas no tremor ingenuo do principiante. Além disso, agora, nãc me parecia necessario revelar-lhe o meu nome nem o meu amor; o primeiro nada diziam; o segundo, não lhe poderia dizer mais do que ella já devia ter comprehendido.

Na ultima temporada de opera, eu tinha assistido a uma representação de "Tristão e Isolda" e a loura menina das longas tranças como a heroina wagneriana da scena lyrica, era a minha dama ideal, a alma gemea que o destino me confiara.

Eu a desposaria um dia, tinha plena certeza; e no domingo, na missa das onze e meia da Basilica quando, insinuando-me entre a multidão, conseguia collocar-me junto della sem dar nas vistas do padre, parecia-me estar perto da companheira de minha vida, e estava commovido, com os olhos voltados para o altar e o coração em Deus, sem ter nunca perturbada a minha segurança e a sua tranquillidade com um gesto ou um olhar indiscreto.

Sem duvida ella comprehendia o meu procedimento serio e correcto, apreciava o meu commedimento, e agradecia-me.

Veio o estio; terminados os exames, voltei para o campo, para junto de minha familia; e esperei Outubro, certo de tornar a encontrar a minha Isotta. N entanto, não mais a vi. Consumi muitas horas pr ciosas de folga caminhando acima e abaixo, dian do portãosinho; convenci-me, afinal, que não mora mais alli, e estendi as pesquizas e as investigaçõ até a rua vizinha, depois ás menos proximas, em s guida ás mais distantes; a febre tornou-se angusti e a angustia perdia de intensidade emquanto as pe quizas ganhavam em extensão. Nestas voltas, ia de cobrindo recantos desconhecidos da cidade; pequ ninas praças arborizadas e solitarias, egrejas dese tas, palacios vetustos e severos e o meu espiri emballava-se brandamente na serenidade melancoli do grave Outomno que amarellecia as folhas, cr pusculo de uma estação moribunda no crepuscu dos seculos mortos e vivendo ainda no silencio d cousas, quebrado de espaço a espaço por toque d campainha, pelo resoar dos passos sob um portic do chilrear das andorinhas em torno de um camp nario ou sob uma gotteira, do charar pacifico de transeuntes para lá dos muros dos jardins.

Oito annos mais tarde encontrei-a na universidad Amamo-nos subitamente, como se nos conhecessem sempre. Tive uma desillusão quando negou ter-m visto em outros tempos, mas pensei numa candid mentira ou talvez simples gracejo, (não queria co fessar as minhas longas pesquizas) e evitei insisti na recordação, porque seria muito humilhante te certeza de que o meu grande amor juvenil não tinha nem ao menos esflorado e a minha existenci lhe passara junto indifferente e sem ser notada com a de tantos outros que se encontravam com ella pel estrada.

E depois o amor ardia com tal enthusiasmo qu toda a recordação do passado empallidecia e de apparecia na nova luz.

Morto o pae havia alguns annos — a mãe, não conhecera ao menos, — ficara só. Possuia um dot discreto; eu, prestes a formar-me, já tinha segur um bom lugar no escriptorio de um advogado ce lebre; decidimos, então, casarmo-nos no anno se guinte. E casamo-nos.

— E é tua mulher?

— Sim.

— Esta de agora?

— Não tive senão uma até hoje.

— Mas... e a distracção?

— Esperem; não acabei ainda. Passaram-se cerca de tres annos, discretamente felizes. Um dia chegámos, eu e minha mulher, por acaso, na travessa em que residira Isotta. Juntos diante do portãosinho verde, parei; minha mulher me olhou sorpresa; olho-a tambem e ella me pergunta: — Por que parou?

— Não te recordas? — interrogo por minha vez.

— De que?

— De quando moravas aqui...

— Eu?

— Com teu pae.

— Eu?!

Fixei-a bem nos olhos, como se a observasse pela primeira vez: os seus olhos eram de um azul bem diverso dos de Isotta; os cabellos louros-cinza não tinham reflexos metallicos; o nariz não possuia a pureza da linha grega. Uma sombra passou-me no rosto; uma inquietação hostil descubro no olhar de minha mulher. Pergunta-me em tom aspero: — Não me explicas a razão de tudo isto?

Tento um pretexto tolo: — Como? Não me disseste uma vez que residias aqui?

— Eu?

— Com teu pae? Elle te ia buscar á escola todos os dias.

(Segue adeante)

Elegance - Simplicité - Bon-gout

Les cheveux se portent un peu plus longs la coupe est un peu plus savante, dificile; les ondulations souples, profondes, les pointes lègerement bouclées encadre bien le visage voilá la coiffure moderne.

Aucune maison ne la realise mieux que les artistes coiffeurs qui travaillent chez A. Doret 5 rue Alcindo Guanabara, 5 a

Tél. 2 - 2431

La maison A. Doret vous recommande ses manicures, ses merveilleux produits pour les soins de la peau, ses incomparables lotions resineuses, pour la mise en plis, ses parfums, ses teintures pour cheveux, ses vernis pour les ongles. Suivre les conseils de A. Doret pour tout ce qui concerne, l'hygiene des cheveux, la beauté du visage, c'est jamais se repentir, A. Doret.

A. DORET, coiffeur pour Dame — 5, rue Alcindo Guanabara, 5-A. Tel. 2 - 2431

Troca de esposa

(Conclusão)

— Eu te disse semelhante cousa?... Tu estás sonhando!... Meu pae estava no banco de manhã á noite.

— Oh, que cousa estranha! Como era teu pae?

— Como era elle?

— Sim, quero dizer... alto como eu?

— Não, tu lhe chegarias pelos hombros... Um metro e noventa; pesava cento e dez kilos; parecia uma torre, e no entanto, pobresinho, o mal assaltou-o inesperadamente...

Continuamos o passeio fallando do pobre pae... Minha mulher sabia que eu era muito distrahido e não fez grande caso do meu assombro; esforcei-me por apparentar tranquillidade, mas, por dentro, sentia ruir-se, pedaço por pedaço, todo o edificio da illusões que me uniam a ella. Era uma outra, uma outra que eu tinha diante dos olhos. Esposara uma mulher pensando que fosse outra.. Não podem imaginar vocês que desastre é a destruição de uma tal illusão. Senti immediatamente que não a amava mais; peior ainda: odiava-a. Parecia-me que era a culpada do meu erro; ella, a estranha, que me enganara, fazendo-se acreditar ser a outra. E começou dahi a minha infidelidade. Trahil-a foi uma necessidade, uma vingança, um allivio. E a tenho trahido com tantas mulheres! Pobresinha! Quantas vezes a tenho enganado...

A senhora [illegible]. Tesa, direita, ás costas do marido, emquanto os outros quatro empallideciam e elle, enthusiasmado na narração, não se apercebia da sua presença, ouvira impassivel as ultimas phrases. E, então, aspera, rebellada, mordaz, mentiu, mentiu num tom desabrido de quem confessa e accusa ao mesmo tempo:

— E eu, no entanto, enganei-te uma unica vez, com um de teus amigos!

O marido, sem voltar-se, mergulhou a cabeça nos hombros no acto de quem recebe uma pancada bruta, sobre a cabeça, emquanto os outros ficavam com a respiração suspensa como se tivessem ouvido o golpe secco sobre o craneo do amigo.

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

Um homem grosseiro

Iam todos os passageiros do omnibus apinhados por falta de logar, de tal modo, que lhes era impossivel qualquer movimento.

Os passageiros eram diversos e de classes sociaes desencontradas.

Na extrema deanteira do omnibus, aboletados em um assento tripessoal, viajavam a senhorita West, o operario Rasway e o elegante Cribs. Nenhum dos tres ia satisfeito. A senhorita West, porque sentia o máo cheiro do operario Rasway; o elegante Cribs porque nem uma unica vez havia sido olhado pela senhorita West; e o operario Rasway, porque o violentava a presença elegante de West e de Cribs.

Nessas condições, as viagens em omnibus não são nada agradaveis.

O operario Rasway era um homem torvo e sujo. Vestia de maneira lamentavel: cobria o craneo com um gorro desbotado e immundo, tinha o traje em farrapos e os sapatos esburacados. De seu labio inferior, ennegrecido, pendia uma ponta de cigarro, fedorenta e suja, da qual seu dono, de vez em quando, extrahia um jorro de fumo negro.

O elegante Cribs vestia de modo impeccavel e calçava com a esquisitice propria de um individuo do corpo diplomatico. Sua cabelleira negra, previamente aromatizada de essencias caras, se esmagava em um penteado moderno. Tinha as unhas esmaltadas. Em sua mão direita rutilava uma pulseira de ouro, e entre os dedos indice e coração da mão esquerda segurava um cigarro turco de boquinha de prata, que se ia consumindo em uma espiral de fumo perfumado.

A senhorita West, que por um lado recebia o fumo perfumado de Cribs e pelo outro o fumo repugnante de Rasway, era uma bellessima e distincta joven. Loira? Morena? Não me recordo. Mas o certo é que ia consideravelmente aborrecida.

O que occorreu no omnibus, entre os personagens assignalados, deve ser determinado por meio do dialogo scenico.

A senhorita West (recebendo as columnas de fumo). — Oh!

O operario Rasway. — Peste de gente!

O elegante Cribs. — E' commigo que diz peste?

O operario Rasway (lembrando-se de que tem dez filhos). — Não.

O elegante Cribs (satisfeito em seu amor proprio). — Ahh!...

O motorista do omnibus (dirigindo-se a um transeunte, que quasi ia sendo atropelado). — Sua besta!

O transeunte. — Yes.

A senhorita West (tossindo). — Oh, que fumo! Que fumo!

O elegante Cribs (á parte). — Si pensas que

de Ismael Trubb

vou deixar de fumar, perdes o tempo.

O operario Raswey (*ao elegante Cribs*). — Que? Não pensamos em reformar-nos, hein?

O elegante Cribs. — Não tenho nada que reformar-me.

O operario Raswey. — Isso se chama educação? Que asco!

O elegante Cribs (*fraternal*). — Procure não incommodar os outros, cavalheiro.

O operario Raswey. — Que sahida! O senhor é que deve não incommodar as senhoras.

O elegante Cribs. — Eu é que incommódo? —

O operario Raswey. — Não se faça de desentendido, moço! Todos os passageiros do omnibus estão escandalizados da sua conducta.

O elegante Cribs. — Interessa-me saber por que...

O operário Raswey (*lançando sua fumaça negra sobre o rosto da senhorita West*). — E o senhor não percebe? Não vê que a seu lado viaja uma senhorita? Por que, então, deita fumaça sobre seu rosto?

O elegante Cribs. — Ah! O que o senhor acha inconveniente é que eu fume um cigarro perfumado ao lado de uma senhorita...

O operário Raswey. — E' claro!

O elegante Cribs. — E o senhor não lhe deita a fumaça de seu cigarro repulsivo, cujo cheiro deve agitar o estomago dessa senhorita?...

O operario Raswey. — Não o nego.

O elegante Cribs. — E a mim me censura porque fumo um egypcio?

O operario Raswey. — Sim. Censuro-o! Envergonhe-se disso e o atire fóra!

O elegante Cribs. — Nunca precisei de lições de ninguem. (*Atira o cigarro ao soalho, pisa-o, apaga-o*).

O operario Raswey. — muito bem! Isso é proprio das pessoas finas.

O elegante Cribs. — Agora, espero que o senhor me imite e atire fóra seu cigarro.

O operario Raswey (*fumando com delicia um "mata-rato"*). — Não. O senhor devia atirar o seu fóra, porque é uma pessôa educada... Mas, eu? Eu, não atiro o meu! Eu sou um homem grosseiro. (*Continúa fumando e deitando fumaça ao rosto da senhorita West...*).

O ORGULHO

DE LUIS MARIA JORDAN

— E' muito difficil ser orgulhoso — disse o capitão Cortés, com certa emphase — mas ha pessôas que sabem sêl-o.

Depois, sem esperar que se formulasse a pergunta que estava em todos os labios, accrescentou, com sua voz lenta e firme de homem habituado a mandar e a ser obedecido.

— Conhecemo-nos na Escola Militar, onde elle foi um alumno distinctissimo. No fim do terceiro anno abandonou os estudos por motivos que nenhum de seus collegas soube. Um dia, pediu sua baixa, e cousa decidida. Ninguem estranhou aquella retirada. Porque elle era um rapaz de fortuna, e a quem, certamente, a vida offerecia horizontes mais gratos que os que póde dar nossa severa disciplina.

"Pouco tempo depois de haver abandonado a escola, começou a frequentar o mundo da alta sociedade, que era, tambem, o de sua familia. Agil, valente, cavalheiresco, emprehendedor, intelligente e *sportsman*, sobretudo *sportsman*, se viu rodeado, immediatamente, por centenas de collegas.

"Sua fazenda foi o ponto da reunião de seus amigos desoccupados. Alli se dançava, se bebia, se jogava o box, se falava de tudo e se passavam deliciosamente as horas mortas. Sua mesa costumava reunir dez ou quinze desoccupados elegantes, que, fugindo do tedio da capital, iam esquecêl-o nas distracções do campo.

"Tambem se costumava jogar forte. Meu amigo, que possuia e administrava grandes sommas de dinheiro, só se retirava da mesa do jogo, invariavelmente, quando já havia perdido o maximo do que legitimamente podia perder.

"Cavalheiro e *gentleman* sobre todas as cousas, sempre dava a razão ao adversario nos mil casos de pouca monta que se apresentam todos os dias.

"Em outras cousas, era inflexivel. Seu modo de considerar a amizade, o valor pessoal, a veracidade, a honradez, etc., era tão seu, que difficilmente estava de accordo com os outros.

"— Cousas de Fulano! — diziam os collegas.

"E ahi se acabava o conto.

"Cem vezes salvou de aperturas e protestos os amigos afflictos, e nesse particular seu silencio era tão absoluto, que até parecia que elle mesmo se esquecia, no dia seguinte, do que acabava de fazer na vespera. Tinha uma fé extraordinaria nos homens de olhar fixo e franco.

"— Esses são como eu — dizia. — Não sabem mentir.

"A fortuna, que é mulher, começou a ser voluvel com elle. A fazenda começou, lenta, mas inexoravelmente, a passar ás mãos dos credores. Terrenos foram sendo vendidos. Os arrendatarios mudaram de patrão. Começou o barulho das cousas *legaes*. O juiz, o tribunal, a sentença, o termo, appellação e tudo o mais.

"A régia casa, onde nos havia dado cem vezes esplendidos banquetes, appareceu, um dia, com cartaz de leilão. Elle ainda continuou morando em sumptuosos appartamentos de aluguel. Mas depressa estes foram trocados por outros mais modestos. Até que, um dia, chegámos a ignorar sua verdadeira residencia. Morava por ahi, perto de *tal parte*, na rua *tal*, mas não sabiamos o numero e os signaes exactos de sua vivenda.

"Um dia, quiz o acaso que falassemos muito e longamente. Estava totalmente arruinado. Só lhe restavam uns cinco ou dez contos de réis para continuar marchando, e, criado como foi, com luxo, não tinha elementos essenciaes para ganhar o pão de cada dia. Visitou alguns amigos, solicitando-lhes possibilidades de trabalho. E, como ninguem lhe pôde offerecer nada digno delle, lhes responderam com evasivas. Eu mesmo tentei, com máo exito, procurar-lhe um logar de professor de linguas.

"Uma noite, o acaso me levou á portaria de uma casa de appartamentos. Elle era o encarregado daquella casa, havia tres semanas. Abraçámo-nos e reatámos a palestra interrompida.

"— Aqui me tem como criado, amigo! Isto é divertidissimo. Ganho trezentos mil réis mensaes e a casa. Quer dizer que não morro de fome. Procurarei ser amavel com os inquilinos, e ainda ganharei gorgetas.

"Havia tal altivez, tal satisfação, tal orgulho naquelle gesto, que estremeci ao ouvil-o. Elle ajuntou:

"— Eu esperava arranjar bem essas cousas; ter uma ou duas horas disponiveis para conversar com você. Você me comprehende, porque, militar e tudo, seria tambem capaz de ser porteiro. Necessitei de uma grande força moral para chegar a isto, e, felizmente, o consegui. Ainda alguem me

olha com certa desconfiança. Temem que o porteiro possa mandar seus inquilinos comprar phosphoros... Mas tudo não passa dessa suspeita. Duas ou tres senhoras da casa me olham de uma estranha maneira, porque, com seu fino olfacto de mulheres, adivinham no porteiro o gentilhomem. Baixo, porém, os olhos, e finjo não comprehender nada...

"Lembrei-me, então, de uma joven de seu mesmo nivel social que alguma vez lhe havia manifestado uma discreta e firme sympathia.

"— E Fulana? — perguntei-lhe, de repente.

"— Escreveu-me ha tres dias — respondeu-me. — Aqui tenho a carta.

"Não era prudente insistir, e guardei silencio.

"— E' a unica, a exclusiva grandeza que me resta — ajuntou. — Ella sabe que estou aqui a que me occulto della. Offereceu-me tudo, inclusive a esperança. Que é a unica cousa que ninguem me offerece.

"— Você gosta della? — perguntei-lhe, com certa timidez.

"— Não estou certo que isso seja amor. Receio que seja algo um pouco mais forte...

"De novo olhei-o assombrado. Era o mesmo gentilhomem, o mesmo *gentleman*, o mesmo cavalheiro de cinco annos atraz. Havia em sua voz, em seu olhar e em seus gestos esse traço que nasce com a gente e que não se póde perder, mesmo que se queira.

"Offereci-lhe minha casa, e elle não acceitou. Preferia continuar naquella modestissima situação até que seu proprio esforço pudesse tiral-o della.

"E como o amor faz milagres, o milagre se produziu. Lentamente, mas com absoluta segurança, foi sahindo daquelle estado. Pouco a pouco, se levantou de novo até se pôr em condições de aspirar a mão que se lhe offerecêra. E no dia em que formalizou seu noivado, me apresentou a sua noiva:

"— Desejo que vocês sejam muito amigos...

E, referindo-se a mim, accrescentou:

— Este, tambem é capaz de ser porteiro..."

E o capitão Cortés, acariciando apenas seu pequeno bigode loiro, concluiu seu conto com estas palavras:

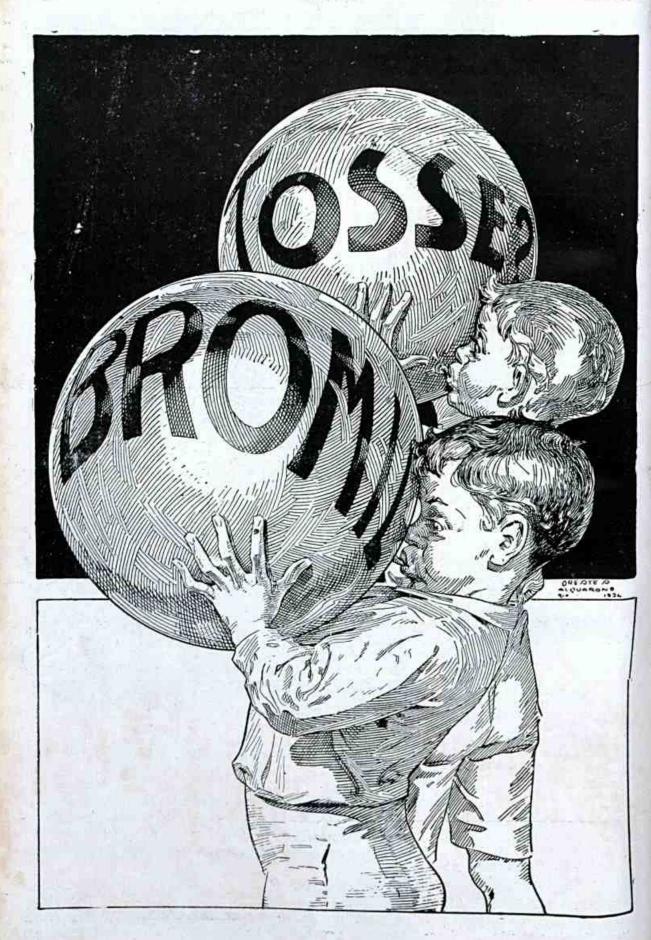
— Este é o unico homem realmente orgulhoso que conheci em minha vida.. Jamais permittiu que ninguem o tratasse com piedade, porque entendia que toda compaixão acaba effeminando e desvalorizando o coração...

(LEIA-SE RIGLIS)

DISTRIBUIDORES:

SCHILLING, HILLIER & CIA. LTDA.

RUA THEOPHILO OTTONI, 44 - Caixa Postal 564

RIO DE JANEIRO

TOSSE?
BROM

ANNO XXIV

FON-FON

NUMERO 19

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1930

Oração de Maio em flor

(PARA MINHA MÃE)

Meus olhos, meus olhos deslumbrados de creança, abrem-se para ti, Maio em flor, com o mesmo estonteamento de quando eu era pequenino.

Minha cabecinha loira repousa, descansa no regaço, no collo amigo de minha mãe. Meus olhos azues enchem-se de céo. E minhas mãos pequeninas cruzam-se no gesto commovido e piedoso de uma prece. De uma prece, que minha mãe me ensinava a dirigir a uma outra mãe, que era a Mãe de todas as mães e tambem de todas as creanças pequeninas... e grandes. Foi assim que aprendi a te amar e adorar, Virgem Purissima, doce e suave Mãe de Jesus... *Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é comvosco....* — Meu filho, teu mez é o mez de Maria, de Nossa Senhora. Eleva sempre tua alma para Ella, que Ella te protegerá, e amparará, por que Ella é tua Mãe no céo — dizia-me, ternamente, minha mãe na terra. *Bemdita sois entre as mulheres....* E o meu sertão abria-se em flor, corôava-se de flor o agreste sertão de minha terra natal. Gitiranas alvas, violetas, e azues, flores cheirosas de páu branco, a floração multicor dos relvados verdes — todo o parto floral da gleba dolorosa onde abri os olhos para a vida, Mãe do Céo, amontoava-se a teus pés, através dos meus olhos deslumbrados de creança, numa primavera mystica cheia de preces e de sinos bimbalhantes.

Bemdito é o fructo de vosso ventre, Jesus...

Jesus, o suave Rabbi, o meigo Nazareno, o Homem-Deus, Pae de todos os pequeninos: "Deixae que venham a mim as creancinhas."

Tantos annos, porém, já passaram, desse tempo para cá! A creança, que abriu os olhos para a vida num dia luminoso e florido de Maio, fez-se homem e homem vem sorvendo, gotta a gotta, o calice de sua amargura. Maio, porem, continua a florir e a sorrir, no tempo, no espaço e, tambem, no coração da gente. Porque Maio, minha Nossa Senhora, desce, ha millenios, sobre a humanidade como um sorriso de graça, de bondade e de consolação em que se abrissem teus labios castos e purissimos de Virgem Mãe.... E a graça que me concedes todos os annos, no teu mez, é tão grande, tão grande!...

A graça de me fazeres pequenino, de encontrar minha alma de creança, ainda hoje, quando a neve do tempo desce sobre mim.... A graça de me ajoelhar a teus pés como o faria, annos atraz, aos pés de minha mãe, distante, tropega e velhinha.... *Santa Maria, Mãe de Deus, rogae por nós, peccadores, agora....* Agora, minha Mãe, que minha préce se eleva para Ti, depois do baptismo de todos os soffrimentos e de todas as desillusões, como se elevava quando eu era pequenino, de cabecinha loira e tonta, ungida de fé e de deslumbramento....

E na hora da nossa morte, amem. Recordo e evoco. Desce sobre minha alma um grande, um immenso conforto. Já não tacteio nas trevas de mim proprio. Illumina-se todo o meu ser, todo o meu ser pequenino, de creança.

Meu sertão, minha terra distante floriu como nunca floresceu. Minha mãe, velhinha e tropega, que é minha Nossa Senhora na terra, aperta, de encontro a seu coração, minha cabeça prateada.

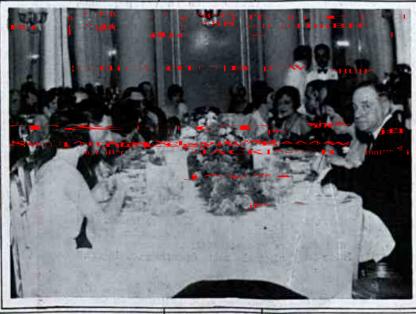
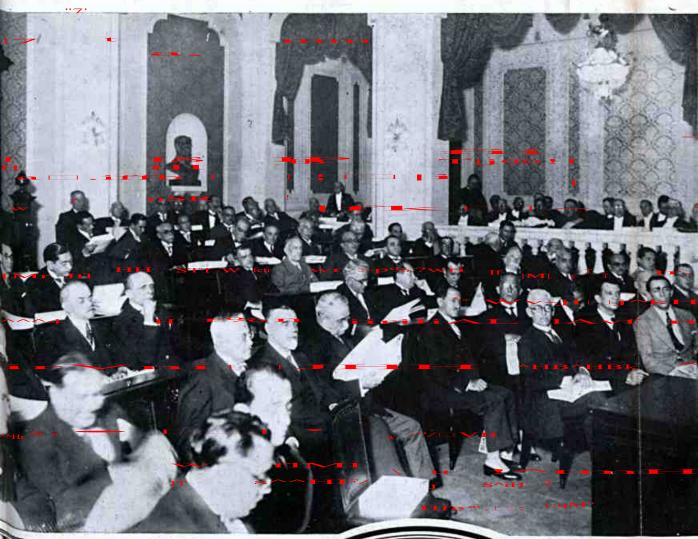
E tu, Mãe do Céo, abençôas sua velhice veneranda e immácula, como perdôas todos os erros e todas as loucuras de seu filho soffredor, tão creança, ainda hoje, como ha quarenta annos atraz!...

"Bemdita sois vós entre as mulheres."

ELOIAS LOPES

LAMPEJOS

Você vive tão longe de mim, tão ignotamente longe, que o meu pensamento tacteia na sombra, á sua procura... E não a encontra na bruma da distancia. Entretanto, desde que lhe conheci a historia dolorosa e triste, tão parecida com a minha historia, amarga, fiquei amando, ternamente, a sua doçura e o seu magoado desalento.

E' que as nossas almas são irmãs na angustia infinita e no infinito desengano com que o destino costuma poetizar, melancolicamente, a vida dos que nasceram para comprehender-se e amar-se...

O Automovel Club, a aristocratica sociedade que desfructa de tão largo prestigio mundano, instituiu um programma de festas elegantes, para a presente estação. E sabbado ultimo teve logar nos seus amplos e luxuosos salões, o Jantar dançante, a que compareceram avultado numero de socios da fina e distincta associação e as mais lidimas figuras do nosso «grand monde».

O Congresso Nacional foi solennemente installado no dia 3 do corrente, em sessão realizada no Palacio Monroe, sob a presidencia do senador Antonio Azeredo e com a presença de todos os congressistas actualmente nesta Capital. O general Teixeira de Freitas, chefe da casa militar do Presidente da Republica, accumulando as funcções de secretario de s. ex., foi o portador da mensagem presidencial apresentada e lida por occasião da solennidade da abertura da 1.ª sessão da 14.ª legislatura do Congresso Nacional.

CARDEAL ARCOVERDE

Monsenhor André Arcoverde, bispo de Valença e ornamento do clero brasileiro, teve a amabilidade de agradecer a FON-FON as homenagens que esta revista prestou á memória do grande cardeal d. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti.

Faianças

Santa Therezinha

Ella ali está, muito branca, na sua immobilidade de marmore, no pateo da egreja nova, construida sob a sua doce evocação. Santa Therezinha de Jesus!

A sombra de um sorriso que passou...

Que nome lindo e bom de se dizer!

Ha nomes que são como assucar candi. Ha outros que têm o sabor das fructas doces e olorosas. Adoçam a bocca e deixam-na perfumada.

Assim é o nome de Therezinha de Jesus. Que santa linda! Que nome suave!

No meu longo perlustrar pelo dominio das theogonias, cheguei apenas a ser um theista convicto. Mas adoro aquella carmelita que tem uma suave legenda a envolvel-a.

Therezinha é a divina monja que fez chover rosas na tarde em que morreu.

Por isso, todas as tardes, quando defronto o templo que está sob a sua evocação, presinto na atmosphera — por um forte poder imaginativo — o espiralante aroma das rosas que cairam numa chuva de infinita belleza.

Santa Therezinha é amada pela multidão. Porque é a "Consolatrix afflictorum", é a "Rosa Mystica", cujo perfume embriaga as almas soffredoras.

Ao pé da sua estatua gloriosa, ha sempre um ramo de rosas frescas ou murchas, como um symbolo das graças recebidas, atravez da fé de cada devoto seu, de cada fiel da sua divindade.

Rosas frescas que significam soberbas e imponentes conquistas; rosas murchas que traduzem um pequenino milagre da formosa e suave thaumaturga.

Sem querer, eu que sou deista, digo tambem a minha prece a bocca chiusa, mentalmente: "Santa Therezinha de Jesus! Divina virgem, por quem sois, dae a graça de que ella pense em mim...: de que ella me dê o seu amor..."

Logo depois reconheço o meu sacrilegio e o meu absurdo. Afinal, por que a minha jaculatoria? Por que a minha prece, si eu não creio no amor?

E', talvez, o habito de querer, de desejar, de aspirar a alguma coisa. Alguma coisa que não se ha de alcançar.

"Mea culpa". Santa Therezinha! Perdoae o meu sacrilegio...

Vida simples

A's vezes, quando as tardes são brancas e "u-minosas, eu me dou ao prazer delicioso de percorrer as ruas calmas dos suburbios.

Gosto da simplicidade da sua gente. Ha nas estradas poentas, que o sol redoura, um formigamento de habitantes, cuja physionomia é caracteristica. A' medida que os caminhos avançam para os morros e os mattagaes espessos, a vida vae adquirindo um aspecto genuinamente rural. Então, a gente vê rebanhos pascendo, cabritos montezes aos saltos, bois lentos, que lembram aquelle de Carducci, ruminando á sombra dos arvoredos de grandes copas e largas sombras; casarios desiguaes e bizarros. Uns modernos; outros antiquados, de typo indistincto, sem linha architectural.

Os quintalejos estão ricos de fructos e de aves.

Nas ruas commerciaes, são infalliveis os estabelecimentos que a vida local exige. Lá estão a casa mortuaria, a confeitaria, a pharmacia, a loja do turco, o bazar, a egreja com o indefectivel mafuá; o circo de cavallinhos, a delegacia policial, o botequim e, á porta deste, um cavallo ajaezado, á espera do lavrador que veio do sitio ou da fazendola comprar vinho tinto, biscoitos torrados ou agua de Colonia na loja do turco.

Não sei que attracção ha em mim por essa vida ingenua e remançosa dos suburbios.

Gosto de visital-os nas tardes claras de domingos. Identifico-me com a gente simples e obscura que vae á egreja ouvir o sermão do padre e assistir á ladainha de maio.

— "Kyrie eleison...
"Christi eleison...

....

— "Bemdito seja o santo nome Deus..."
Etc., etc.

Aos "jecas" que passam rumo ás chacaras distantes e aos sitios aprazíveis dou o "boa tarde" com que me cumprimentam. E quando, pela noite, o trem vôa, resfolegante e silvando entre uma pateada do Progresso, ao primitivismo da gente rotineira, eu me recordo do poeta Gaston Figueira...

Un tren silba a lo lejos
[desesperadamente...
Noche azul de verano...
[Un profundo misterio
duerme en todas cosas de
[esta casa de campo
antigua, pensativa y
[llena de recuerdos...

Um meio sorriso que mal se desenha...

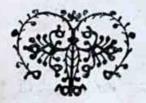
EM Paris — referem os jornaes — inaugurou-se, ha poucos dias, o vernissage da exposição de desenhos e aquarellas de Rabindranath Tagore, o grande poeta da India contemporanea, ainda tão presa ás mais remotas tradições da sua millenaria civilização.

Terra de mysticos, de illuminados contemplativos, a patria hindú está em fóco, neste momento, attrahindo a attenção do mundo moderno para o estremunhamento que annuncia o seu proximo despertar.

Gandhi, o chefe nacionalista da resistencia pacifica, acorda, a pouco e pouco, o colosso que vinha dormitando, millenariamente, seu grande somno mystico, sob a paz anniquiladora do Nirvana.

E, não será de espantar, a alma hindú, desperte, de um momento para outro, para o sol da civilização, saudando-o, com um hymno radioso, como o fazia, ha mil lenios, a Surya — o seu sol — divindade:

O Surya! Ton corps lumineux vers l'eau noire,
S'incline, revêtu d'une robe de gloire.

O voto de indifferença do brahmane para as paixões terrestres, para a alegria e para o soffrimento, — porque, para o hindú, fóra da existencia de Deus, tudo é apparencia e illusão — está prestes a quebrar-se com a integração da India na civilização contemporanea.

E breve os fanaticos adoradores do Nirvana já não rezarão pelas palavras do seu evangelho de renuncia:

"Que l'ascéte qui veut abandonner ce monde, assis sur un siége solide et commode, ne s'occupe ni du temps ni du lieu, et que, maitre de sa respiration, il contienne son souffle en son cœur. — Que le sage, plein de fermeté, en possession du repos absolu, s'abstiene de tout action. — Le corps continue de vivre avec les sens, mais l'homme n'a plus de contact avec ce corps, qui, comme tout qui en dépend, n'est pour lui qu'un vain songe."

As vozes, agora despertas, da India ascetica, mystica, nirvanica, acordam o Rama moderno que está a distender o velho arco de Civa — que oitocentos homens difficilmente conduziam — e cujo ruido, quando desferido, era igual ao do trovão e do relampago lançados por Indra sobre o cimo enevoado das montanhas.

"Je briserai cet arc comme un rameau flétri..."
Et l'arc ploie et se brise avec un bruit terrible.

Rabindranath Tagore — poeta e desenhista — é o suave e mystico rhapsodo da alma hindú cheia de mysterio. Gandhi é a resistencia pacifica, ascetica, da sua libertação, do seu despertar para a vida contemporanea. Ambos apostolos e pioneiros — um a cantar, outro a "resistir" doce, suavemente, para que a India, livre, se integre ás forças ineluctaveis da civilização.

MAX LINDER

Porto da Silveira, escriptor e jornalista, que vinha prestando, no gabinete da presidencia Affonso de Camargo, reaes e magnificos serviços á formosa terra do Paraná, acaba de ser confirmado nas suas novas funcções de delegado geral daquelle Estado nas Americas do Norte e Central para o serviço especial de propaganda do matte, o mais importante producto daquellas riquissimas regiões. O brilhante homem de letras, que já ali estivera no anno passado, com o objectivo de estudar os mercados norte e centro-americanos para a diffusão do consumo daquella preciosa bebida, de tal modo se desempenhou de sua missão, que o governo paranaense resolveu confiar-lhe, de novo, cargo do intelligente e efficaz desempenho que delle fará. Porto da Silveira, que embarcará por estes dias, juntamente com sua exma. familia, para Nova York, via Europa, tem recebido, durante sua breve estadia no Rio, novas e expressivas demonstrações do quanto é justamente querido e admirado na sociedade carioca.

SOLIDÃO

MAURO de ALENCAR

(A' fascinação de
uns olhos verdes...)

Paulistinha de olhos verdes! O seu romance commoveu-me. Commoveu-me a sua historia amarga, contada por você mesma, em periodos de sonora e heróica resignação. E, não sei por que, depois que a li, fiquei infinitamente satisfeito. Satisfeito de ter conhecido um espirito que se aproxima do meu espirito, pelas affinidades emotivas e pelos anseios torturados que o tornam differente dos outros espiritos. Satisfeito, sobretudo, de ter o consolo de saber que não estou só no mundo....

Porque você, paulistinha de olhos verdes, ha de ser sempre, agora, nesta peregrinação que eu faço através das desillusões da vida, a minha doce companheira, a minha companheira longinqua e amada de todas as horas de melancolia e soledade.

Eu sou como você, paulistinha de olhos verdes! Tambem soffro, desolado, a inquietação e a tortura do desengano. Nunca fui feliz. Meus olhos, que não são verdes como os seus, porque reflectem a noite escura da minha alma, nunca receberam a piedosa caricia de uns olhos côr de esperança... De uns olhos que pudessem illuminal-os um pouco, amorosamente, com a esmeralda imponderavel da felicidade... De uns olhos que fossem assim como os seus olhos de mulher insatisfeita e dolorosa. De uns olhos penetrantes e embellecidos pelo soffrimento. De uns olhos luminosamente verdes...

Si você é de uma terra de garôa e eu sou de uma terra de sol, nem por isso as nossas almas, paulistinha, deixam de ter affinidades para um mesmo destino humano. São almas que devem ter nascido juntas. O mundo é que as separou.

Você vive longe da bruma transparente que a viu nascer e lhe embalou, maternalmente, os primeiros dias. Eu estou distanciado da natureza agreste e clara do meu sertão alegre. Ahi em Minas, onde desabrocha a sua radiosa mocidade, você ha de sentir saudade da sua linda garôa. Eu tambem tenho saudade, aqui nesta terra clara e amavel, do meu candente sol nortista. Mas nem a sua garôa nem o meu sol conseguiram deter o passo vertiginoso da melancolia que nos envolve. Nem a sua garôa nem o meu sol tiveram força para afastar de nós a angustia que nos acompanha, implacavelmente, em caminhos tão diversos.... A fatalidade das nossas vidas havia de vencer a sua garôa e o meu sol...

Mas nenhum de nós dois, paulistinha de olhos verdes, é tão infeliz quanto se julga. Nenhum de nós dois deve se considerar irremediavelmente desilludido. Você é moça, intelligente e bonita. Possue as tres realezas que exaltam, dignificam e divinizam a mulher. Sabe escrever com brilho. Sabe traduzir em poemas de infinita e suave doçura as suas magoas femininas. Sabe commover, sem uma palavra de revolta contra aquelle que tanto a faz soffrer. Tem qualidades que bem poucas mulheres possuem: é resignada e é modesta, é compassiva e é sincera.

Eu, que não tenho a sua mocidade e a sua intelligencia, nem tenho o direito de ser bonito como você, sou menos venturoso. Entretanto, sempre o destino teve piedade de mim e fez da sua desventura um consolo para a minha solidão...

Ilust. de MARCELO ROBERTO

A arvore do Bem e do Mal

Claudio França

Os Nordestinos

A fatalidade das circumstancias, a aspereza do meio geographico nas épocas em que a natureza nega á terra a chuva fecundante, o espirito de aventura guardado no sub-consciente da raça através de gerações, o desejo de melhor quinhão na luta pela existencia, tudo isso os impelle a buscar em outras paragens, com o trabalho, o conforto e mesmo a riqueza. Outróra, a miragem da Amazônia, inçada de riscos e de exotismos, os attrahia como a serra das esmeraldas ás bandeiras de Fernão Dias Paes Leme. Naquelle inferno verde, os filhos das terras de sol, roidos pelas moléstias, tiritando de febre, rasgaram as picadas remuneradoras nas matas de seringueira e esfaquearam com suas ossadas a lama dos igarapés. E' o progresso daquella immensidade ainda não de todo preparado pelas forças cósmicas foi obra de sua paciência sem limites, de sua resistencia inegualavel e de sua coragem sem par.

Fechou o destino esse caminho por onde se escoava aquella ansia de aventura e de acção. Então, procuraram o Sul, as regiões de clima melhor, de gente mais amena, os oceanos verdes do café a se alastrarem por monte e valle, e vieram trazer á lavoura e á industria o concurso de seus braços, a serena firmeza de sua tenacidade. E, como amaram a Amazônia misteriosa de outros tempos, seu coração vibrou, commovido e enthusiasmado, pela patria dos bandeirantes. Elles, antanho, rompendo os sertões adustos, vararam as serranias e as planicies nortistas, marcando as etapas com as cidades e villas que fundaram. E' nas veias dos nordestinos ainda devem correr algumas gôtas do sangue desses remotos e formidáveis antepassados.

Onde quer que elles vão, não esquecem nunca a gleba natal fustigada pela inclemencia das sêcas. Sua alma contempla com os olhos da saudade o torrão abençoado que os vio nascer e, apesar do tempo e do espaço, a communhão dos espíritos dos que emigraram e dos que ficaram illumina as suas almas inquebrantaveis.

Nordestinos, sentinellas da brasilidade!

FILIGRANAS

Aquelle realejo que está tocando na esquina da minha rua e que estou ouvindo da tranquillidade do meu gabinete é o maior chamariz dos meninos da vizinhança. Elle annuncia que um pequeno periquito amestrado está tirando votivas sortes em versos. E somente para vêr o passaro verde sair da gaiolinha e pegar o papelzinho dobrado com o bico, as crianças caem com seus nickeis. As cozinheiras e copeiras contribuem tambem. Mas a essas leva o desejo de saber o que diz o papel.

Aquelle realejo é um symbolo da vida da humanidade. Desde os primeiros annos até os ultimos ella se deixa embahir por trucs semelhantes. E morre sem aprender que é tão soffredora quanto ridicula...

A Semana Eucharistica que, sob o patrocinio de s. ex. revma. d. Sebastião Leme, se vinha realizando na egreja de Sant'Anna, terminou, domingo ultimo, com a tradicional Paschoa dos Militares, e da qual participaram numerosos representantes das nossas forças de terra e mar. Foi uma cerimonia religiosa altamente tocante e cheia de profunda piedade.

FILIGRANAS

Sob o luar, naquella velha estrada real da minha terra distante, toda prateada a serpear pelo meio dos coqueiraes floridos, eu punha o cavallo a passo e seguia a minha viagem, docemente embalado pela triste musica dos chocalhos das tropas de burricos que desciam das serras carregados de fructa. E a noite inteira caminhava embalado por aquelle timido constante e dolente...

Naquelle tempo, a minha vida era descuidosa e lenta. Eu não me apressava e nada se apressava em redor de mim. Eu, a terra, os homens, as coisas não tinhamos pressa para attingir a eternidade...

O SANTO DO BRASIL

Ha um poder evocativo extraordinario no estylo do joven escriptor Pedro Calmon, recentemente premiado pela Academia Brasileira no concurso annual de contos e novellas. Um poder evocativo que emana como um perfume do seu trato intimo com as cousas e os documentos do tempo, da sua frase singela e castiça, do amor que se sente nelle pelo passado da terra e da raça.

Esse poder, que se evidencia no Thesouro de Belchior, onde se conta das bandeiras bahianas e das mysteriosas minas de prata do Moribeca, relembrando a Gloria de D. Ramiro de Rodrigues Larreta, confirma-se agora nas bellas paginas do O Santo do Brasil, que acaba de sair do prelo.

E' a vida romanceada de Anchieta, que Frei Vicente do Salvador já denominava o apostolo do Brasil, o grande evangelizador das selvas perpetuado no poema de Fagundes Varella, cuja projecção sobre os primeiros dias de nossa historia é de molde quasi que a synthetizal-a, tal a sua acção multiplice e a sua actividade formidavel. Alem disso, elle é como frisa Pedro Calmon no seu prologo: "a grande expressão poetica da conquista, a nota emocional da colonização, o profundo romantismo das origens nacionaes."

O livro de Pedro Calmon O Santo do Brasil é a evocação da figura e dos actos do apostolo, cujo pé percorreu a terra virgem, cuja voz amansou as tribus ferozes, cujo espirito apaziguou os animos atormentados e tempestuosos de conquistadores e conquistados e cujas benções fizeram frutificar os primeiros estabelecimentos da civilização nas brenhas.

Suave e heróica figura! "Escrevia poemas em louvor da Virgem na areia da praia, e á medida que a maré lh'os apagava luziam os carmes na sua memória como se impressos em ouro; andava pelas caatingas sob um toldo de azas, que os passarinhos lá em cima faziam, voando aos bandos, para lhe protegerem do sol a fronte humilhada; rezava missas a amigos que morriam a muitas e muitas léguas; via em sonhos os factos occorrentes, ora em Africa, ora no interior, ora na Europa e nas côrtes reaes, e foi por isso o primeiro homem que chorou sobre Alcacer Quibir a lagrima de Portugal..." Assim, foi o christianizador dos selvicolas, o sonhador religioso que fundou S. Paulo.

Através das paginas do livro, a gente conversa com Anchieta, olha-o, contempla-o, admira-o, chora com elle. Assiste á pregação no bosque em linguajares barbaros de anthropophagos. Lê sobre a areia dourada da praia as lóas a Maria, mãe do Senhor. Acompanha-o. Vive em sua companhia pelo pó dos primeiros caminhos, no meio dos bandeirantes cruéis que passam e dos tupis bronzeados que voltam da caça. E' todo o amanhecer da nossa terra que o escriptor pinta com graça e com verdade.

NOTAS MEDICAS

Dr. Martinho da Rocha Júnior, illustre medico, que se dedica ás crianças, fazendo de sua profissão verdadeiro sacerdocio. O notável pediatra, autor de vários trabalhos excellentes sobre sua especialidade, como a traducção dos «Elementos de pediatria», de Walter Birk, e o «Livro das mães», acaba de dar a lume mais uma obra de folego: o «Breviario das mães e das enfermeiras», que traduziu do allemão, de Birk e Mayer, em companhia dos drs. José Martinho da Rocha e Jorge Sant'Anna.

"Miss Rio de Janeiro"
(Senhorita Marina Torre, de Copacabana)

"Arvores"

Rijos corpos erectos, rudes braços
Tacteantes, balouçando-se á procura
Do apoio inexistente dos espaços;
Sêres vivos de rigida estructura,

Nodoso aspecto e convulsivos traços,
Que o temporal em furacões tortura
E o raio faz saltar aos estilhaços,
O' arvores, titans da Desventura!

O' arvores! assim vos sinto e vejo
Dentro de mim, na solidão sem calma
Do meu torvo silencio, onde o Desejo

E' o espaço aberto ao farfalhar violento
De tempestades soltas, e a minh'alma,
A arvore muda, bracejando ao vento!

(Do livro inedito "Occaso ardente").

Octavio Ribeiro da Cunha

Os amigos e collegas de Peregrino Junior, o escriptor e jornalista cujo nome tem tanto destaque em nossos circulos literarios e sociaes, reuniram-se, quinta-feira penultima, no Club dos Bandeirantes, para homenagear aquelle nosso collega, pelo successo do seu ultimo livro — «Pussanga», — já agora em segunda edição, e pela sua recente formatura em medicina. Essa homenagem consistiu num almoço, que se realizou com a presença de muitos escriptores, jornalistas e médicos.

NOTA SOCIAL

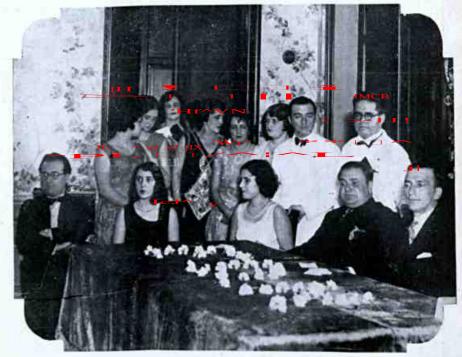
Porto da Silveira, escriptor e jornalista, delegado geral do Estado do Paraná para a propaganda do matte nas Americas do Norte e Central, recebeu, segunda-feira ultima, no Hotel Balneario da Urca, onde se encontra hospedado, uma brilhante e expressiva manifestação de carinho e apreço por parte de seus innumeros amigos e admiradores. Reuniram-se, na noite de segunda-feira, em torno do festejado escriptor e homem de sociedade, cujo anniversario passou naquelle dia, algumas das figuras de maior relevo na imprensa, nas letras e na élite carioca, realizando-se danças, que se prolongaram, em meio de encantadora alegria, até as primeiras horas da madrugada.

Disseram versos e trechos literarios de sua autoria os festejados escriptores Adelmar Tavares, Silva Ramos, Berilo Neves, Povina Cavalcante, Paula Barros, Armindo Rangel e Martins Capistrano, que foram muito applaudidos.

O casal Porto da Silveira offereceu aos presentes um delicado serviço de chá.

A senhorinha Conceição Tavares, gentil filha de Adelmar Tavares, disse, com muita graça, alguns versos desse illustre poeta e acadêmico.

Tambem se fizeram ouvir brilhantemente a senhorita Marina Berfort e seu illustre pae, o desembargador Alvaro Berfort.

Os alumnos da Faculdade de Direito de Nictheroy levaram a effeito, na penultima quarta-feira, no Club Central, a sua «Festa do Calouro», guizalhante e alegre como todas as festas da mocidade. A presente photographia fixa um detalhe dessa reunião, vendo-se, ahi, entre outros, o grande poeta Adelmar Tavares, que é um dos professores da Faculdade de Direito de Nictheroy.

O poeta Alberto de Oliveira, que é sempre aquelle fascinado das coisas bellas e da arte pura, agradeceu como um verdadeiro principe dos poetas que é o poema «Roseira Brava», que a sua autora, Palmyra Wanderley, lhe offereceu. O agradecimento do artista do «Livro de Ema» está synthetizado nos versos que abaixo publicamos.

PALMYRA WANDERLEY

Quanto perfume
Nesta "Roseira Brava" em que arde o lume
De tua inspiração! Bemdita a lyra
Que em tuas mãos resôa e assim suspira!
E que feliz és tu, que a alma ansiosa
Abres de verso em verso ou rosa a rosa!
Para mim que estou velho, ainda o canto
E' de meus dias o maior encanto.
Penso (aqui entre nós, Poetisa amiga)
Que esta vida não vale uma cantiga.

ALBERTO DE OLIVEIRA

Petropolis — 10 de Janeiro de 1930. — Rio.

ANNIVERSARIO

Parabens, querida:
Hoje faz annos o nosso amor.

Repara...
E' a bandeja de oiro
com o presente de sol do firmamento...

Enche de luz a tua alma,
e recorda a infancia do teu coração...
Embriaga-te no perfume oriental das rosas,
de que festiva se engalana a natureza,
e sonha aquella noite longinqua...

Lembras-te?
O céo brincava o carnaval das estrellas,
e até nós descia,
num halo de suave meiguice,
o pallido sorriso da lua...

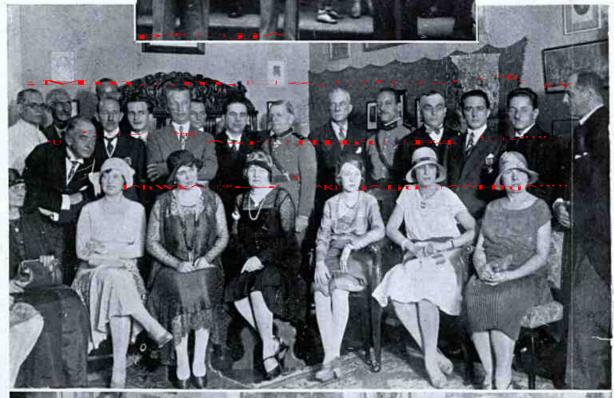
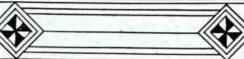
Brigámos...
e foi brigando,
linda princesinha,
princezinha adorada,
foi brigando que soubemos o quanto já
[nos queriamos...

Um dia tu serás minha,
unicamente minha,
e então haveremos de commemorar,
sosinhos e bem unidos,
o anniversario do nosso amor,
— do nosso grande amor!

Parabens, querida...
Parabens...

MOZART FIRMEZA

A DATA DA POLONIA

A legação da Polonia e a sociedade poloneza domiciliada nesta capital commemoraram com muito brilho e uma alta expressão do mais puro civismo a data de 3 de maio, que é a do anniversario da promulgação da primeira Constituição de 1791 daquelle nobre paiz. Varias foram as solennidades realizadas nesta capital, e nas quaes se fez representar o governo brasileiro. Esta pagina fixa algumas cerimonias aqui levadas a effeito, e que são a missa em acção de graças, realizada na matriz de S. José, e a recepção á sociedade poloneza, na séde da legação do paiz amigo.

A data da Polonia

O sr. ministro da Polonia e a directoria da Sociedade Polona-Brasileira, commemorando o anniversario da Constituição da Polonia de 3 de maio de 1791, offereceram á sociedade carioca uma brilhante recepção, que se realizou no salão nobre do Hotel Gloria. São flagrantes dessa reunião de aspectos tão distinctos que offerece a presente gravura.

FLIRTAÇÕES

DESDE que a paulistinha andou cá pelo Rio, o joven medico não teve mais socego.

Acabaram-se as noites tranquillas no *hall* do hotel, com um sorriso de beatitude feliz na face e um charuto ao canto da bocca.

Elle entretinha-se com o espiralar da fumaça azul, através da qual, naturalmente, via imagens de sonho, bailando, subindo, perdendo-se no espaço aberto deante dos seus olhos.

Só assim podia ser explicado o seu desdém pelas mulheres que cortavam em todas as direcções o *hall* do hotel, mas, lá um dia, a paulistinha deitou por terra a *pose* do rapaz...

Um sorriso, outro sorriso, um inclinar de cabeça, a feliz coincidencia do apparecimento de um amigo commum para a apresentação desejada, e o resto já se sabe...

A paulistinha, porem, teve de regressar ao seio da familia. Partiu com pouca vontade, porque se mostrava *encantada* com a belleza da terra carioca...

O joven medico sentiu a ausencia prematura do lindo palmo de rosto, anda triste e, ao que parece, estudando um geito de acabar com a monotonia da sua vida.

Para *se decidir*, só falta um detalhe de grande importancia, conforme segredou, ao nosso ouvido, uma garota terrivel: é saber si a paulistinha tem fortuna...

O baile correu em meio de grande animação.

O confortavel palacete do estimado industrial, lá para as bandas de Botafogo, abrigou, nos salões rutilantes, extraordinario numero de alegres convivas.

Creaturas sobérbas exhibiram-se em magnificas *toilettes* e as casacas estavam fartamente representadas.

Tudo admiravelmente bem disposto; os donos da casa recebendo com fidalguia os convidados absorvidos pelo prazer das danças.

E assim transcorreu a noite festiva, intensamente movimentada, até a chegada de Vesper, quando dispersaram os ultimos convivas.

Então o palacete voltou ao seu habitual socego, e os donos da casa, depois de verificar que estavam cerradas todas as portas e janellas, que não havia possibilidade da visita de ladrões, prepararam-se para o necessario repouso.

Mas, ao illustre industrial estava reservada uma triste surpresa.

Havia desapparecido, durante a festa o collar de *madame*, uma joia de alto valor.

O titular não atinava como isto teria acontecido, pois os convidados eram considerados elementos da nossa alta sociedade.

E, como não achou explicação para o facto, entregou á policia o caso, afim de ser esclarecido.

Singularidade de gente chic...

ELLA esperava o omnibus, chamando a attenção dos transeuntes, não só pela *toilette* elegantissima, mas tambem pela belleza do rosto.

A saia quasi tocava aos pés, um *renard* acariciava-lhe o pescoço e adivinhava-se pela placidez da physionomia que ali estava uma creatura feliz...

A tarde morria e era grande o movimento naquella esquina da Avenida, onde *madame* aguardava a conducção para casa, quando o deputado paulista surgiu e estacou, fascinado.

O homem parecia que tinha electricidade nos olhos...

Madame voltou o rosto, reconheceu o antigo camarada, acenou-lhe com a mão enluvada, porem, elle não se contentou com o adeusinho de longe.

Proximo havia uma sombra propicia; elle encostou-se a um portal, e ella foi ao seu encontro.

Doce entrevista, que parecia não ter fim, tanta coisa havia para recordar...

O parlamentar, pelos modos, não queria que *madame* voltasse ao poste de omnibus.

Mas, certamente, ella não dispunha livremente da sua pessoa, tanto assim que não attendeu aos rogos do deputado e lá foi direitinha para casa.

E ainda os paulistas dizem que não ha nada melhor do que a Paulicéa...

A galante Nancy de Carvalho Britto Guisard, netinha do dr. Carvalho de Britto, num lindo sorriso de criança e numa «pose» de gente grande...

(Photo Annunciato).

O joven engenheiro anda atrapalhado com o seu novo caso amoroso.

O encontro, primeiro, a troca de olhares, um sorriso e alguns passos de dança, coisas banalissimas, é certo, mas que deixaram em sua alma uma funda impressão, na mascarada do hotel, pela ultima noite do carnaval.

Desde então não poude viver sem o olhar e o sorriso daquella que monopolizou a sua attenção.

Madame parece tambem que sentiu necessidade do affecto do engenheiro, desde o primeiro encontro.

O resto, já muita gente sabe...

O rapaz e *madame*, pondo de lado certas conveniencias sociaes, resolveram não ligar ás más linguas; por isso, não se pejam de ostentar a intimidade das suas relações, como si fosse a coisa mais natural deste mundo.

Entretanto, *madame* é exigente, não deixa o engenheiro pisar em ramos verdes.

Elle, atrapalhado com os zelos de *madame*, entregou os pontos, desapparecendo da circulação até ordem em contrario...

A Clinica Escolar «Oscar Clark», assim chamada em homenagem ao actual chefe da inspecção medico-escolar no Districto Federal, que tem prestado incessantes e beneficos serviços á medicina preventiva nas nossas escolas, representa uma conquista deveras brilhante dos progressos e efficiencia da instrucção publica no Rio de Janeiro. Inaugurada com uma solennidade a que estiveram presentes o dr. Mario Cardim, representante do prefeito Prado Junior; o dr. Fernando Azevedo, director geral da Instrucção Publica; o dr. Jonathas Serrano, subdirector technico da Instrucção, outras altas autoridades municipaes, senadores, deputados, representantes da imprensa e numerosas figuras de destaque na sociedade carioca, a Clinica Escolar do 8º Districto é uma instituição que honra a cidade, a administração Fernando Azevedo e o espirito de organização e capacidade scientifica de seu illustre director, professor Oscar Clark.

ROSAS DE TODO O ANNO

Não te comprehendo, não, e fico torturado pela duvida de estar a te fazer um bem ou um mal.

Se um mal, acredita, faço-o involuntariamente, eu que desejava ser um como semeador de felicidade eu que tenho sido tão infeliz e que tenho, por experiencia e provação proprias, a estranha clarividencia de todas as desventuras da vida.

Eu, porem, não te comprehendo ou, antes, tu, minha filha, não me comprehendeste.

E dizes que lancei sobre tua alma pequenina e afflicta, "que já duvidava de quasi tudo, na vida, de quasi tudo, no mundo, o germen dessa duvida que iria aniquilar o ultimo, pequenissimo — deus em que ainda confiavas;" e que eras tu mesma.

"Entra e repousa"... duas palavras tão simples e tão bôas e consoladoras, as com que bemdisse tua iniciação no templo sagrado da minha fé de triste e desilludido, e estas outras "porque tu vives da tua propria idealidade e não da tua "realidade", foram bastantes para que a duvida te fizesse soffrer. No emtanto, minha filha, quando assim te fallei, a minha intenção foi das mais nobres e mais abnegadas.

"Entra e repousa" — isto é: no santuario de meu coração sempre encontrará conforto e lenitivo a "judiasinha" triste e descrente que, num dia de garôa, buscou agazalho no meu Balcão Florido, na minha cabana solitaria engalanada pelas flores mysticas da minha emotividade e de todas as saudades da minha vida.

A minha "realidade", a tua "realidade"?... nem eu, nem tu, minha filha, ainda a encontrámos no mundo, porque nem eu, nem tu, conseguimos, até hoje, "realizar" o sonho interior do nosso anseio de felicidade e vamos vivendo de todas as illusões e, mesmo, de todas as desillusões que fizeram a tua descrença de "desencantada" e a minha crença, o meu Evangelho de "illuminado" pela resignação, pela conformação a todas as dores, a todos os soffrimentos.

Meu céo, teu céo... *Le ciel c'est quand on aime*, foi o que tua mãosinha de "judia" transcreveu de um dos bellos livros que ha pouco lêste e que começavam a te ensinar o "caminho da minha fé."

Não costumo *matar* as coisas que eu amo, como julgaste, nem, tampouco, sou o palhaço de meu proprio soffrimento.

E' hoje, ás 16,30, no salão nobre do Instituto Nacional de Musica, que a senhorita Virgínia Lazzaro realiza o seu annunciado recital de poesias. Declamadora das mais illustres, a senhorita Virgínia Lazzaro conta com um vasto numero de admiradores, que, certamente, não deixarão de ir levar-lhe os seus applausos, em homenagem á sua fina arte de dizer.

Mariza... Pobre Mariza, que tambem não me comprehendeu... E', de certo, uma alminha tonta que não "sentiu" a angustia da minha "realidade", como tu erras, tambem, quando me suppões "o chronista *railleur*", "o elegante *blasé*", "o acerado ironista."

Sterne escreveu, minha filha, na sua "Viagem Sentimental" ou em "Tristão Shandy" — não me lembro bem — que o homem que ri nunca é um homem perigoso, mesmo porque o riso ou o sorriso sempre augmenta de um fio a trama curtissima da vida.

E Stendhal, esse admiravel Henry Beyle, que nos legou *Le Rouge et le Noir* e outros livros que nos deliciam, ainda hoje, accrescentou: *interroge - toi, toujours que tu ris*...

E eu, ao me interrogar porque rio, ou porque, apenas... sorrio, apenas cheguei, até hoje, a esta conclusão: que rio, ou sorrio para não chorar.

Esse, talvez, o papel de palhaço que represento na vida. Quanto ao mais, se te fiz soffrer, se magoei a pobre e distante Sensitiva, se contribui para que ella, hoje mais do que nunca, duvidasse da minha fé, do meu Evangelho feito de melancolia e de inquietação, perdôa-me, porque eu sou feito, não dos "sonhos" mas das desillusões todas de minha vida.

Tu propria, que vieste para mim, como uma mira-

gem illuminada, tu, com tua alma "selvagem" e triste, já não crês em mim... porque eu te offereci o suave Evangelho da minha idealidade e não o da minha angustiada "realidade"...

Tenho apenas uma pagina para as flores do meu balcão. Mas, lembra-te sempre da phrase que me citaste:

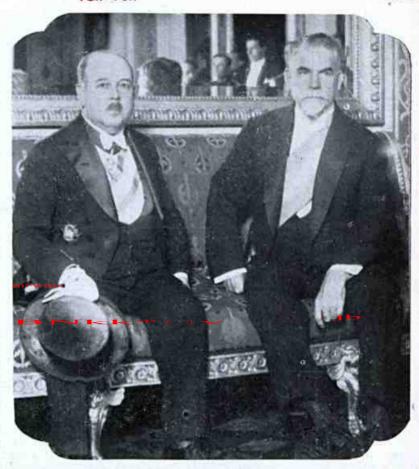
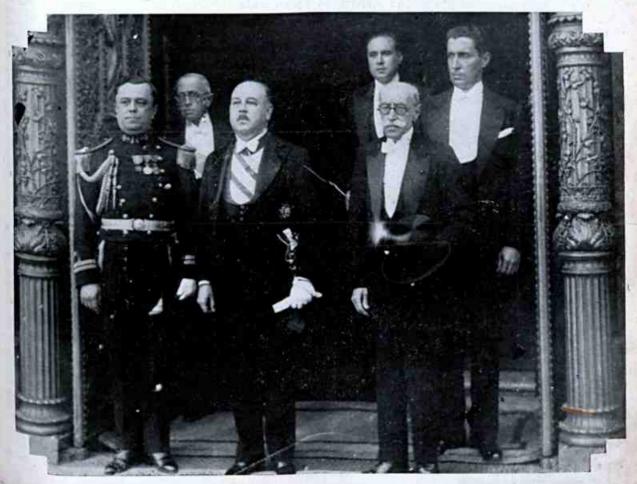
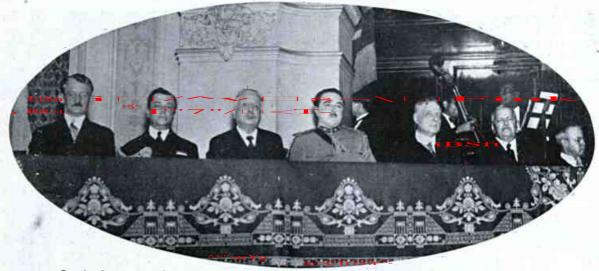
...Le ciel c'est quand on aime...

E, ha muitos, ha longos annos, já, em vão eu procuro, na terra, o céo do meu amor... do meu anseio de felicidade...

Minhas... Azas..., que vi que iam, como as de Icaro, de cêra, transformei-as em *Baton á Rouge*, o que é quasi a mesma cousa, como... mystificação... Não é?

HELIANTHO

BRASIL-MEXICO

O sr. presidente da Republica recebeu, terça-feira á tarde, no palacio do Cattete, em audiencia especial, para entrega de credenciaes, o novo embaixador dos Estados Unidos Mexicanos junto ao governo brasileiro, dr. Alfonso Reys, que nos flagrantes desta pagina apparece ao lado do dr. Washington Luis, e, após a ceremonia, quando se retirava, acompanhado de altos funccionarios da embaixada do Mexico e do Ministerio das Relações Exteriores, do palacio presidencial.

O primeiro centenario da morte do grande compositor patricio que foi o padre José Mauricio teve brilhante commemoração nesta capital. Promovida pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro, com o concurso da Sociedade de Concertos Symphonicos e da Radio Sociedade do Rio de Janeiro, realizou-se, domingo ultimo, á tarde, no Instituto Nacional de Musica, a imponente sessão commemorativa, aberta pelo sr. conde de Affonso Celso. Sobre a individualidade do grande musico brasileiro falou o novo academico sr. Affonso de Escragnolle Taunay, sendo executadas a protophonia da opera «Zemira" e a «Missa de Requiem», ambas do grande e saudoso compositor.

Na casa de Pinheiro Machado...

(Em 8 de Maio de 1912)

Venho de além, Senhora. Hei vencido a impiedade
Das intemperies. Eis-me em submissa attitude
Ante esse Coração — altar-mór da Bondade
Onde esplende o ritual do Amor e da Virtude.

Vem de vós o conforto e essa felicidade
D'Esse em quem conservaes a força e a juventude.
Para util ser á Patria e util á Humanidade,
Nesta existencia hostil, ardua, continua e rude.

Senhor. Ergo-me, altivo, a fronte sobranceira,
E abraço-vos com essa amizade alta e pura,
Que sois credor de toda a Terra Brasileira.

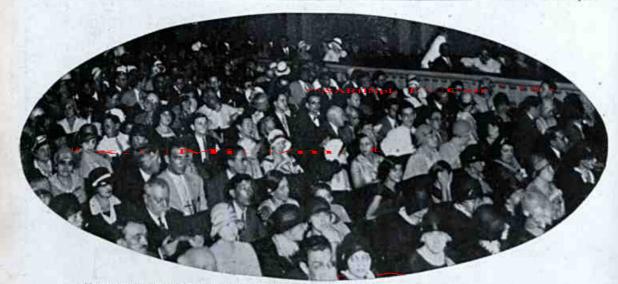
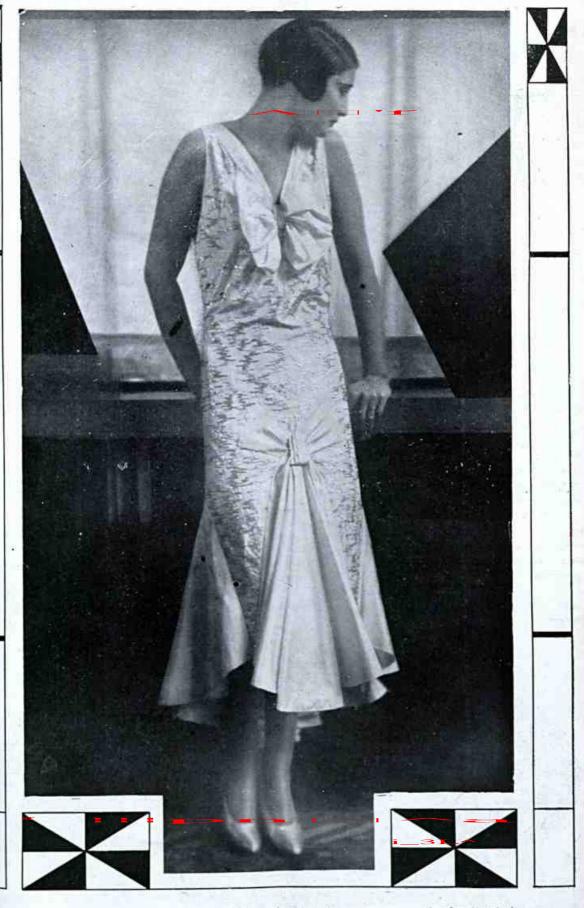
Digno Vulto, Casal augusto e illuminado,
— Pairem sobre esse enlace o carinho e a ternura,
E a estrella — do Pastor do mais propicio fado.

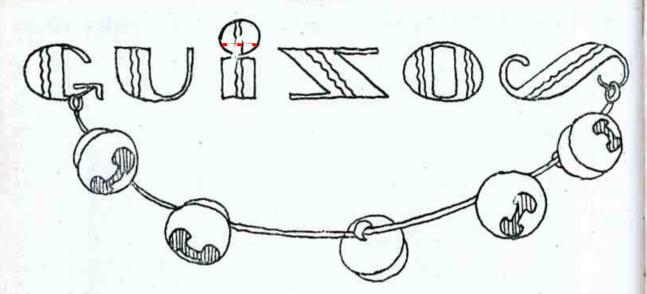
SOLFIERI DE ALBUQUERQUE

FILIGRANAS

Daquelle ponto dominador da paysagem, meus olhos tudo percorriam até os recuados horizontes. Sob o céu azul, espanado de nuvens, as montanhas sem fim ondulavam. Nem uma arvore, nem uma casa interrompia a sua immensa monotonia verde que ia azulescendo á distancia.

Era como um mar coagulado e espêsso.

O' vida minha! Tu és, assim, uma paysagem majestosa e vasta, de montanhas a perder de vista sob a benção azul do céu. Porem, debalde, o viajante procurará nella uma torre festiva de campanario, uma fachada hospitaleira de habitação, uma sombra amiga de arvore. Desolação!

Um aspecto da assistencia á sessão do Instituto Historico commemorativa do centenario do padre José Mauricio.

A MULHER CHIC — Um original vestido de setim bordado a prata, com applicações de tafetá. Modelo de Jean Patou.

(Photo Luigi Diaz, especial para «Fon-Fon»)

POEMA DE MAIO

Abril passou, e maio, o mez mais lindo do anno, ahi está, sorrindo de graça e doçura.

E' o mez branco de Maria, quando as boccas im; maculadas das crianças que se fazem moças elevam hymnos, estranhamente harmoniosos, em louvor á Virgem.

O céo, de um azul limpido, crystallino, transparente, rasga-se para dar passagem ao sol, que aquece como um beijo materno, sem magoar, sem despertar outros sentimentos sinão os que reflectem candura, pureza.

Claridades que envolvem a terra de uma bellezo tépida, macia, acariciante...

E as flores abrem as suas corôllas inebriantes, per; fumando, embriagando os sentidos para o Amor castidade, o beijo que gera o nosso ser em outros seres. carne da nossa carne, razão unica da nossa Vida perpetuada através de outras vidas.

Maio, o mais lindo mez do anno, ahi está, sorrindo, cheio de graça e doçura...

MENTINDO...

Mentir é um viciot!

Não. Mentir é uma virtude, uma necessidade.

A verdade quasi sempre não agrada.

Por isso, o homem que diz a verdade é sempre visto como um ente desagradavel.

Do que se conclúe que a verdade é desnecessaria, ao passo que a mentira é uma necessidade, mórmente para o homem candidato a viver bem na sociedade.

Qual a maior mentira que existe? O amor...

Pois, quem desdenha o amor, symbolo do peccado e do engano, gerado no tépido ambiente do Paraiso, producto da astucia mentirosa de Eva?!

Para viver, e viver bem, portanto, é preciso saber mentir.

Voltaire demonstrou ser um homem pratico, gritando: Mentez, mes amis, mentez!

Só a mentira cria, digo eu, com um largo bocejo de tédio, enojado do homem.

A mentira cria a illusão de um mundo melhor.

Ella fantasia, fazendo o homem fugir da realidade, que não passa de uma grosseira expressão da materia bruta, insensivel...

E um punhado de illusões vale mais do que um sacco de verdades.

Quem ha que saiba mentir mais do que as criançast

Só as mulheres...

Pois a cr.ança que mente dá prova da sua viracidade, da sua intelligencia. Attrae!

As mulheres que mentem são adoraveis porque desnudam a alma aos nossos olhos, mostrando-se como nós gostamos de vel-as, isto é, en poil...

Os velhos que sómente sabem repetir verdades «co antipathicos, tremendamente cacetes.

Os velhos são como os moralistas que affirmam ser fe.o mentir.

Não. Saber mentir é uma arte.

E saber mentir com arte é uma delicia...

A vida esteia-se na mentira.

Qualquer Pacheco nosso conhecido dirá que a mentira é a pedra angular da sociedade.

Está certo...

Só uma coisa vence a mentira: uma mentira maior.

Eis a verdade...

D. JUAN

As minhas amiguinhas, certamente, já ouviram fallar na morte de D. Juan.

Certamente, já leram até um livro com o titulo e conteúdo noticiando o desapparecimento de tão illustre personagem.

E' claro que não me refiro ao D. Juan Tenório, que Zorrilla cantou em versos sublimes.

Ha tantos Tenórios no mundo que sonham repetir a façanha do D. Juan...

Mas, perpetuada ficou tambem a raça joanesca, objectivada no ridiculo de todos os conquistadores baratos que habitam a terra.

Por tudo isto, é melhor acreditarmos que D. Juan não morreu....

As mulheres sabem, ou melhor, se encarregam de demonstrar que em toda a esquina vive espetado um D. Juan almofadado, de olhar de cabra, de palavras untadas de mél.

..Si o typo é grotesco, nem por isso deixa de impressionar, perturbando a cabeça de muita creatura sem juizo...

Os jornaes andam cheios de historias complicadas e a policia é quasi sempre chamada em soccorro das victimas da ousadia de D. Juan.

Quem foi que disse que D. Juan morreu?...

M A R I O N

DIALOGO TRISTE

— Aqui floriram nossos melhores sonhos...

— Floriram.

— Ergueiam-se aqui, na ilha minuscula, mangueiras de densas comas verdeaes, onde, na sombra doce, os passaros amavam, cantando; alli alvejava o immenso lençol da praia e se estendia a oceanica massa das aguas murmuras. E sobre a ilha minuscula, as mangueiras, a praia, o mar e o céo compassivo.

— Era assim.

— Aqui dentro, na costa rustica e quieta, janellas escancaradas á luz radiosa, tu e eu, nós dois como reis, gozando a vida sem revezes, o amor sem sobroço, vivendo o amor!

— Felizes...

— Como ninguem. A suppôrmos que o mundo era nosso, que eramos donos do universo, que o céo vivia em nós, divinizando-nos. O amor mais breve dá sempre a illusão da eternidade. O paraiso era a nossa paixão desabalada. Fremente. Balsamica e ardentissima.

— E tudo ruiu...

— Passou. Que tudo é evanidade e renovação. A ilha minuscula, as velhas arvores tão bôas no affago das sombras, a praia de neve, o mar de esmeralda...

— E a casa...

— Tambem. A casa rustica e quieta, alegre como um ninho nupcial, de janellas abertas sobre as manhãs jubilosas e cheias de emanações subtis e agrestes e onde o nosso amor desabrochou ao hosannas dos livres desejos.

Hoje nada mais resta. O que era ridente recanto é apenas estrada longueirona e erma. Ficou em nós a lembrança das horas vividas na ventura. Das horas lucidas.

— E a saudade.

— A saudade...

CARLOS RUBENS

A illustre cantora sra. Julieta Telles de Menezes e sua gentil filha, em Natal, com a poetisa Palmyra Wanderley, em sua passagem por aquella capital nortista. Tres silhuetas graciosas poetizando a solidão do mar...

Commemorando a maioridade da joven princeza Juliana, que a 30 de abril completou 21 annos, a colonia hollandeza promoveu, naquelle dia, no Club Suisso, uma festa de evocação da patria longinqua, que foi, ao mesmo tempo, uma homenagem muito expressiva á futura rainha dos Paizes Baixos.

NOTAS DE ARTE

GUIOMAR NOVAES — Verdadeiras festas de arte os concertos em que no Theatro Municipal, nas tardes de 1º e 4 do corrente, Guiomar Novaes revelou, mais uma vez, todo o esplendor do seu genio pianistico.

Embora possam muitos ouvil-a com certa prevenção contra a artista pela especie de frieza, de indifferença com que parece receber os applausos do publico e da critica, o certo é que ninguem póde resistir á fascinação da gloriosa interprete da musica. São primores de technica e de poesia tudo o que os seus magicos dedos arrancam do teclado. Mas não se limita a tocar bem, a tocar excepcionalmente bem; ha na sua interpretação o cunho de uma individualidade nova, uma sensibilidade communicativa que é só della e que deslumbra, empolga, fascina todos os que a ouvem.

Toda a belleza austera e grave do *Preludio em sol menor*, de Bach, dedilhou a grande pianista com tal mestria que o piano tomou a figura de orgão, o instrumento para que fôra escripta a musica de Bach.

A *Sonata n. 4*, de Scriabin, a artista não tocou: os seus dedos cantaram. Ouviram-se as vozes melancolicas do *andante* e os cantos alegres do *presto*.

Os *Themas populares russos*, de Liodoff, e as *Scenas infantis*, de Octavio Pinto, brinquedos sonoros, de genero totalmente contrario á creação de Bach, interpretou-os a musa do piano com tal relevo que, parece, só na sua interpretação está quasi todo o valor das peças.

A composição de Debussy — *Reflets dans l'eau* — viveu-a com intenso realismo: tinha-se a illusão de ver a agua luminosa a rolar em cascata.

E' a *Sonata n. 58*, de Chopin? Foi uma epopéa sonora, que trouxe suspenso o auditorio em religiosa admiração, sobretudo no *largo*, cuja execução excedeu toda a espectativa.

E' assim com a mesma perfeição, com o mesmo fulgor, com o mesmo genio foram interpretados todos os numeros, todas as peças, todos os autores. Mas, primeira entre as primeiras, maravilha das maravilhas, a execução da *Marcha Turca*, de Beethoven - Rubinstein. Guiomar Novaes tocou-a com tamanha perfeição que parece impossivel haver quem melhor a execute. Viu-se e ouviu-se o desfilar da tropa nas diversas phases da sua approximação e do seu afastamento, illusão em que se resume todo o effeito artistico da celebre peça. A "Paderewsky dos Pampas", como lhe chamou um critico norte-americano, deu toda essa illusão ao auditorio empolgado, que a applaudiu em delirio, exigindo bis. E a maravilha foi bisada.

Coroando os dois vesperaes, Guiomar Novaes, a pedidos insistentes do publico, fez ouvir mais uma vez a fantasia de Gottschalk sobre o *Hymno Brasileiro*, de Francisco Manoel.

Sem indagar se a famosa composição gottschalkiana é propria para figurar num concerto, a verdade é que ninguem se cansa de ouvil-a através das mãos divinas da divina pianista. E é bello de ver-se todos os assistentes de pé ouvirem a inegualavel interpretação, que se torna, assim, uma especie de homenagem duplamente glorificadora, ao Brasil e á sua gloriosa filha.

Ouvindo e reouvindo Guiomar Novaes, dezeseis annos depois que a ouvimos pela primeira vez, em 1914, não cessamos de repetir os versos que nos inspirou a memoravel estréa:

E' um prazer divino ouvir como tu
[brilhas
Nos poemas immortaes dos musi-
[cos-poetas;
Ouvir como ao piano, esplendido
[interpretas
Dos mestres da harmonia as gran-
[des maravilhas.

A' artistica pressão das tuas mãos
[selectas
Se evolam do teclado harmoniosas
[toadilhas;
São outros, novos sons, com que
[tôrnas completas
As obras magistraes que magistral
[dedilhas.

Quando tocas, os sons que o teu
[piano evola
Têm côres de painel, perfumes de
[corolla,
E' da seda e velludo a maciez sup-
[plantam.

...interpretando Liszt, Chopin,
[Schumann, Beethoven,
Parece aos corações de todos os que
[te ouvem,
Que as tuas mãos têm voz, e que
[teus dedos cantam!

MARIA SABINA — Autora e interprete de poesias, Maria Sabina pareceu-nos sempre melhor poetisa que declamadora. Achavamos mesmo haver grande differença entre uma e outra. Entretanto o seu recital de 1.º do corrente no I. N. M., em que a artista, homenageando o 1.º Centenario do Romantismo, disse versos dos primeiros e dos ultimos romanticos, ao lado dos chamados modernistas, e das suas proprias composições, que intitulou de

Transferida do dia 21 de abril, realizou-se sabbado ultimo, no Instituto Nacional de Musica, a vesperal de arte organizada pelas «Damas de Bondade» da Associação Dentaria Infantil, com beneficio da benemerita instituição do professor Frederico Eyer. Foi uma linda festa, na qual tomaram parte as mais galantes figuras dos nossos salões.

individualistas, veiu modificar-nos a primitiva opinião. Se continuámos a preferir a autora á interprete, pensamos todavia que o talento da segunda não está mais muito longe do estro da primeira. As qualidades que lhe notámos, ha cerca de quatro annos, quando foi do seu recital do Trianon, reveladas sobretudo na interpretação de *Os Sinos*, de Poe, aperfeiçoaram-se bastante para nos produzir melhor impressão do que a primeira, a recente audição. Sentimos mais communicativa a sensibilidade da interprete, ouvindo-a sonorizar com bôa dicção e gestos adequados, todos os numeros do programma, especialmente *A Ninon*, de Musset; *Saudade*, de Alvares de Azevedo; *Evocação*, de Esther Squeff; *Mez de Maria*, de Jorge de Lima; *A bola azul*, de Bastos Portela; *Versos*, de Olivieri-Yolanda Loisa, e *Palmares*, de Cassiano Ricardo. Houve mesmo dois numeros em que a applaudida declamadora attingiu a invulgar belleza: foi ao recitar *Marabá*, de Gonçalves Dias, e *Cartas de amor*, de Maria Sabina. Não foram apenas ditos, foram vividos os dois famosos poemetos.

Francamente: não esperavamos que a dictriz brasileira já tivesse attingido ao grão de perfeição que já attingiu. Por isso mesmo não foram simples manifestações de cortezia de amigos e admiradores os applausos e as flores que recebeu a recitalista, mas justa homenagem ao talento e á cultura que revelou como interprete da Poesia.

Oscar d'Alva.

A commissão julgadora do concurso scientifico instituido pelo «Brasil Odontologico» reuniu-se na sala da directoria da Associação dos Empregados no Commercio, sob a presidencia do professor A. Coelho e Souza, para proceder ao julgamento dos trabalhos apresentados áquelle certamen.

Baton & Rouge

«Sous la coupole» do Petit Trianon foi sagrado immortal o novo membro da Academia Brasileira de Letras, Affonso d'Escragnolle Taunay. A recepção do novo e illustre academico realizou-se terça-feira ultima, saudando o recipiendario o academico Roquette Pinto.

(Photo Annunciato)

— Vocês, as mulheres, minha filha, são... Está bem, faze teu maquillage...

— Que é que somos nós, as mulheres, meu querido? Antes, porém, de completares teu pensamento interrompido, peço-te uma coisa...

— Que coisa?

— Sê gentil, galante e complacente com o genero de gente a que pertence tua noivinha, sim? Casámo-nos ainda hontem e estamos em plena lua de mel...

— Mas, meu amor, confias assim tão pouco no meu cavalheirismo? Achas-me, então, capaz de offender as creaturas a quem rendi sempre o mais ardoroso culto de admiração, porque são vocês, as mulheres, que sabem tornar a vida deliciosamente futil, enchendo-a de belleza, de alegria, de encanto e de... consoladoras mentiras?

— Então, a mulher vale-te um culto tão somente pela fascinação, pela graça, pelo prestigio mesmo da sua futilidade na vida? Obrigada, pela parte que me cabe, no teu enthusiastico elogio da mulher..., de todas as mulheres — quero dizer — porque tu generalizaste o galanteio, como quem quer dar a entender que também a mulher que escolheste para noiva é como todas as outras!...

— Mas, queridinha, sê razoavel e comprehende-me: intellectual e moralmente, certo que não te nivelas a qualquer mulher... Physicamente, como expressão de belleza, tambem não... Ha, porém, em vocês todas um fundo espiritual granitico, mais ou menos commum, como ha tambem certos gestos, attitudes, impulsos instinctivos inherentes a toda filha de Eva...

— Esse fundo espiritual granitico...

— E' o que revela e caracteriza a psyche feminina: és bastante intelligente para comprehender que, na sua essencia, nas suas manifestações mais profundas, a alma das mulheres de todas as raças e castas não apresenta differenciações senão muito superficiaes...

— Queres dizer, gentilmente, que a alma de uma negra boçal e rude do Congo é igual á minha, por exemplo?...

— Igual, propriamente, não: tua alma é uma alma requintada, afinada pela civilização. Mas se mudares a negra de meio, de habitos, de educação, nella se revelará tambem tua alma, a alma commum de todas as mulheres...

— Interessante, muito interessante e, sobretudo.... gentil teu bizarro e complicado elogio da mulher, tão cheio de paradoxos! Emquanto termino meu maquillage, continúa, que te ouvirá com muito ttrazer tua mulherzinha branca que tem uma alminha de negra da Africa... Pelo que até agora deduzi, as mulheres não têm verso nem reverso...

— Enganas-te: differenciam-se muito pelo verso e quasi nada pelo reverso, quero dizer — por dentro, pela alma...

— E, no verso do medalhão do teu galanteio, a differenciação, as caracteristicas differenciaes, são, tambem, de fundo espiritual?

— Não; instinctivo. E teem sua origem na folha de parra paradisiaca com que Eva procurou disfarçar a sua esplendente e casta nudez. Foi esse o primeiro gesto de coquetterie da mulher...

— Hein? Como? Não sei a que queres chegar...

— Ora, filhinha, quererás dizer que a vaidade, que todo esse jogo de coquetterie em que, ha millenios, se empenham as descendentes de Eva não é commum a todas as [illegible]

AUTORES

Sob o pseudonymo de Lucien, Raul Lelis, nosso distincto collega de imprensa e brilhante «conteur», acaba de enfeixar, em elegante volume, varias chronicas de sua lavra. «O Bezerro de Ouro» — é o titulo do livro que nos dá, agora, o fino estylista, um lindo volumesinho em que a irreverencia da linguagem e uma velada licenciosidade fazem lembrar paginas de Aretino, de Brantôme, de Rabellais, e as, já celebres, do nosso Conselheiro X. X.

EM CAXAMBU'

Olegario Marianno, o emotivo poeta de «Agua Corrente» e «Ultimas Cigarras», e nosso illustre collaborador, esteve, recentemente, em Caxambú, onde fez uma estação de aguas e repousou um pouco de todas as fadigas da cidade... Nestas duas photographias, Olegario Marianno apparece com um grupo de amigos naquella estancia de verão, vendo-se ahi, além do poeta e academico, a pintora Sarah Villela Figueiredo, o architecto Nestor Figueiredo, o dr. Rodrigues Barbosa Filho, o casal Werner Wiszomirsky, a senhorita Theodureto Nascimento, o dr. Alvaro Teixeira e filha e o casal João Teixeira.

FILIGRANAS

Na casa socegada, a mãe divertia as crianças com uma velha parlenda:

Dominguinho,
Seu vizinho,
Pae de todos,
Fura-bolos,
Mata-piolhos.
Que dê o toucinho daqui?
Gato comeu.
Que dê o gato?
Está no mato.
Que dê o mato?
Fogo queimou.
Que dê o fogo?
Agua apagou.
Que dê a agua?
Boi bebeu.
Que dê o boi?
Está amassando trigo.
Que dê o trigo?
Gallinha espalhou.
Que dê a gallinha?
Está botando ovo.
Que dê o ovo?
Padre bebeu.
Que dê o padre?
Está dizendo missa.
Que dê a missa?
Está no altar.
Então vamos procurar o gato...

Começavam as cocegas e os meninos riam a valer, enchendo de rumor e alegria a casa socegada. E eu me lembrei que ha sete lustros eu gargalhava assim...

lheres? Agora mesmo, que é que estás fazendo? Ha uma boa hora teu baton e teu rouge proporcionam-te a delicia da mais futil e chic preoccupação feminina do seculo...

— Que as negras do Congo tambem teem, de certo...

— Por que não! Vocês — as civilizadas, as raffinées, fazem maquillage; ellas tatuam-se para ficar mais bellas e tentadoras...

— Talvez tenhas razão... Mas, olha, agora que acabei, e dize-me: não estou muito mais bonitinha, assim, pintadinha, com este coraçãosinho, que é teu, na bocca, para que o beijes, e com estas faces frescas como uma rosa de primavera, e estes cilios eriçados, espetados, a velarem, mysteriosamente, minha alminha de... negra?

— Estás linda, sim, queridinha; nem penses que, falando como fiz, condemno o baton, o rouge, o bistre, o Kimmel's cosmetic cream, e toda a bateria de maquillage que te cerca. Mas...

— Mas... Dize!...

— Não quero que o faças mais na minha presença...

— Por que? Não gostas, então, de me [illegible] enfeitar e fazer bonitinha para te agradar?

— Quando te entregas ao maquillage, não. Fazes tantos gestos, tantas caretas, que pareces uma...

— Uma...

— Não te zangas, não?

— Não... Tenho a certeza de que vou rir... Dize: uma...

— Macaquinha!

— E eu não sou mesmo a tua macaquinha, lá da Africa?

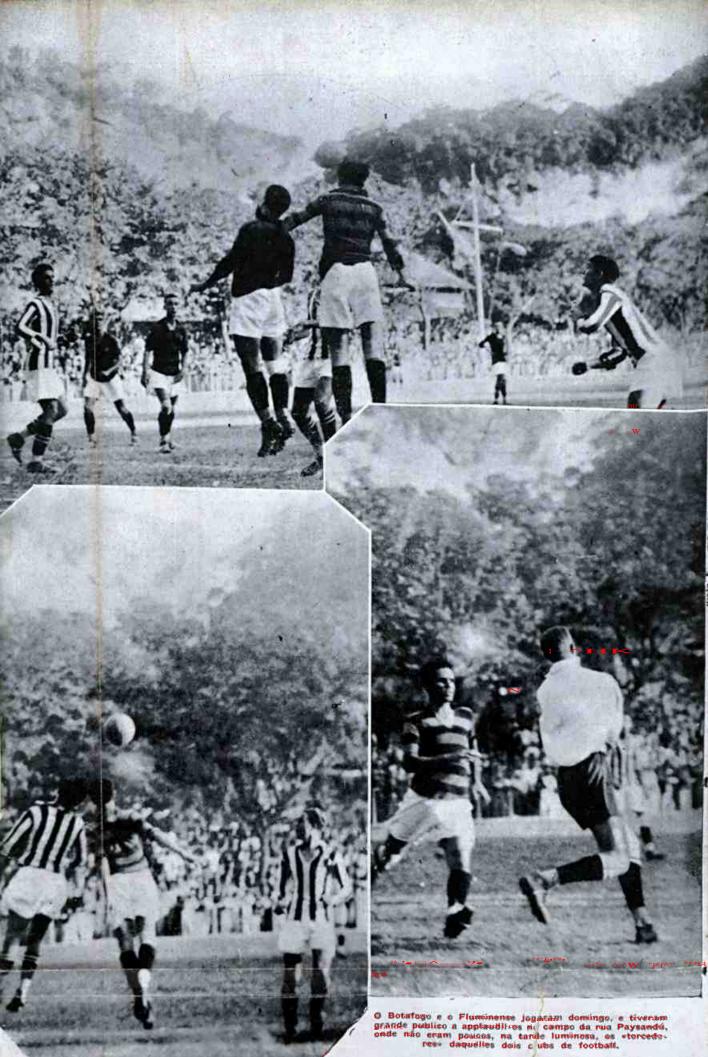
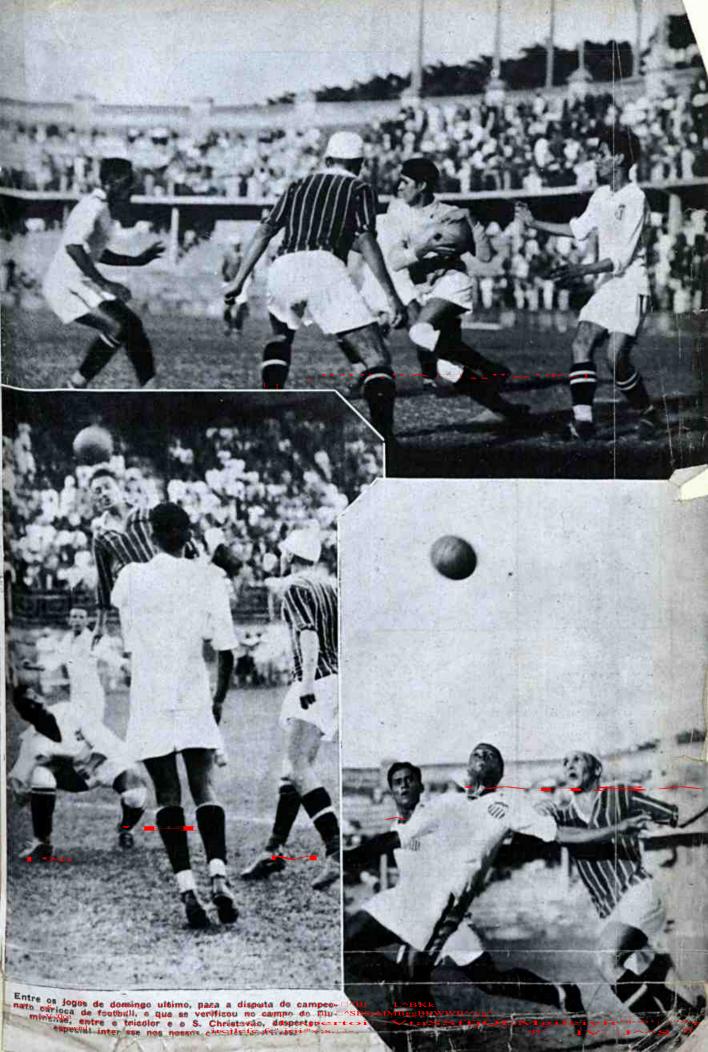
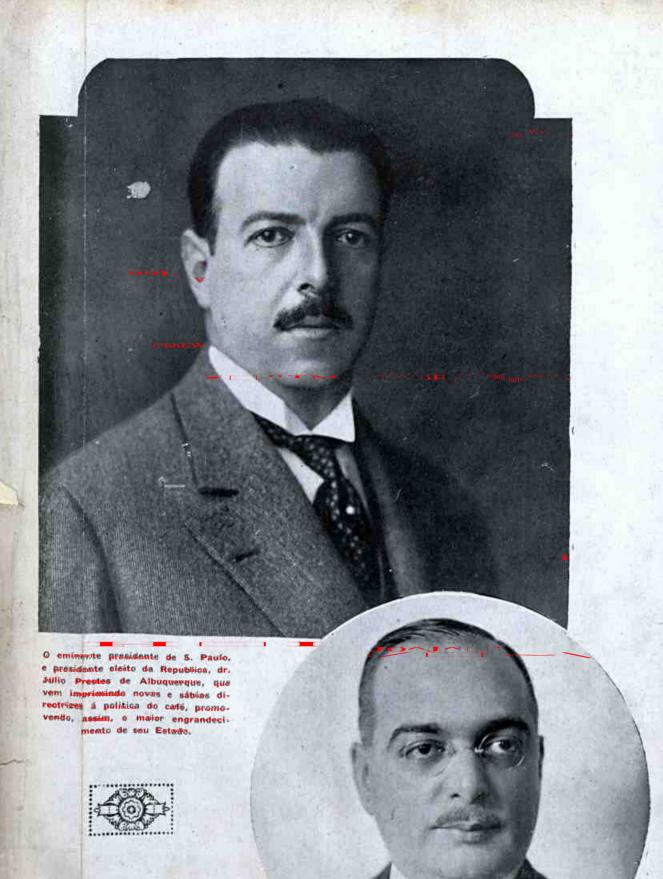
— Não: a minha gatinha, sim. Uma gatinha de olhos côr de cinza, que tem um ron-ron de beijos na garganta...

— Querido!

— Meu amor, meu grande amor maquillé!...

Fragonard.

O Botafogo e o Fluminense jogaram domingo, e tiveram grande publico a applaudil-os no campo da rua Paysandú, onde não eram poucos, na tarde luminosa, os «torcedores» daquelles dois clubs de football.

O eminente presidente de S. Paulo, e presidente eleito da Republica, dr. Julio Prestes de Albuquerque, que vem imprimindo novas e sábias directrizes á politica do café, promovendo, assim, o maior engrandecimento de seu Estado.

O dr. Salles Junior, secretario das Finanças de S. Paulo e presidente do Instituto do Café, que, como auxiliar operoso e culto do governo Julio Prestes, vem dando a mais efficiente [illegible] ao plano de defesa [illegible] principal producto da [illegible] exportação brasileira.

Grandeza e progresso de São Paulo

A obra de defesa do café

A obra de defesa do café, a que tanto se tem devotado o dr. Julio Prestes, afim de assegurar ao principal producto da nossa exportação o seu melhor e mais efficiente desenvolvimento economico, encontrou, no dr. Salles Junior, um dos seus mais intelligentes orientadores.

Espirito culto e esclarecido, o illustre auxiliar do governo paulista vem prestando ao eminente chefe do seu Estado brilhante e valioso concurso, cooperando, efficazmente, para a mais larga e fecunda realização da politica economica do café.

Na direcção da pasta das finanças e na presidencia do Instituto do Café, o dr. Salles Junior se tem revelado o administrador habilissimo, talhado para o exercicio das complexas funcções que lhe foram confiadas. E', emfim, *the right man in the right place.*

Agora mesmo, procurando desenvolver os objectivos do Instituto do Café, empenha-se s. ex. pela reconquista de mercados que se achavam em completo abandono, ao mesmo tempo que procura novas praças para a collocação do producto brasileiro.

Orientadas no sentido exclusivo do bem publico, da grandeza e progresso de S. Paulo, a politica e a administração do grande Estado do sul, confiadas a homens como o presidente Julio Prestes, Salles Junior e outras notaveis individualidades, reflectem-se assim, beneficamente, na obra mesma de engrandecimento geral do Brasil.

Convem aqui relembrar as palavras do actual presidente da Republica, o eminente dr. Washington Luis, em que s. ex., na sua memoravel plataforma de 23 de janeiro de 1920, e que tão bem traduzem a relevancia do trabalho magnifico de Julio Prestes e Salles Junior:

"Com a lavoura de café a agricultura paulista impõe-se á admiração e ao respeito do mundo; com ella creou-se e mantem-se o bem estar paulista; com ella organizaram-se em nosso Estado os serviços publicos que asseguram os direitos fundamentaes do homem em sociedade; com ella e para ella constituiram-se e trafegam as estradas de ferro em nosso territorio; com ella e para ella alinharam-se os kilometros de cães que fazem de Santos um formidavel entreposto maritimo; com ella e para ella vive e viverá ainda por longos annos o Estado de São Paulo".

Um opulento cafezal no municipio paulista de São Manoel, na região da Sorocabana.

Cachorro sem dono

ERA um cachorro vulgar. Magro, maltratado, com varias falhas no pello amarello sujo. Apenas lhe attenuavam a fealdade os olhos escuros e vivos, cheios de lealdade, dessa lealdade que só os cães sabem possuir.

Naquelle bairro pobre, onde a falta de asseio das casas e dos seus habitantes se mesclava á sordidez dos mexericos, elle passára os dias mais crueis da sua vida.

Embora incomprehendido como a maioria dos seus iguaes, todos lhe sabiam a historia. Historia que talvez fosse uma lenda como tantas que andam por ahi...

Porem, em todas as historias ha figuras verdadeiras. Uma mulher bonita, um marido ciumento e o inevitavel villão; os tres eternos personagens das tragedias antigas e modernas.

E essa cousa horrivel que se chama a lingua do mundo, delatora anonyma dos casos doloridos que o destino trama, depois de vasculhar algum tempo a miseria desse lar, apparentemente feliz, mais uma vez forjára e conseguira a sua destruição.

Porque ha de ser sempre o maior prazer dos que estão em baixo, arrastar para a lama o que julgam estar acima delles...

Não poude o cão seguir a sua dona, que desapparecêra no seio da terra acolhedora. Não quiz ficar ao lado do assassino, cuja attitude a sua mentalidade de cão não comprehendia.

E como nutrisse pelo outro um instinctivo rancor, preferiu buscar, nas ruas proletarias do bairro vi[illegible], o [illegible] para a sua grande magoa.

Deixára de ser um cachorro de estimação. De ter uma casa, um nome. Tornára-se um cão vadio. Procurava no lixo dos cortiços o osso que lhe mataria a fome, e era tocado a pedradas pelos moleques do bairro.

Mas um dia... (até o mais desgraçado dos seres têem o seu dia) o Paschoal, açougueiro da esquina teve um gesto de generosidade: atirou ao pobre cachorro um pedaço de carne que lhe sobrára sobre o balcão.

Desde esse dia, o animal passava todo o seu tempo estirado á porta do açougue, como um guarda vigilante.

Vicente, Angelina e Beppino, filhos de Paschoal, em breve se affeiçoaram áquelle companheiro submisso, que se deixava puxar por todos os lados sem ter jamais um gesto de protesto para com os seus pequenos amigos.

Pensaram, então, em baptizal-o. Angelina queria que lhe déssem o nome de "Totó", como o loulou de sua madrinha.

Vicente, que já sabia ler, opinava para "Sultão".

Beppino ainda não tinha affirmado. Dito, o negrinho espevitado que morava na mesma rua e que "bancava" sempre o espirituoso, achava que um cachorro tão magro só podia se chamar "Caniço".

Questionavam sobre o nome mais apropriado, quando surgiu no açougue a nhá Engracia.

Era uma velha mulata, muito conhecida naquella redondeza, pois ajudára a vir ao mundo quasi toda a gurysada do bairro.

— "Gente, onde voceis foram desenterrar esse "cadavre"?

Que bicho feio! Ave-Maria!

— "Bicho feio, não", atalhou Vicente, defendendo a esthetica do seu companheiro de travessuras; elle está um pouco magro, mas é um cachorro bom e bonito.

— Qual, Vicentinho, isso não é cachorro, é um molambo.

— "Molambo"? Que nome engraçado! Nhá Engracia tinha cada uma!

Mas o nome ficára.

"Molambo", affectuoso como só os cães sabem ser, esqueceu, junto daquellas creanças, não só os dias amargos que havia passado, mas tambem o conforto daquelle lar que o sopro da fatalidade, peor que um terremoto, havia arrazado.

Rompêra de uma vez com o que havia sido. A sua vida, o seu mundo era agora aquella porta de açougue, onde não raro os impropérios das cozinheiras se mesclavam aos berros fanhosos de um gramophone da casa fronteira, onde morava uma creatura de má vida.

E a vida ia passando...

Uma noite, emquanto vigiava, "Molambo" escutou o ruido de uns passos que não eram habituaes naquella rua proletaria.

Lições de cousas

Da Alegria

A Alegria é um pretexto delicado
de a gente
se mostrar bem feliz dentro da Vida.
Mas, um sorriso, muitas vezes,
mal disfarçado
(Um sorriso, apenasmente!)
é o sufficiente
para trahir, num surto inesperado,
toda a apparente
serenidade,
toda a mentira de felicidade
que ha, por prazer da gente,
dentro da passageira claridade
dessa alegria mal fingida...

E' por isso (Oh! si é!...) que muita gente
quando sorri... sorri com muito juizo!
P'ra não mostrar ao mundo maldizente
toda a magoa que occulta sábiamente
na mentira divina de um sorriso...

MANOEL CUNHA

Conto de COLOMBINA

Eram passos cautelosos, macios. Acompanhava-os um perfume aristocratico, um perfume que "Molambo" conhecera, quando ainda lhe acariciava o pêllo as mãos brancas daquella mulher cuja belleza, ou cuja leviandade, o havia tornado um cachorro sem dono.

Sem se mexer da posição em que estava, o animal, attento, escutava.

Um homem passou por elle. Olhava para todos os lados como si receiasse ser visto. Mas não era um ladrão. Pelo menos não era um ladrão vulgar.

Estava bem vestido, bem calçado, e só aquelle perfume bastaria para revelar que era um homem de sociedade.

Que o levaria áquella rua humilde?

Com certeza, uma aventura.

Deante de um sobradinho de apparencia decente, o homem parou. No alto, havia uma janella illuminada.

Seria um signal?

"Molambo" olhava e escutava...

De repente, de um portal, surgiram dois vultos.

Quatro mãos agarraram o desconhecido pelo pescoço.

"Molambo" era um cachorro vulgar só na apparencia.

Corria-lhe nas veias o sangue de uma raça de valor.

De um salto, estava junto ao grupo, e os seus dentes agudos, dentes de lobo, cravaram-se nos braços e nas pernas dos assaltantes. Estes, aterrorizados pelo estranho defensor, puzeram-se em fuga e o animal em sua perseguição.

D'ahi a pouco, voltava.

Só então o homem desconhecido prestou attenção ao seu salvador.

— "Valente"? E' você mesmo, "Valente"? Meu velho amigo! Como você está mudado!

Ouvindo aquella voz amiga, o cão tornou a ver a felicidade perdida. Deixou que o homem pousasse a mão sobre a sua cabeça e lia-se-lhe no olhar uma inenarravel satisfação.

E foi contente, como que deslumbrado, que lhe seguiu os passos até á entrada de um palacete moderno.

* * *

"Molambo" agora tinha um dono. Uma casa. E todo aquelle conforto que conhecêra nos seus primeiros annos de vida.

Nada lhe faltava; desde a ração farta e escolhida até o banho com fricções dada por um criado de categoria.

Porem, no palacete, havia outros cães. "Zoró", o policial belga, "Marcral", o dinamarquez malhado, e ainda dois perdigueiros.

Quando chegavam visitas, todos elles eram vistos e admirados, menos "Molambo", que agora se chamava outra vez "Valente", mas que, apesar de bem tratado, continuava a ser um cão vulgar.

O seu dono, então, não se approximava do lugar onde elle estava, e, si isso acontecia, disfarçava para que ninguem lhe perguntasse sobre o cão burguez que uma noite lhe salvára a vida...

Parecia que se envergonhava de tel-o no seu canil.

Cousas humanas que os cães não podem comprehender...

* * *

Os dias iam passando.

"Valente", ao qual nada faltava, ia emmagrecendo. Passava os dias numa estranha immobilidade, recusava a comida e havia nos seus olhos uma infinita tristeza.

Aquella habitação aristocratica, aquelles manjares finos, e bôa cama, tudo aquillo que o cercava magnificamente, ficára sem valor deante da amargura que o consumia.

A lembrança da rua proletaria o torturava.

A nostalgia da sua liberdade de cão bohemio acordava-lhe no coração a visão daquelles garotinhos sujos, que com elle brincavam á porta do açougue.

Aquelles não tinham vergonha de acarinhal-o em publico... Aquelles nada possuiam, mas repartiam com elle esse nada, que só o affecto póde transformar num thesouro immenso.

.. ..

E uma noite, em que os pyrilampos desafiavam as estrellas na altura, "Valente", cuja magreza tornára lassa a coleira, libertou-se da mesma e lá se fôra numa corrida desabalada pela escuridão a fóra...

Que lhe importavam as noites ao relento? A fome e a incerteza do dia seguinte?

Si o esperavam, para suavizar-lhe todos esses contratempos da vida, as caricias desinteressadas d'aquellas pequeninas mãos? Daquellas mãos, ás quaes o mundo ainda não ensinára o maior e o mais negro dos peccados, aquelle que se chama ingratidão?

Resignação

Olho a chuva que cáe... Crepuscúleja:
rolam as folhas no silencio do jardim...
Assim morre a esperança bemfazeja,
— folha da arvore linda que houve em mim...

Sonho ás vezes comtigo: beijos, phrases
loucas, abraços incendiados de paixão.
Vejo-te, em passos leves como gazes,
ir, voltar, — uma doce inquietação...

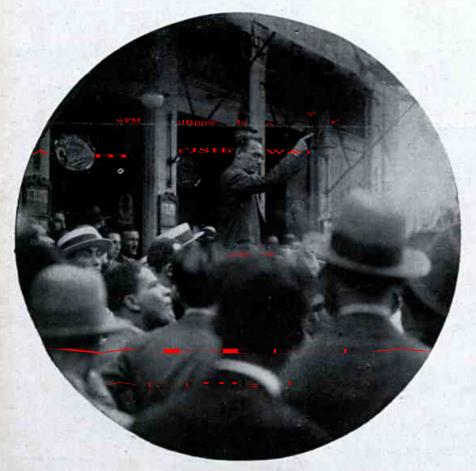
Si apagaste os fulgores e a belleza
do meu destino, não te culpo... Era fatal:
és linda, semeadora de tristeza,
e só as feias não nos fazem mal...

* * *

Lembro-te apenas como foste um dia:
rosa vermelha, cujas petalas sensuaes
encerraram, na gloria da alegria,
minha grande loucura de rapaz!...

HYGINO BERSANE

O dr. João Guimarães, após ser reconhecido deputado federal pelo Estado do Rio, foi alvo, em Campos, sua cidade natal, de imponentes e enthusiasticas manifestações, de que a gravura acima focaliza interessante aspecto.

Outro flagrante das manifestações ao deputado João Guimarães, na occasião em que o homenageado era saudado pelo dr. Cardoso de Mello, na Camara Municipal.

FILIGRANAS

Quando meus olhos se perdem na amplidão infinita e negra do ceu nocturno pontilhado de estrellas, não as ouço como Bilac, nem converso com ellas como Rostand, mas penso na extrema insignificancia que somos, nós homens, ante a soberba magnitude das coisas. E as duvidas crueis me assaltam como um exercito de duendes. E a minha alma estremece deante do mysterio insondavel que nos circumda. E o meu pensamento bate asas, dolorido, doloridamente, na prisão a que um poder superior o condemnou...

Pequenos registros...

Phócion Serpa fez uma collectanea,
(Ou Selectanea)
da poesia de Alberto de Oliveira,
que, na literatura
contemporânea,
é uma excelsa figura,
um poeta de expressão serena e verdadeira
e artista de linhagem nobre e pura.

A Natureza — é assim que se enuncia
Phocion Serpa — na obra
Poetica de Alberto — e preludia
num prefacio de força e se desdobra
no elogio do Mestre, e o que elogia
é, sem duvida, digno de louvor,
que Alberto — esse consolo, emfim, nos resta —
homem de linha e incorrigivel sonhador,
é o poeta do Salão e da Floresta!
E, no bosque ou na sala,
a sua voz se exhala
como si fosse a propria voz do amor...

Henriqueta Lisbôa,
suave poetiza do Enternecimento,
quando encontro você, no meu caminho,
o seu despretencioso chapéozinho
é, para mim, apenas, a corôa,
a corôa do sonho e do Talento.
Henriqueta Lisbôa!
um chapéozinho que é corôa apenas...
Apenas?
Só se são as pennas
das suas azas de imaginação,
das suas azas de poetiza e musa,
com que você, voando e sonhando, cruza,
na celeste estação,
com as outras aves e outras criaturas
que se empennam das penas das torturas,
as divinas torturas
do Coração...

A poesia e a prosa...
Hontem vi, na Avenida,
parou commigo, distrahida,
distrahida... e... trahindo-se, á palestra
corrente e harmoniosa,
a poetisa, e agora
prosadora tambem, a suave Elóra:
doce poetiza e prosadora dextra,
filha da Egreja e da Arte; religiosa,
simultaneamente,
de Christo e Apollo:
um pé no céo e um pé, na terra. E' crente.
E vae vivendo distrahidamente.
— Elóra Possôlo...

CARIDADE MAL FEITA

De ASTAROTH

FAZER a caridade é um dos mais bellos habitos dos brasileiros.

Nunca se appellou em vão para a alma bem formada dos meus patricios.

Dahi, naturalmente, nasceu no cerebro dos exploradores a certeza de que o Brasil é o paraiso dos malandros, dos mendigos falsos ou verdadeiros e de outros "profiteurs" do nosso bom coração. Não sei si é porque sou brasileiro, mas o facto é que não sei negar uma esmola a um maltrapilho que me estenda a mão, muito embora duvide da miserabilidade delle!

Acho que melhor será dar a um malandro mais rico do que eu, a negar a um verdadeiro miseravel.

Entretanto, assim eu, como os que fazem como eu e como os que negam systematicamente um obulo, estamos errados.

Dar é bom; negar é máu.

Dar, porém, na incerteza de estar dando ou não a esmola a um verdadeiro necessitado, é só meia caridade.

A duvida que nos enche o coração diminue, forçosamente, o valor da acção.

Dar esmolas nas ruas ao primeiro que nos estende a mão é um acto bonito, mas... quasi sempre prejudicial.

Muitas vezes, o primeiro obulo que se põe na mão de um malandro sem vergonha, não é mais do que a certeza que lhe damos de que elle não necessita trabalhar mais.

Por outro lado, a exhibição do mendigos nas ruas de uma cidade civilizada depõe muito contra a policia e os poderes publicos de um paiz. Embora o Rio de Janeiro esteja em parte expurgado da mendicancia, ainda ha por ahi muito mendigo.

Esse expurgo, indispensavel como moralidade, como decencia e como hygiene, não póde, não deve ser feito, porém, arbitraria e brutalmente.

Limpar uma cidade arrebanhando das ruas os mendigos e empilhal-os nos xadrezes das delegacias, para depois soltal-os indicando-lhes os caminhos dos arrabaldes e suburbios, é um trabalho perdido.

A creação de asylos para os verdadeiros mendigos e as colonias correccionaes para os malandros são os unicos remedios efficazes.

O governo que, imitando a Inglaterra, crear as "casas de trabalho" para os mendigos, (*working-houses*), terá contribuido immensamente para o progresso da nossa terra.

Na Inglaterra, em cada cidade, existem diversas "working-houses", mantidas em parte pelas esmolas que o cidadão inglez dá e em parte pelo producto do "trabalho" dos mendigos asylados.

Não ha duvida que de facto existe muita gente impossibilitada de produzir qualquer cousa, mas, a maioria dos que estendem a mão está, ordinariamente, apta a produzir qualquer cousa.

O facto é que nos paizes onde os mendigos são asylados se encontra sempre a maneira de occupal-os em trabalhos compativeis com as suas forças e de accordo com os aleijões, mutilações e outros defeitos capazes de causar piedade quando exhibidos.

As esmolas que nós damos nas ruas durante um mez, seriam capazes de por si sós fazerem com que sejam re-iniciadas as obras do Asylo que o sr. Affonso Penna, quando ministro, iniciou e que, inexplicavelmente, foram suspensas a meio.

Uma vez que a cidade do Rio possúa asylos capazes de abrigar os verdadeiros mendigos e si a policia perseguir a malandragem com a mesma tenacidade com que vem atacando o "jogo do bicho", nós, os caridosos brasileiros, poderemos encaminhar, mensalmente, para esses asylos, os nickeis que deixamos cahir nas mãos dos exploradores, não deixando recahir totalmente sobre o governo do paiz a tarefa de asylar e manter mendigos.

Por sua vez, o governo poderia evitar que o Brasil importasse mendigos, poderia taxar as "poules" dos prados de corridas, as dos frontões, os artigos de grande luxo, etc., tirando dahi um pouco de verba destinada á manutenção dos asylos.

Ao serem creados esses, evitar-se que para a sua administração fossem creados os "quadros" de funccionarios capazes de por si sós absorverem todo o dinheiro destinado á manutenção; evitar-se o celebre regimen do *papelorio*, instituição genuinamente brasileira e a maior causa dos "deficits" e da proliferação das traças e cupins no Brasil.

Depois de obtido tudo isso, o povo brasileiro poderia deixar de dar esmolas nas ruas e si, por preguiça ou por opinião, os mendigos não quizessem aceitar o asylo, então seria justo que lhes fossem negadas esmolas, attendendo a que tinham onde abrigar-se para viver.

Todo cidadão inglez concorre para a manutenção das "working-houses" e nega-se a dar esmolas nas ruas.

Dirão que em Londres morrem de frio e de fome muitos mendigos: é um facto.

O mendigo inglez é inglez e, portanto, elle tambem conhece a divisa "Dieu et mon droit"; elle sabe que tem direito a andar por onde quizer e fazer o que todo o cidadão inglez póde fazer; si resolve não acceitar o asylo que lhe offerecem as "working-houses", si quizer perambular pelas ruas e morrer de fome e de frio, ninguem tem nada a ver com isso.

Muita gente julgará que nas "casas de trabalho" o regimen e a disciplina são tão severos que alguem prefere morrer á fome a entrar para lá.

Puro engano. O que não ha lá, é fumo, *whisky* e malandragem.

Essas tres cousas é que levam o mendigo inglez até a morte pelo frio e pela inanição.

Mas lá, na livre Inglaterra, o direito de morrer de fome e de frio é um direito como os demais.

A creação dessas casas de trabalho no Brasil é uma necessidade; si cada cidadão valido concorresse, mensalmente, dentro do Districto Federal, com a quantia de quinhentos reis para os asylos de mendigos, subiria a setecentos e cincoenta contos o valor dessas esmolas e essa quantia, accrescida pela venda dos productos manufacturados nos asylos, seria bastante para manter nos recolhimentos todos os mendigos da Capital.

Mas, si depois de serem creados taes abrigos, houver mendigos que prefiram não procural-os ou abandonal-os, teremos então o direito de deixal-os morrer á fome sem piedade.

Fazermos caridade, enriquecendo malandros e ensinando a ociosidade vergonhosa aos aleijados e decrepitos, é caridade mal feita, caridade perdida, caridade criminosa.

Em prol da verdade

Embora os rivaes irrite
Direi da verdade em prol:
O sabonete da elite
E' sabonet Eucalol.

O juiz. — Idade?

A testemunha. — Conto vinte e cinco annos.

O juiz. — Não nos interessa saber os que conta, mas os que tem.

*

Elle. — Como?! Já queres outro chapéo?... Onde pensas tu que eu vou buscar dinheiro?...

Ella. — Bem sabes que não sou curiosa.

*

O cardeal Mazarino dizia, certa vez, referindo-se a um magistrado chamado Lecoigneux:

— E' tão bom juiz, que só sento não poder condemnar as duas partes.

*

— Que tens, que estás com a cara tão triste?

— Nada. E' que comprei esto chapéo, e me ficou um pouco pequeno.

— E por isso mostras essa cara triste assim?

— E' que, si eu rio, o chapéo me cae da cabeça...

*

Muñoz Seca, o famoso autor theatral hespanhol, achava-se, certa vez, muito atarefado, quando recebeu a visita de um joven com volumoso manuscripto de um drama em quatro actos e seis quadros. Pretendia o novel autor que Muñoz Seca lêsse a obra e lhe désse o necessário titulo.

— O titulo — dizia elle — costuma dar ou tirar o exito de uma peça theatral.

Muñoz Seca prometteu ler a obra do visitante. Mas, como não o fizesse com a presteza exigida pela impaciência do novel autor, recorreu ao prestigio de pessoas de intimidade de Seca, solicitando-lhes cartas de recommendação para o illustre escriptor.

E, assim apparelhado, se apresentou de novo em casa de Muñoz Seca, que se apressou em dizer-lhe:

— Dentro de alguns dias lerei sua obra.

Então, o moço lhe entregou as cartas de que era portador.

Immediatamente, Muñoz Seca lhe disse:

— Já tenho o titulo para seu drama.

— Mas, como, mestre? Não acaba de dizer-me que ainda não o leu?...

— Não importa. Ha, nelle, algum personagem que toque trombeta?

— Não, mestre. Nenhum.

— Muito bem. E ha algum que toque tambor?

— Tambem não.

— Pois então lhe ponha este titulo: "Sem trombeta e sem tambor"...

*

— Então, foste nomeado dentista do millionario X...?

— Sim. Precisamente dois dias depois de ter elle perdido o seu ultimo dente.

*

— Este guarda-chuva não é teu.

— Já o sei. Mas não digas nada a ninguem.

— Sim, não digo. Mas é que elle me pertence...

*

A esposa. — O medico me receitou banhos de mar. Tem paciencia, maridinho, mas precisamos mudar-nos para Copacabana. Breve terás tua esposa restabelecida.

O marido (tolerante). — Sim, filha, sim... Mas, com o que tenho gasto nos concertos, eu poderia ter duas ou tres esposas novas.

*

No Jardim Zoologico.

— Que tem esse pobre cervo, que está como um louco?...

— Ah, senhor!... Toda vez que vê o jardineiro, julga que vão podal-o...

*

Conselho de um norte-americano a seu filho:

— Meu filho, ganha dinheiro honestamente, si puderes; mas ganha dinheiro...

*

— Lavandeira, você me perdeu um lençol.

— E' verdade. Mas, como o perdi depois de laval-o, a senhora me deve a lavagem.

*

Na pharmacia.

A senhora. — Preciso de um especifico para a pelle.

O pharmaceutico. — E' para a senhora?...

A senhora. — Não. E' para meu marido, cujo corpo está cheio de buraquinhos.

O pharmaceutico. — Que idade tem elle?

A senhora. — Setenta e seis annos.

O pharmaceutico. — Metta-o no camphora, minha senhora. Deve ser a traça...

*

Quando Mark Twain esteve em Londres, um individuo, que se vangloriava de se parecer physicamente com o grande humorista, lhe enviou sua photographia, pedindo a respeito a opinião do escriptor.

Mark Twain respondeu-lhe com estas palavras:

"Estimado senhor. Sua photographia é tão parecida com a minha, que resolvi collocal-a no quarto de banho, no logar do espelho, e, daqui por deante, a utilizarei para barbear-me".

*

O pintor (com orgulho). — Este é o melhor quadro que pintei em minha vida!...

O critico de arte. — Pois não desanime por isso, meu amigo...

*

Aleixo Soumet tinha um genro que era um homem taciturno e silencioso e um polyglota de grande valor. Certa vez, referindo-se a elle, Soumet teve esta phrase:

— E' um sabio. Cala-se em sete idiomas.

*

Num dia de visita na Casa de Detenção, um curioso perguntou a certo sentenciado que permanecia sozinho a um canto da prisão:

— Seus amigos não vêm visital-o?

— Não, senhor — respondeu o detento. — Moram todos aqui.

Ás pernas de Mlle. Gertrudes

QUERES saber, curioso amigo, o motivo por que, apesar de ter feito a côrte a Mlle. Gertrudes N..., cuja belleza e fortuna faziam della um partido desejavel, vou casar com Mlle. Lucienne R...?

Primeiramente, todo mundo sabe que um "flirt" não compromette em nada, e que os cumprimentos e attenções são a moeda corrente da galanteria franceza. Podes concluir dahi que a minha consciencia está tranquilla.

Em seguida, tenho excellentes razões para me furtar a um casamento com Mlle. Gertrudes. E, essas razões são... suas pernas mal feitas.

Tu viste, meu caro, as pernas dessa joven? Eu estava, com effeito, apaixonado por ella e pelos seus dois milhões. Mas, sommado tudo, e os meus valendo os della, não lamento nem a mulher, nem a fortuna. A minha não me permitte ambicionar a della. Mas não te impacientes. Chegarei ao fim da minha carta, isto é, darei a explicação que desejas.

* * *

Ha quasi tres mezes, fui convidado para o ultimo baile branco da estação, em casa dos Dehauvet — os mais mundanos da mundana cidade onde exerço a minha profissão de advogado... sem muitas causas.

E' delicioso um baile branco. Toda a mocidade, a mais selecta da cidade, se achava reunida, nessa noite, nos vastos e sumptuosos salões dos donos da festa, cuja graça acolhedora e cortezia são reputadas com razão. A mais velha das *jeunes filles* — era Mlle. Lucienne — com vinte e dois annos, e eu era, com os meus vinte e cinco, o decano da gente masculina.

Não te falarei dos adolescentes, somente adolescentes, uma vez que a poesia tem a ganhar com isso.

Lindas, sob o esplendor das luzes, com os seus olhos brilhantes, o seu sorriso feliz, os braços nús e os cabellos de ouro, ou escuros, cujo penteado, algumas vezes, enquadrava o oval do rosto; todas ellas pimpõ- nas, com os seus vestidos leves, constituiam uma multidão de elegantes.

A bem dizer, gosto dessa moda que dá ás mulheres correctas, analogias com aquellas que o não são; mas nessa noite, ebrio de luzes, naquelle ambiente de mocidade e naquella atmosphera de perfumes, eu me deleitava com o espectaculo embriagador, de todas as côres, em que todo mundo brilhava vaidosamente.

Não pensava em dançar, mas em [illegible] a ella Gertrudes, com quem acabara de valsar, havia alguns instantes.

De repente, e por acaso, percebi, deante de mim, uma joven que, sentada ao lado de Mme. Debauvet, parecia estar absorvida na contemplação dos dançarinos.

Estava vestida de branco. O seu corsage, decotado contrariamente ao feitio dos outros, não tinha outro adorno senão uma rosa vermelha, presa á cintura. Notei que o seu vestido descia até os sapatos.

Tinha uma profusão de cabellos castanhos, mas a fronte núa, a despeito dos seus cachos rebeldes. Nem uma joia. Ella me intrigou. Levantando-me, approximei-me de Mme. Debauvet, por quem, sem duvida, ella estava sendo vigiada, e perguntei-lhe si me concedia a proxima dança.

— Pois não, senhor — me respondeu simplesmente — comtanto... comtanto que não seja o "shimmy".

— O "shimmy"? — repeti eu, admirado. — Apesar de rapaz, eu o ignoro.

De

JEAN BARANEY

— Oh! — fez ella, dando de hombros, com signal de lesprezo. — E' uma dança feia. Mas o meu irmão gosta anto della, que tel-a-ia pedido. Hão de dançal-o. O enhor verá...

E dançaram o "shimmy", com effeito, e foi uma cisa de que, até agora, eu não tinha a menor idéa. Carece, comtudo, que é a dança da moda, como os estidos curtos e os corsages excessivamente decoados.

Meu amigo Pedro, si não conheces o "shimmy", não imentes não o conhecer e ignorar a incoherencia dos movimentos, o grotesco das contorsões que fazem os ançarinos e dançarinas. E' como a manifestação de ma loucura súbita. E faz rir ou revolta até á medulla.

— Como é feio! — murmurou a minha bella vizinha. ão comprehendo o meu irmão. E veja, senhor, si elle ança com alegria. E' esse rapaz alto e forte que dan- com aquella moça loura, Mlle. Gertrudes, creio eu...

— Sim, é ella mesma — disse eu.

Como ella estava linda, mais do que sempre, Mlle. ertrudes! Os cabellos que lhe saltavam, ao embalo ssa dança extravagante, lhe formavam como uma ureola na cabeça. Parecia que ella não tinha a conciencia de ser ella mesma, e que vivia dentro de um nho, emquanto os seus pés afloravam apenas o lo, num rythmo tão precipitado que pareciam alados, mo o do deus mensageiro do Olympo.

E dos pés, o meu olhar subiu, naturalmente, até as rnas, tão bem feitas, que outras não lhe fariam conrencia.

E eis que, súbito, Mlle. Lucienne teve um pequeno riso, que me fez voltar, estupefacto, menos pelo o zombeteiro do que pelo facto que o provocava.

— Mademoiselle — balbuciei — mademoiselle viu?

Elle fez um signal com a cabeça, mordendo os las, emquanto o riso que ella procurava abafar exdia no seu olhar, nos seus olhos grandes e sorbos.

E o que ella vira, como eu, que não lhe perguntei que, é que as lindas pernas de Mlle. Gertrudes, haam mudado de logar. Meu Deus! Na fúria do "shim-", a parte posterior da perna se deslocara para a nte. Mlle. Gertrudes tinha pernas postiças.

* * *

Meu caro, eu rio ainda da aventura e rio com Mlle. cienne, que se fez minha noiva, depois dessa noite baile.

Ella é filha de um commandante reformado e, sem e, vive para seu pae e o seu irmão com toda a ter- do seu coração. Muito intelligente, muito sims de attitudes, ella tem o encanto exquisito de uma dadeira *jeune-fille* e eu a amo, verdadeiramente. seu irmão se prepara em S. Cyro. O commandante pa os seus vagares em escrever as suas memo- de guerra; e ella pinta sobre porcellana, motivos ticos, para uma importante casa commercial, pois são muito pobres.

Que importa! A minha fortuna fará a delles.

....

Procura, meu caro, encontrar uma outra Lucienne ma com ella. No entanto, espero que assistas ao casamento, que será no proximo mez e aperto mão, com a affeição de sempre. Teu velho amigo,

Marcello.

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

BROADWAY SCANDALS

DA COLUMBIA

Cinema ELDORADO — E' um filme agradavel da primeira á ultima scena, não já só pela variedade do scenario, aliás já bastante apreciado em pelliculas do genero, mas pelo interesse emotivo do enredo, que serve de fio da acção. Estas revistas da tela estão sendo jogadas presentemente em torno de enredos idiotas, bolas de sabão que se desfazem ao primeiro sopro de observação. Neste ha um irresistivel interesse, interesse que augmenta com a graciosidade de Sally O'Neill, que é uma artista travessa, que alegra a alma. Egualmente muito agradaveis a musica e o canto deste filme revista, que constitue um espectaculo attrahente.

Cotação — BOM

MODERNO FAUSTO

DA TIFFANY-STAHL (Prog. SERRADOR)

Cinema GLORIA — A these não tem novidade, mas é audaciosa. Para arcar com a responsabilidade da figura creada nos studios da Tiffany é preciso, no entanto, ter talento para não cair no ridiculo. Ricardo Cortez póde marcar este trabalho como um dos melhores da sua carreira. Elle é, incontestavelmente, mais actor de palco do que actor de tela. A sua expressão physionomica é um tanto *parada*, falha de emobilidade. Aqui, porém, na transformação feita pela maquilagem, esse pequeno defeito do artista desapparece. O filme, em conjuncto, é uma excellente obra de arte, não obstante os seus intentos de novidade scientifica. A montagem elegante, bellissima; o gosto do decor apurado; a emoção do enredo irresistivel.

Cotação — BOM

A ELEITA DO PRINCIPE

DA COLUMBIA

Cinema PATHE' — Uma bobagem em que ha tiros a granel. Estas cousas architectadas para o enredo deste filme já não são possiveis nestes tempos que vão correndo, de diplomacia ás claras e de policia attenta. E' este trabalho da Columbia um dramalhão á antiga, com processos de emoção... que fazem rir. A direcção recente desta qualidade do filme e a technica, apesar dos *trucs*, não passa da vulgaridade. Fraca cousa emfim.

Cotação — MENOS QUE SOFFRIVEL

A GUARDA NEGRA

DA FOX

Cinema ODEON — Um filme que allia o espirito de phantasia á phantasia do espirito. Accrescente-se que, por um mero acaso, o bello trabalho da Fox apparece no Rio precisamente quando o mundo está de olhos presos no ambiente dentro do qual se desenrola a maior parte da acção. Neste ponto o trabalho da Fox é dum realismo surprehendente. Aquelle mundo indiano, multidão de párias eternamente illuminados por um fanatismo religioso e patriotico, é retratado com estupenda verdade, se não mentem os homens que sobre elle escreveram. Os que procuram dar-nos uma impressão rigorosa do caracter britannico são perfeitos. Na interpretação, Mac Lagen encarrega-se de nos desanuviar o coração das scenas emocionantes. Um excellente filme.

Cotação — BOM

GOAL! GOAL!

DA FIRST

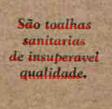
Cinema ELDORADO — Confessamos com muito prazer que de *bola* não percebemos nada. Este filme deixou-nos, por isso, absolutamente sem interesse no seu desenvolvimento, o que parece aconteceu a meia duzia de creaturas que comnosco estavam na sala do "Eldorado", em geral tão concorrida. O enredo amoroso, synthese de todo o desenvolvimento de comedias na tela, é, alem de banal, duma simplicidade de comedia de roça. Valoriza-o um pouco a interpretação de Douglas Fairbanks Junior. A technica é que merece neste logar a

Cotação — SOFFRIVEL

A dama de sociedade . . .
necessita MODESS

Ha compromissos sociaes inevitaveis até mesmo nos dias de indisposição. Que tranquillidade poder contar com Modess, a toalha sanitaria moderna! Modess é um novo producto de um conhecido e reputado fabricante: Johnson & Johnson. Os seus chimicos descobriram a substancia que se usa no chumaço. É muito mais absorvente que a de qualquer outra toalha e, no entanto, dissolve-se inteiramente na agua sem ser preciso cortal-a. O enchimento é collocado na forma de flocos suaves e leves que se ajustam melhor ao corpo e offerecem uma commodidade até agora desconhecida.

A gaza é acolchoada por um processo patenteado que a suaviza. Um dos lados é impermeavel para proporcionar melhor protecção. Isto evita dissabores e resguarda os vestidos de fazendas mais leves e delicadas.

Experimente um pacote de Modess e convença-se de suas innumeraveis vantagens. Todas as boas pharmacias, drogarias e lojas de roupa vendem Modess.

MODESS

A TOALHA SANITARIA MODERNA

É um producto de Johnson & Johnson, a firma de confiança.

122

Conquistar-me! use

PETROLEO LAMBERT

Evita a caspa, calvice e faz nascer cabello

Nas doenças do apparelho respiratorio!

Attesto que tenho feito emprego do

"VINHO CREOSOTADO"

do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira, colhendo deste emprego resultados satisfactorios e encorajadores nas doenças do apparelho respiratorio.

Bahia, 8 de Janeiro de 1925.

Dr. Adolpho Bahia de Mendonça.

TOSSES, BRONCHITES, CATARRHO PULMONAR, DOR NAS COSTAS E NO PEITO, RESFRIADOS e FRAQUEZA GERAL, desapparecem radicalmente com o uso do

"VINHO CREOSOTADO"

do Pharmaceutico-Chimico João da Silva Silveira.

SOLTEIROS "FOR EVER"

de *CARLO LINATI*

O vasto pateo do Asylo era dividido em dois por uma rêde metallica. Ao derredor de todo elle, enfileiravam-se alojamentos modestos, e o solo era nú, de terra batida, salpicado aqui e alli de grama rala. Na parte norte do pateo, passeavam os velhos do Asylo, e, na outra, as velhas, as pobres mulheres refugiadas no instituto.

Era, o conjuncto, um quadro de velhice serena e de miseria resignada. Alli iam terminar os seus dias aquelles tristes destroços da vida, creaturas desgraçadas que arrastavam no descambar da existencia a recordação de suas decepções e desventuras. Alojavam-se em cellas esqualidas e faziam as refeições no refeitorio do estabelecimento. Terminadas ellas, se o tempo estava bom, sahiam para apanhar um pouco de sol lá fóra: os velhos fumavam cachimbo e passeavam juntos, palestrando; as mulheres ou faziam *tricot* ou sonhavam, sentadas á parte. Não se achara necessario barreira mais forte entre os dois sexos, porque todo mundo pensava que tanto de um como de outro lado estivessem definitivamente mortos os enthusiasmos e a effervescencia da juventude e que a moralidade do instituto se encontrasse sufficientemente defendida pela sebe metallica. E' preciso, todavia, confessar que algumas vezes ella se tornava, de bôa vontade, cumplice de saudações galantes enviadas pela parte masculina á feminina e, outras, de *flirts* tambem...

Lá, no fundo do pateo, na velha divisão havia, por exemplo, um banco encostado á rêde e ao qual correspondia, do lado opposto, um outro banco, na repartição das mulheres. Nelles vinham-se assentar, lado a lado, um velho e uma velhinha. O velho era um homem ainda entesado, robusto, com uma barba á Cialdini e um ar sombrio e um pouco grave de solitario, e ella, uma velhinha miuda e graciosa, toda escovada e bem posta em sua coifasinha de linho e na sua tunicasinha negra.

— Clotilde!... — murmurava o velho todas as vezes que via chegar a companheira.

— Mansueto... — respondia ella, baixinho.

Assentavam-se depois tranquillamente.

O homem tirava do bolso um grande cachimbo que enchia meticulosamente de tabaco, emquanto a mulher se punha a tricotar. Palavras lentas e affectuosas trocavam-se em surdina entre os dois, como entre velhos amigos.

Elle fôra durante muitos annos gravador ás ordens de um famoso esculptor da cidade. Mas tendo um dia o esculter fugido por se encontrar crivado de dividas, Mansueto, velho já, ficara ao Deus dará, e, depois de ter vivido muitos annos de promessas e de caridade, acabara por entrar no Asylo e abandonar-se á piedade dos governos. A historia de Clotilde era ainda mais simples. Fôra sempre ama secca. Orphã desde pequena, andara de familia em familia, sempre a cuidar de creanças, a contar-lhes historietas, a conduzil-as em carrinhos pelos jardins. Batera, afinal, á casa do esculptor, e Mansueto se enamorara della. Depois de alguns mezes de idyllio, trocaram promessas de casamento, mas a fuga inesperada do esculptor e o abysmo em que lançara a familia dissuadiram-n'os daquella idéa. E d'ahi por diante, a vida fôra dura para ambos, e cada um a levava como melhor podia, na cidade, por conta propria. Na realidade, não passavam elles de dois grandes egoistas que tinham muito amor á liberdade e della não se queriam separar. Para que iam se casar? — diziam-se reciprocamente. Por que affrontarem, pobres assim, uma vida cheia de riscos e de difficuldades? Preferiram, então, separar-se honestamente. Escreveram-se diversas vezes, depois as cartas foram diminuindo, até que se esqueceram um do outro.

Muitos annos se passaram. Clotilde continuou a servir nas casas como aia de creanças, e Mansueto a morrer de fome na tristeza dos marmores funereos.

Eis, porém, que, agora, os dois solteirões, como por uma ironia do destino, velhos, desdentados já, sem mais illusões, encontraram-se naquelle estabelecimento de caridade, separados por aquella rêde metallica. Tinha cada um agora vinte annos de mais ás costas, e o encontro de ambos foi como o encontro de dois phantasmas. Mas na recordação dos annos passados e do pouco de amor existente entre os dois, queriam-se ainda e recomeçaram o idyllio interrompido.

Mansueto chegava sempre á entrevista com alguma flôr ou algum doce escondido na mão para a companheira, e ella lhe entregava um collete ou umas calças que recebera delle para remendar.

Emfim, queriam-se bem, muito bem na verdade.

— Só os annos fazem com que a gente se comprehenda! — diziam elles.

E adoravam-se como duas creaturas que tendo provado todos os desenganos e todas as intemperies da vida, não pedem á sorte nada mais do que um pouco de affecto.

Foi assim que um dia Mansueto chegou muito ufano com uma proposta.

— Escuta, Clotilde, — disse elle. — Por que não fazemos agora o que não fizemos ha muitos annos?

— E o que é? — perguntou Clotilde.

— Casarmo-nos.

A velha olhou bem fixamente o seu companheiro, depois deixou explodir uma risadinha.

— Não, não, fallo serio, — replicou Mansueto. — Olha, tenho de parte cinco ou seis mil liras.

— Oh, se é por isto, — rebateu Clotilde, tive tambem eu a prudencia de pôr de lado algumas economias.

— E então? — exclamou Mansueto. — A cousa me parece muito simples. Aluga-se um quartinho mobilado na cidade, e está tudo feito... Ganharei alguns cobres modelando estatuetas e tu os ganharás tambem trabalhando durante o dia em casas de familias.

A proposta não pareceu de todo má a Clotilde. A idéa de não morrer tia sorria-lhe; a idéa de poder dizer que tinha tambem o seu homem, a sua casa, uma casa só para ella!

Uma vez decidida a questão, não viveram senão na ansia e na espectativa do dia marcado. Como dois jovens noivos, passavam horas inteiras a discorrer sobre a acquisição de um *buffet* ou de

Solteiros "for ever"

(Conclusão)

uma bateria de cozinha, e rejuvenesciam vinte annos discutindo onde deveriam collocar, no novo appartamento, um vaso de geranios ou pendurar a gaiola dos canarinhos.

Até que chegou finalmente o dia magnifico em que deviam apresentar-se á Madre Superiora para communicar-lhe a grande nova: que deixavam o Asylo e que dentro de dois dias estariam casados.

Clotilde, naquella manhã, apresentou-se á entrevista mais curvada do que de costume. Estava triste, contrariada.

— Clotilde... — chamou-a affectuosamente Mansueto. — Que aconteceu?

— Ella parou, um pouco hesitante, com a cabeça baixa, sem responder, depois assentou-se de repente, como vencida, e collocou-lhe uma das mãos sobre o hombro:

— Escuta, Mansueto. Pensei bem no passo que vamos dar.

— Sim? E d'ahi?

— E d'ahi, Mansueto, penso que seria uma loucura, um momento de desvario.

— Mas o que é que seria tudo isto?

— O que pensamos, o nosso casamento.

— E d i z e s semelhante cousa agora. Mas não está tudo combinado já?

Ella o fixou ainda um pouco, depois, de chofre, num gesto brusco, puxou para traz a touca e mostrou toda a desolação da pequenina cabeça, com falhas de cabello aqui e alli, prateada como um idolo.

— Olha! — exclamou ella.

Mansueto quiz, então, desesperar-se.

— Mas não, mas não, absolutamente! Agora atiras as cartas á mesa!

E todo offendido poz-se a caminhar abaixo e acima no pateo, expellindo grandes baforadas de fumo do seu cachimbo.

Deteve-se, afinal, diante de Clotilde e foi erguendo pouco a pouco o olhar para ella. Foi, então, como se a reconhecesse naquelle momento, e pareceu comprehender. Mas sim, sem duvida, tinham sido um pouco loucos em sua resolução!

A tarde vinha chegando e a luz de um bello descambar de sol de Fevereiro punha no pateo uma quente penumbra triste e avermelhada. Uma grande paz se estendia pelo recinto.

Elle estendeu a mão para ella, que a prendeu entre as suas, por sobre a cerca metallica.

E ficaram um pouco a olhar-se assim, naquella penumbra, velhos que eram, velhos cujos annos sommados quasi se aproximavam de um seculo.

— Até a vista, Clotilde.

— Adeus, Mansueto... E sem rancor.

* * *

Alguns dias depois, encontraram-se de novo nos bancos junto á rêde. Estavam ambos alegres e fallaram do seu proposito como de uma cousa passada, morta já.

— Mas sabes que eramos dois malucos quando andavamos a pensar em casamento?

— Escapamos de bôa, hein?

— Oh! Clotilde, que queres? Solteiros nascemos e fomos destinados a ficar solteiros eternamente. Casarmo-nos? Mas se estamos tão bem assim!

Comece bem o dia!

RICO em energia, o Quaker Oats é incomparavel para a primeira refeição. É um alimento delicado e delicioso, facil de comer, facil de digerir e, todavia, cheio de elementos nutritivos.

Os seus ingredientes restauradores sustentam o corpo durante as cinco horas da manhã em que é feito 70% do trabalho do dia. É o inimigo da dôr de cabeça matutina, da fadiga, e da fóme no intervallo entre as refeições.

As pessoas sentem-se mais bem dispostas, trabalham melhor com uma primeira refeição de Quaker Oats— todos os dias!

Quaker Oats

671

VESTIR
SEMPRE MODERNOS
E AUTHENTICOS
PADRÕES INGLEZES
COM
ARISTOCRATICA
ELEGANCIA

54

RUA DA CARIOCA

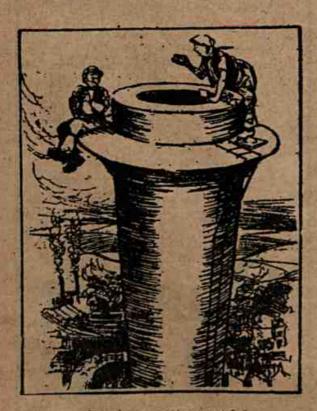
ALFAIATARIA
GUANABARA

REPARAR O QUADRO
NA VITRINE
COM O N — 54 —

ESPIRITO ALHEIO

O ladrão. — Preciso usar oculos. E' esta a segunda vez que subo pelo pão da bandeira julgando subir pelo cano de agua...

— Qual é o menino mais intelligente de tua classe?
— E' Pedrinho Gonçalves.
— Por que?
— Porque é o unico que póde mover as orelhas e escrever com a mão esquerda.

— Virgem Santissima! Queres dizer-me o que [fizeste] para ficares nesse estado, menino?
— Não posso, mamãe. E' um segredo profissional.

— Por que não pedes augmento ao patrão?
— Não tenho coragem. Eu sou um homem tão timido...

Elle. — Juro que te amarei toda a vida.
Ella. — Meu Deus, que monotonia!...

PASTILLES VALDA
pour le TRAITEMENT Rationnel & Energique des Maux de Gorge, Laryngites, Enrouements, Irritations, Rhumes, Toux, Bronchites, Grippes, Influenza, Catarrhes, Asthme, etc.
MALADIES DES VOIES RESPIRATOIRES
ACTION MERVEILLEUSE
ÉTABLISSEMENTS PASTIVAL
PARIS
APPROVADO em 22 de Março

UMA

PASTILHA VALDA

na bocca

é um resguardo

contra as dôres de Garganta, Constipações, Rouquidão, Defluxos, Bronchitas, etc.

é o allivio instantaneo

da Oppressão, das crises de Asthma, etc.,

é o bom remedio

para combater todas as molestias do Peito.

Recommendação muito importante:

PEDIR, EXIGIR

em todas as Pharmacias

As Verdadeiras Pastilhas VALDA

vendidas somente EM LATAS com o nome VALDA

Encontram-se em toda sas Pharmacias e Drogarias

APPROVADO PELA HYGIENE DO BRAZIL EM 22 DE MARÇO DE 1912 SOB O NUMERO 268 - FORM.: MENTHOL 0,002, EUCALYPTOL 0,005 F. PAST.

A SONORIDADE TORNOU O

FAMOSO

Prova suprema para todo o gramophone ha-
ser sempre a SONORIDADE. O novo Sa-
Decca portatil póde murmurar a parte mais
ave dum canto favorito, tão facilmente como
de produzir a symphonia mais sonora. A ex-
ordinaria belleza da sua SONORIDADE é
vida á unidade da sua audioscopia. Mesmo
aparelho com o mais caro gramophone, o
aravilhoso Salão Decca affirma facilmente a
periodidade da SONORIDADE.

Informações para o commercio:

CARLOS HAERING

Rua Primeiro de Março, 28 — RIO DE JANEIRO

SILVEIRA MARTINS

O verdadeiro nome do conselheiro Gaspar da Silveira Martins é Gaspar Martins da Silveira. Isso, pelo facto muito simples de se chamar o pae delle Carlos Silveira; e a mãe, Maria das Dores Martins, a qual, depois de casada, compoz assim o nome: Maria das Dores Martins da Silveira. Agora, a razão pela qual inverteu o extraordinario tribuno os appellidos de familia, afigurando-se-nos interessante, passamos a explicar:

Desde Gaspar muito criança, manifestava o coronel Carlos da Silveira grande desejo de o educar de modo a vir o filho ser-lhe o substituto na direcção das fazendas que possuia: Aceguá, no Estado Oriental; Rincão do Pereira, Carpintaria, na campanha do Rio Grande do Sul; e mais outra, cujo nome deve ser Pombo Azul.

Aos doze annos, veio de Bagé o menino Gaspar para o collegio de Pedro Domingos, em Pelotas, e estudava com tanto gosto, que o director daquelle estabelecimento de ensino ficou encantado pelo novel estudante. E Pedro Domingos, sempre que tinha opportunidade de falar ao coronel, não occultava a sua admiração pelo filho deste. Com sympathia, porém, Carlos da Silveira não acceitava as razões pelas quaes o director assim se manifestava: era o menino muito applicado, queria saber demais, e não gostava o velho de sabios em casa; desejava somente soubesse elle ler com desembaraço, escrever alguma cousa com cuidado, e, na sciencia dos numeros, resolver com segurança as quatro operações fundamentaes. Queria-o para dirigir as fazendas, e não para doutor.

Taes fôram, porém, as manifestações epistolares do director, que resolveu o coronel positivamente vir buscar o menino, antes que o botasse a perder o Pedro Domingos com as suas bobagens, elogios inuteis, com tanto exagero!

E veio. Gaspar, no entanto, confessou ao pae a negação para a vida do campo e a loucura pelas letras: não era pobre o progenitor, e muito bem podia formal-o em direito. Era-lhe o sonho dourado... Tinha tanta vontade!...

O velho, consoante lhe retorquiu immediatamente, não estava de accôrdo.

Gaspar, ainda naquelle tempo em que o respeito ao pae se confundia com o temor, não conteve a rebeldia que todo o pequenino ser reprimira, e desobedeceu-o.

— Não iria para a fazenda, — retrucára, indignado, o coronel, mas então iria trabalhar no commercio.

Mais uma vez foi desobedecido.

O velho já não conteve a raiva que delle se apoderára, e castigou-o corporalmente, alli mesmo.

Acudiu o Pedro Domingos, a affirmar de modo categorico, o alumno Gaspar no collegio delle, daquelle momento em deante, não pagaria um ceitil. Teria immenso prazer em educal-o.

Não precisava o coronel Carlos da Silveira de favores em beneficio do filho. Não queria formal-o, pelo simples facto de lhe carecer do auxilio para dirigir as fazendas, pois ninguem havia nas condições deste para o substituir na direcção dos negocios.

E lá voltou Gaspar para Bagé onde, por castigo, ficou empregado em um estabelecimento commercial de primeira ordem.

Grande foi o desgosto do menino, e tão grande que, poucos dias depois, fugiu dali e foi a Pelotas, onde clandestinamente conseguiu passagem num navio cargueiro com destino á Côrte.

Poucos dias mais, eil-o, satisfeito, no Rio, empregado como copeiro em antiga hospedaria carioca, até quando fôsse possivel descobrir a residencia do tio Martins. Era este o irmão querido de dona Maria das Dores e pessôa popular na Metropole.

Muito geito, está claro, não tinha o futuro ministro da Fazenda de Pedro II para a nova profissão transitoria, mas felizmente não tardou em descobrir o bom tio, que o chamou a si e o educou á contragosto de Carlos.

Este, durante alguns annos, não queria ouvir pessôa alguma falar no nome do filho; de modo notavel, porém, ia firmando-se a personalidade intellectual do estudante, e cedeu o pae severo ás instantes supplicas da mãe piedosa e digna esposa.

Quando a fazer brindes, discursos academicos, perguntavam quem era aquelle moço tão intelligente, respondiam:

"É o Gaspar Silveira, sobrinho do Martins".

Tantas vezes repetiam "o Silveira, sobrinho do Martins", que, por fim, iam abolindo "o sobrinho", para dizer familiarmente: "o Silveira Martins".

E o preexcelso gaúcho, é authentico, afim de não contrariar o costume do povo, definitivamente resolveu assignar-se, em vez de Gaspar Martins da Silveira, — Gaspar da Silveira Martins.

De
HORMINO LYRA

FLORES DO CAMINHO

ANTONIO PRESTINENZA

TODO pensamento de mulher transportava-se *lá para cima*, como uma flôr colhida na estrada, e muitas vezes a estrada estava muito proxima dos tumulos rasos, e a flôr não era mais do que um beijo colhido no mysterio das noites de Friuli, emquanto no horizonte embravecia o estrondear interminavel e terrivel, e lividos jactos de luz desenhavam sobre a planicie o espectro frio e escarnecedor da morte.

Algumas vezes era a pequena aventura dos dias de licença, nos primeiros tempos de guerra, quando a guerra era ainda para todos uma fabula inverosimil, e a licença uma vertigem alegre e estouvada, uma successão de dias faceis e loucos, seguindo-se um unico pensamento fixo, martellante: *"E' preciso voltar"*.

A mãe e as irmãs mettiam de novo, com todo o cuidado, toda a attenção, as roupas na mala, com mais experiencia do que da primeira vez. Mas se esqueciam sempre de que tal ou tal objecto era inutil *"lá em cima"*.

A' partida, uma mulher olhava, do trem, com olhos immoveis, o rosto lacrimoso da pobre mamãe.

— Tem coragem? Escreve... Um bilhetinho todo o dia...

A multidão, azafamada, chocava-se, empurrava daqui e dali as quatro chorosas creaturas que repri-miam a custo os soluços; o rumor do trem que partia cobriu-lhes as palavras.

A mulher voltou-se então:

— Vae para as trincheiras? Pobre de sua mamãe!

No silencio, agora, o tenente sentia sobre si o olhar suave da desconhecida, que tinha uns olhos côr de violeta entre cilios muito longos.

* * *

"Como era joven! Um rapazola quasi, um pequeno combatente, orgulhoso e triste", pensou ella comsigo.

— Vou a Veneza com minha mãe.

E indicou-lhe, ao fundo do compartimento, uma velha gorda, que dormitava.

Falaram de Veneza, e de muitas outras cousas, e era como se tivessem esquecido a guerra, e as palavras da mulher tinham o tom gentil e amoroso com que as mães contam aos filhos as fabulas maravilhosas que para sempre se gravam nos corações e se assemelham a sonhos e fantasias.

— Em Veneza ha uma casa pequenina que me espera; ha um terraço escondido entre trepadeiras e uma goteira onde ha ninhos de andorinhas. A' noite, o mar vem chocar-se num doce murmurio com os degráos da soleira da porta...

Alguns viajantes que subiram afanosamente, carregando "valises", empurraram-nos, separando-os.

— Vão mais para deante. O trem está vasio — aconselhou uma voz aos que acabavam de chegar.

Encontraram-se novamente sós, muito proximos um do outro.

O trem não tinha partido ainda. A noite, ennevoada, punha aureolas amarellas em torno das lampadas da estação, por detraz da qual se ouviam os rumores da cidade sob o peso do céo negro, onde poucas estrellas scintillavam.

Um comboio passou rapidamente para uma linha de desvio e deteve-se sem fragor: transporte de feridos; momento de silencio e de dôr.

A guerra penetrou tragicamente no silencio.

Então, o official tomou a mão da companheira sem tremer.

* * *

Como é doce ás creaturas beija-rem-se assim com uma tão fresca e viva doçura, correndo para o ignoto! Sussurrarem-se, alternativamente, alegrias pueris, ás quaes o coração não póde dar senão um momentaneo e distrahido assentimento; unir quasi o destino á morbida felicidade que floresce na bocca de uma companheira desconhecida, como o peregrino que se desaltera na fonte inesperadamente descoberta entre as rochas e esquece que a sua estrada se estende, branca e infinita, ultrapassando o horizonte, attingindo as nuvens mais afastadas; ou, como o soldado obscuro que, na noite de marcha tormentosa, detem o olhar numa janella illuminada, que sorri entre as estrellas com seu esplendor lunar.

* * *

A velha gorda chama:

— Margarida!

Ella estremece e, emquanto se aproxima, caminhando pelo corredor, entre a luz esbranquiçada do novo dia, sente no coração o peso de toda a sua vida.

A velha tem um modo singular de sorrir.

— Por que lhe disseste que era tua mãe? Vem comnosco, elle?

— Não — responde a outra, um pouco pallida. — Vae para a guerra. Chamaste-me para saber isto? Deixa-me em paz.

— Comprehendo. Fazes-te de ingenua com o officialzinho. Um jo-

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno .... 40$000
Semestre .... 22$000
Venda avulsa
em todo o Brasil, 1$000.
As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
Redactor-chefe: Thesoureiro:
Gustavo Barroso Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
53, Rua Republica do Perú, 55
(Antiga Assembléa)
Telephones: Director: 2-0877. — Administração: 2-4136
Caixa Postal 17
RIO DE JANEIRO

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 1 - sob. Caixa do correio 1411.
Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C., 9, Rua Tronchet, Paris — 18, 11, 12, Ludgate Hill, Londres.

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO"

ULTIMAS NOVIDADES

32$ Fina pellica envernizada preta, guarnições de couro de cobra estampado. Luiz XV cubano medio.

35$ Em naco branco lavavel guarnições de chromo marron claro. Luiz XV cubano medio.

30$ Em camurça ou naco branco, guarnições de chromo côr de vinho, salto Cavalier mexicano. Rigor da moda.

35$ Lindo naco branco ou camurça com vistas e guarnições de bezerro côr de vicho. Luiz XV cubano médio.
Porte 2$500 em par.

ALTA NOVIDADE

Lindas alpercatas de chitão florido em diversas côres, toda forrada de couro.

Os ns. 17 a 26 .... 8$000
Os ns. 27 a 32 .... 9$000
Os ns. 33 a 40 .... 10$500

Porte 1$500 em par.

CATALOGOS GRATIS, PEDIDOS A

JULIO DE SOUZA

AVENIDA PASSOS, 120 - RIO

TELEPH. 4 - 4424

Terá Olhos Como Estes

Se os banhar com LAVOLHO. Olhos bellos são olhos limpos. Um collyrio apropriado preserva a saude das membranas internas e impede o envelhecimento dos olhos. Já fez alguma vez a lavagem antiseptica dos olhos? Experimente o LAVOLHO e verá o seu novo aspecto e como elles se sentem.

Licções de lingua Italiana

pelo Profr. EUGENIO ORFEO

Rua Leopoldo Miguez 139
(Copacabana)
Tel. Ipanema 0315

OLEO de FIGADOS de BACALHAU de BERTHE

O Unico approvado pela Academia de Medicina de Paris

O melhor Fortificante

BRONCHITES CHRONICAS
TEMPERAMENTOS DEBEIS
FRAQUEZA
CONVALESCENÇA
RACHITISMO
RHEUMATISMOS CHRONICOS

Deposito geral
Casa FRERE
19, rue Jacob, PARIS

Appr. D. N. S. P. em 21 de Abril 1927

Flores do caminho

(Conclusão)

estúpido. Estou alerta agora. Elle, sim, é um ingênuo. Um rapazola ainda.

Margarida anseia num soffrimento de dôr e de cólera. E não responde.

— Facillima cousa enganal-o, e tu tens o ar de uma collegial.

— Era isso só o que me querias dizer?

Faz por sahir.

— Escuta, onde tens os cobres roubados? Estão ainda na tua carteira? Façamos as contas. Não é melhor fazel-as immediatamente? Elle não vê, não entrará aqui para procurar-te.

— Aqui, não. Em Veneza.

— E' melhor já, é melhor. Adeantei-te mil liras, vesti-te, paguei-te a viagem, acompanhei-te. Já deves ter a bolsa recheada.

Estende as mãos rapaces; mãos que lhe querem roubar não somente o dinheiro, mas a juventude, a vida, a illusão, que lhe querem apertar e despedaçar o coração.

Defende-se.

— Não, não...

Defende-se tenazmente, como se aquellas mãos lhe quizessem desnudar tambem.

* * *

— Amanhã — diz-lhe ella, convulsa, ao voltar — amanhã devemo-nos separar, mas deves guardar-me no coração como o pensamento doce da vida. Sempre.

Carros descobertos de um trem de mercadorias passam com carregamentos de rolos de arame farpado.

— Naquelles espinhos é que ficam os bocados de carne dilacerada? Que cousa triste é a guerra!

Uma estação.

— Tem sêde? Quer descer?

De longe, um capitão sorri ao tenente. Aproxima-se.

— Volta da licença? Eu vou agora.

— O regimento está na linha de fogo?

— Sim, está. Quem é aquella dama?

— Minha noiva. Margarida, vem cá; apresento-te o capitão Marelli.

O capitão inclina-se deante da figura feminina, que se illumina de um sorriso bellissimo.

— Bravo. Acompanha-o até Udine?

— Não, até Mestre.

Vão juntos para o café. Os dois homens se fazem muitas perguntas em voz alta.

De repente, tilinta o signal de partida; ouvem-se ruidos de portinholas que se abrem e fecham; trocam-se apressadamente saudações.

— Adeus, felicidades!

— Feliz licença!

Elle faz subir Margarida, suspendendo-a nos braços como a uma menina, e ella sorri, abandonando-se.

— Desagrada-te que te tivesse apresentado como minha noiva?

— Não, sou feliz com isto.

Depois, quando em seus logares no carro, Margarida olha-o longamente nos olhos. E diz:

— Não venha. Espere-me aqui.

Volta-se algumas vezes ao longo do corredor e parece indecisa.

E o tenente, que fica a contemplar da janella a planicie profunda, cortada por innumeras alas de cyprestes, não vê a joven mulher prostrada aos pés da velha dar-lhe loucamente todo o dinheiro, obrigal-a a comprometter-se que não lhe dirá cousa alguma e deixal-o voltar para a guerra com uma pura lembrança de amor na alma, supplical-a assim como se pode supplicar á vida que apague de nossa memoria o estigma de uma vergonha inolvidavel.

VERSOS

MAGNIFICAT

Trago a ti as essencias olorosas
de incenso, benjoim, sandalo, myrrha e nardo,
para perfumar tuas mãos, teu corpo ardente.
E essas flores: as mais frescas rosas,
a floração mais branca e fragrante do cardo,
as acacias da mais alta ramada
cahindo em cachos de ouro,
para enfeitar
os caminhos por onde has de passar.

O sol será mais louro,
o céo mais azul, a terra mais festiva,
o passaredo mais taful, contente.
O vento cantará as encantadas
balladas de antigamente,
e as estrellas, frementes de alegria,
deixarão cahir lagrimas de ouro,
nesse dia.

E tu has de passar, pisando rosas,
corpo perfumado, as brancas mãos cheirosas,
vibrando de orgulho, vibrando de amor.

Irei comtigo, e em toda a parte,
em marmore, farei elevar immorredouras
obras de arte,
para que as gerações vindouras
revivendo os sonhos dessas frias lousas
se-lembrem que os homens passam,
mas ficam as cousas.

Bastos Leite

COPIA DE CARTA...

... poderá adormecer sempre no sonho dellas,
na hora do orgulho ideal! porque as pinto ao meu gosto:
— Harpas de carne e som no invisivel do rosto, —
rosas tontas de luz no eslpendor das capellas!

Sabes: ha de pungir um sol cançado e posto
a um sentimentalista innócuo de procellas;
— sempre o Poente esposou as meigas Tardes bellas, —
e os beijos da Emoção o affecto de um desgosto!

... Contam que o sabio Deus, (bem raivoso e injuriado,
— porque a Serpente um dia enganou Eva e Adão, —
fazendo-lhes conhecer um divino peccado),

lhes tirou o immortal, matou-lhes o esplendor...
Por isso, amigo meu, escuto o coração,
nessa eterna embriaguez olympica do amôr!

José Pinho

(Do livro em preparo — *Clarões...*)

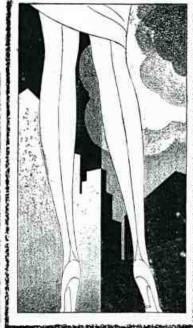
EMIGRAÇÃO

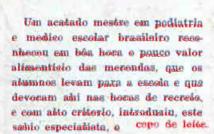
O lar dos nossos trêfegos amôres
Era uma branca e pobre palhocinha...
Um dia, eu disse, vendo-a tão sem côres:
— "O castello é o logar de uma rainha!"

E ella foi d'um castello a princezinha,
Inundando-o de luz e de fulgôres.
Mas disse um dia, vendo-a tão sózinha:
— "O logar de uma flôr é entre as flôres!"

E entre as flôres do campo, a mais [illegible]
Eu lhe erigi maravilhoso altar,
Feito de orvalho e pétalas de rosa!...

Agora, contemplando-a tão divina,
Sabem onde a quizera eu collocar?
— No seio de uma estrella peregrina!

Augusto Q. da Fonseca Machado

Acabemos com as merendas desiguaes!

Um acatado mestre em pediatria e medico escolar brasileiro reconheceu em bôa hora o pouco valor alimenticio das merendas, que os alumnos levam para a escola e que devoram ahi nas horas de recreio, e com alto criterio, introduziu, este sabio especialista, o copo de leite.

QUE SENSATA E ADMIRAVEL MEDIDA

Sigamos o exemplo das escolas na America do Norte, onde se dá systematicamente ás creanças, como "lunch", uma bôa chicara do *Leite Maltado Horlick* e onde, por pesagens continuas, é verificado o augmento do peso nas creanças atrazadas, alimentadas com este leite. Isto seria o complemento ideal desta medida louvavel em todos os sentidos.

O *Leite Maltado Horlick* não deve ser posto, quanto ao seu valor nutritivo, em parallelo com o leite de vacca. O *Leite Maltado Horlick* reune em si todas as substancias necessarias para o sustento das nossas funcções organicas, de sorte que o leite de vacca póde ser perfeitamente dispensado.

Paes, Mães, Professores e Autoridades, que tendes que velar pela saúde da nova geração de que depende o futuro da Nação, dae aos vossos tutelados o Leite Maltado Horlick, e em pouco, coroada a vossa iniciativa, vereis creanças sadias, robustas e alegres.

PEÇAM AMOSTRAS GRATIS A:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio. S. Bento, 35 — S. Paulo.